

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Tese

Muitas histórias são importantes
– releituras de vida e tensionamentos epistemológicos

Eliana Peter Braz

Pelotas, 2021

Eliana Peter Braz

Muitas histórias são importantes

– releituras de vida e tensionamentos epistemológicos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Denise Marcos Bussoletti

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B794m Braz, Eliana Peter

Muitas histórias são importantes : releituras de vida e tensionamentos epistemológicos / Eliana Peter Braz ; Denise Marcos Bussoletti, orientadora. — Pelotas, 2021. 295 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Branquitude. 2. Colonialidade. 3. Leitura. 4. Escrita de pesquisa. 5. Literatura. I. Bussoletti, Denise Marcos, orient. II. Título.

CDD : 372.4

Eliana Peter Braz

Muitas histórias são importantes

– releituras de vida e tensionamentos epistemológicos

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de abril de 2021

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti (Orientadora)
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Aline Accorssi
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Eliane Teresinha Peres
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Helene Gomes Sacco
Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Igor Moraes Simões
Doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

BRAZ, Eliana Peter. **Muitas histórias são importantes** – releituras de vida e tensionamentos epistemológicos. Orientadora: Denise Marcos Bussoletti. 2021. 295f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A tese foi concebida como um livro em que uma personagem-autora que *quer escrever* desloca uma personagem da literatura para abordar seus encontros com personagens ficcionais e ficcionalizadas. Esses encontros a encorajam a ler e reler textos e passagens de sua vida com uma perspectiva mais situada, buscando descolonizar suas referências e tensionar o pacto narcísico da branquitude, o pacto de colonialidade de saber e o pacto de leitura e escrita acadêmica. Para escrever sobre esses encontros com a literatura e a teoria, se utiliza do procedimento conhecido como apropriação – em que a autoria se dá pela montagem com fragmentos e elementos de textos alheios, recorrendo a obras de Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Roland Barthes, Gloria Anzaldúa, Conceição Evaristo, Maria Valéria Rezende, Paulo Freire, Marcela Lagarde y de los Ríos, Toni Morrison, Lia Vainer Schucman, Albert Memmi, entre outras. Nesta tese-livro, além das narrativas, a personagem-autora compartilha suas leituras, seus diálogos e discussões com autoras e autores, suas descobertas, seu processo de escrita – experimentados como um grito de indignação e como um convite ao diálogo.

Palavras-chave: Branquitude. Colonialidade. Leitura. Escrita de pesquisa. Literatura.

Abstract

BRAZ, Eliana Peter. **Many stories are important - reinterpretations of life and epistemological tensions.** Advisor: Denise Marcos Bussoletti. 2021. 295f. Doctoral thesis (Education) – Education University, Federal University of Pelotas , Pelotas, 2021.

The thesis was conceived as a book in which a character-author who wants to write displaces a character from literature to approach her encounters with fictional characters and fictionalized characters. These meetings encourage her to read and reread texts and passages from her life with a more situated perspective, seeking to decolonize her references and to tension the narcissistic pact of whiteness, the pact of coloniality of knowledge and the pact of academic reading and writing. In order to write about these encounters with literature and theory, she use the procedure known as appropriation - in which authorship occurs through the assembly with fragments and elements of other people's texts, using works by Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Roland Barthes, Gloria Anzaldúa, Conceição Evaristo, Maria Valéria Rezende, Paulo Freire, Marcela Lagarde y de los Ríos, Toni Morrison, Lia Vainer Schucman, Albert Memmi, among others. In this thesis-book, in addition to the narratives, the character-author shares her readings, her dialogues and discussions with authors, her discoveries, her writing process - experienced as a cry of indignation and as an invitation to dialogue.

Keywords: Whiteness. Coloniality. Reading. Research writing. Literature.

Muitas histórias são importantes

– releituras de vida e tensionamentos epistemológicos

Algumas informações preliminares	1
CAPÍTULOS FICCIONAIS	5
Dedicatória da autora.....	6
PRIMEIRA SEÇÃO [querer escrever]	9
1.....	10
2.....	11
SEGUNDA SEÇÃO [ler-escrever]	13
3.....	14
4.....	15
5.....	17
6.....	19
7.....	21
8.....	23
9.....	27
10.....	31
11.....	33
12.....	35
TERCEIRA SEÇÃO [reler-escrever].....	39
13.....	40
14.....	41
15.....	45
16.....	48
17.....	53
18.....	59
19.....	63

20.....	67
21.....	70
22.....	78
23.....	82
24.....	86
25.....	89
26.....	92
QUARTA SEÇÃO [retorno].....	96
27.....	97
Epílogo	100
CAPÍTULOS NÃO (TÃO) FICCIONAIS	103
28. Uma voz	104
29. O caderno e os livros de Alice.....	106
30. Os cativeiros das mulheres.....	107
31. Origem e ponto de partida.....	113
32. Una literatura difiere de otra.....	114
33. Um teto não basta.....	115
34. Lugar de fala.....	116
35. Como começar pelo início	119
36. A descoberta do outro	120
37. Clarice no quarto de despejo	121
38. Os narradores da literatura brasileira contemporânea.....	122
39. Leitura de homens e leitura de mulheres	132
40. Sair de sob teto que nos protege.....	133
41. Sobre o método.....	135
42. Com licença poética	136
43. Porta de vidro 1	137
44. Deslocamentos.....	138

45. Há tempos diferentes embora paralelos.....	139
46. Importar	142
47. Lugar social de escrita.....	144
48. Ai, palavras... Branquitude	145
49. A personagem autora e a pesquisadora empírica	149
50. A pré-história da pré-história	150
51. Expansão.....	154
52. Culpa branca.....	159
53. Heranças.....	165
54. Um avesso.....	168
55. Os outros: inferno e paraíso.....	169
56. Encaixe	170
57. Ai, palavras... Democracia racial.....	172
58. Paciência.....	176
59. Rebeca	177
60. Releituras.....	178
61. Ai, palavras... Feminismo	181
62. A branquitude e a terreira	182
63. Porta de vidro 2	187
64. Sapiens homo.....	189
65. Racializar o branco	190
66. A dignidade humana das personagens	192
67. Conversa entre amigas.....	196
68. O livro de Rebeca	197
69. Alteridade ou outremização?.....	200
70. Alguém consegue se acostumar com isso?	204
71. Quem tem um teto todo seu	206
72. Retrato da branquitude brasileira	208

73. Invisibilidades	222
74. Muitos não saberão.....	224
75. Sempre se é o nortista de alguém	225
76. Meio intelectual, meio de esquerda.....	228
77. Quando não se pode falar	230
78. Uma leitora que anota	231
79. Uma ferida que não seca nunca.....	233
80. Começar de novo.....	234
81. Meu pai.....	235
82. Armadilhas.....	237
83. Famílias inter-raciais.....	238
84. Expansão 2	242
85. A dos outros dói menos	244
86. La cadena	245
87. Leituras 2	246
88. Clases de literatura	247
89. Leituras	248
90. Cansaço	250
91. Voltando à pré-história.....	251
92. Re-escrita.....	255
Para terminar.....	257
Referências.....	267

Algumas informações preliminares

Esta *tese-livro* é, à sua maneira, muitos livros, mas é acima de tudo dois livros¹. Um é composto por exercícios de escrita ficcional [*Capítulos ficcionais*]; o outro é composto pela reunião dessas ficções a ensaios teóricos, citações, recortes de fontes diversas, anotações [*Capítulos não (tão) ficcionais*], que dizem respeito ao tema da “obra”, ao processo de escrita e suas escolhas teóricas e metodológicas.

Os *Capítulos ficcionais* estão divididos em quatro seções: na primeira, é apresentada uma personagem-autora que *quer escrever*; a segunda é o trabalho de escrita dessa personagem-autora, que desloca personagens ficcionais e ficcionalizadas para seu texto; a terceira é o produto da escrita da personagem principal da segunda seção; na quarta seção, as personagens se fundem. Isso, dito assim, parece bastante complexo e confuso, mas a escrita e o estilo deste trabalho assumem os contornos de uma pesquisadora que fez do seu ritual de iniciação um recurso para dizer dos encontros e desencontros, das angústias e do prazer de um conhecimento que quer se reivindicar vivo. Se fujo do convencional, espero que ao final da leitura isto fique melhor compreendido, transparecendo os outros tantos motivos que fizeram desta fuga algo tido como inevitável². Os *Capítulos não (tão) ficcionais* abordam os temas que se destacam nos *Capítulos ficcionais* conforme eles se apresentam.

O procedimento de composição é marcado pelo que Nicolas Bourriaud definiu como “pós-produção”. Desde a década de 1990, diz ele, as noções de

¹ Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, [1963], 2019, p. 4.

² Denise Marcos Bussoletti, *Margaridas sem terra: identidade em representação*, 2010, p.10.

originalidade (estar na origem de...) e mesmo de criação (fazer a partir do nada) esfumam-se nessa nova paisagem cultural, marcada pelas figuras gêmeas do DJ e do programador, cujas tarefas consistem em selecionar objetos culturais e inseri-los em contextos definidos³. É a cultura *pop*, do *remix*, do *sampler*, do *mash-up* deslocada das artes visuais e da música para a literatura, esta senhora que às vezes demora a admitir as novidades (embora se utilize delas desde sempre). Assim, leitor e autor se reúnem numa figura só, dando origem ao autor-montador, deslocador, manipulador, autor-curador⁴.

Na década de 1960, Roland Barthes questionou dois fundamentos de uma ideia de autoria. Primeiro, aquele de que o autor seria uma origem daquilo que é disparado por meio de seus livros. Segundo, o de que o autor e a sua vida seriam fontes para interpretar tais escritos. Barthes reformula as duas questões, afinal, para ele, o texto seria um “tecido de citações”. De onde vem a chamada “voz” ou mesmo “estilo” de um autor senão de tudo aquilo que o autor já leu, ouviu, viu, viveu? Quando o autor escreve, não estará fazendo uso de toda essa bagagem e experiência, que não são só dele? Como pensá-lo, então, como uma origem? Pela sua mão não passam palavras, frases, ideias, expressões que capturou dos outros? Sim, é claro, e por isso o autor não é uma origem do texto que ele veicula nem a biografia do autor pode explicar o seu texto. Vemos assim, em Barthes, um pensamento sobre a apropriação e a autoria. No entanto, a diferença do “tecido de citações” do qual ele fala para as práticas de apropriação das quais falo aqui é que elas são uma espécie de radicalização no seguinte sentido: o tecido de citações se torna consciente, manifesto, declarado e

³ Nicolas Bourriaud, *Pós-Produção: como a arte reconfigura o mundo contemporâneo*, [2004] 2009, p. 8.

⁴ Leonardo Villa-Forte, *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*, 2019, p. 27.

entusiasmado⁵. Sem angústia, o autor vive o êxtase da influência⁶. Por isso, detalho tanto quanto posso as referências e alusões que utilizo na composição desta tese-livro – sejam elas teóricas, literárias ou mesmo comentários de colegas, professoras e amigos sobre os textos lidos e/ou os esboços de escrita compartilhados. A citação não vem para ilustrar uma ideia. Ela é o texto, ela é a ideia. O fragmento é reproduzido para ser uma das partes integrantes do trabalho, no mesmo nível de outros trechos. Ele não é utilizado para esclarecê-los ou reforçá-los⁷.

Essas citações e apropriações estão grafadas em cinza – como imagino que já se tenha percebido, e é uma ideia copiada do livro de Leonardo Villa-Forte, *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Às vezes, as citações são adaptadas e geralmente são incorporadas ao texto sem a utilização de aspas. Com o seu repertório de leituras, o leitor pode reconhecer a citação ou alusão, podendo conferi-la quando julgar apropriado, sem a quebra no fluxo da leitura em que está atuando. As aspas são utilizadas somente quando há a necessidade de marcar mais explicitamente que aquelas palavras foram ditas por alguém específico.

As referências básicas estão indicadas em notas de rodapé, indicando a autoria, o título da obra e o ano de publicação. As referências completas estão no lugar de sempre, na seção Referências. Acredito que esses recursos possibilitam uma leitura mais fluida, sem a interrupção constante de parênteses

⁵ Ibid., p. 52.

⁶ “êxtase da influência”, expressão de Jonathan Lettem (2012) que sintetiza bem a concepção de escrita a partir de outros textos conscientemente. A expressão faz uma referência à “angústia da influência”, tema discutido pelo crítico e teórico Harold Bloom em toda sua obra. Harold Bloom foi um dos grandes e influentes propagadores do conceito de cânone literário ocidental. Para ele, os grandes escritores buscam romper com a influência de seus predecessores.

⁷ Leonardo Villa-Forte, op. cit., p. 27.

e sobrenomes e datas que contribuem muito pouco com a identificação das obras e menos ainda com a experiência de leitura.

Por fim, gostaria de dizer que o primeiro livro se deixa ler na forma comum e corrente, e termina no Epílogo, ao pé do qual há três vistosas estrelinhas que equivalem à palavra “fim”. Com isso, quem lê dispensaria, sem remorsos, o que vem depois⁸, porém, dessa forma, deixaria de acompanhar o processo de composição – que, ao fim e ao cabo, é o que mais importa. Assim, recomendo que se leia começando pelo capítulo 31 e depois na ordem indicada ao pé de cada capítulo⁹ ou clicando no hiperlink, caso utilize a versão digital do texto. Para facilitar a localização dos capítulos no texto impresso, sua numeração se repete no alto das páginas correspondentes a cada um deles¹⁰. Em caso de confusão ou esquecimento, basta consultar a seguinte lista:¹¹

[31](#) – 35 – 50 – 43 – 56 – 0 – primeira seção – 1 – 49 – 42 – 55 – 2 – 39 – 71 – 30 – 75 – 72 – segunda seção – 78 – 3 – 44 – 59 – 4 – 46 – 28 – 5 – 73 – 54 – 6 – 29 – 63 – 34 – 47 – 33 – 53 – 61 – 48 – 57 – 7 – 40 – 36 – 8 – 64 – 37 – 69 – 9 – 38 – 10 – 32 – 60 – 92 – 11 – 41 – 12 – 87 – 58 – 68 – terceira seção – 77 – 80 – 13 – 86 – 14 – 62 – 15 – 65 – 66 – 45 – 74 – 16 – 67 – 70 – 79 – 82 – 81 – 17 – 83 – 85 – 18 – 19 – 20 – 76 – 21 – 52 – 22 – 88 – 89 – 23 – 90 – 24 – 51 – 25 – 91 – 84 – 26 – quarta seção – 27 – epílogo – para terminar

⁸ Julio Cortázar, op. cit., p. 4.

⁹ Ibid., p. 4.

¹⁰ Julio Cortázar, *Rayuella*, Montevideo: Santillana, 2013, p. 9.

¹¹ Id., *O jogo da amarelinha*, 2019, p. 4.

CAPÍTULOS FICCIONAIS

Dedicatória da autora

(Na verdade, Eu mesma)

Pois que dedico esta coisa aí a Ângelo e sua doce Clara. Dedico-me à cor rubra muito escarlate como o meu sangue de mulher em plena idade e, portanto, dedico-me a meu sangue. Dedico-me sobretudo às formigas e lagartas que me habitam o jardim e a vida, em constante transformação, por amor, por raiva ou por instinto de sobrevivência. Dedico-me a desfazer as minhas antigas certezas, ainda que nem fossem tantas. Dedico-me a *A Tempestade*, do Shakespeare, mas também a *Todo Caliban*, do Roberto Fernández Retamar, e a *Caliban e a Bruxa*, da Silvia Federici, porque a arte não é inocente. Dedico-me, porque é preciso *delirar o verbo*, ao Manoel de Barros, à Clarice Lispector, ao Gabriel García Marquez, ao Vitor Ramil, à Jarid Arraes, ao Paulo Leminski, ao Valter Hugo Mãe, à Carolina Maria de Jesus, ao Machado de Assis, à Maria Valéria Rezende, ao Julio Cortázar, à Cidinha da Silva, à Toni Morrison. Ao Criolo e ao Itamar Assumpção, que me amolecem os ossos com aquela voz que nem sei como dizer. Ao Gonzaguinha, com seus pontos de interrogação que foram tantas vezes também os meus. Ao Frantz Fanon, à Conceição Evaristo e à Lia Vainer Schucman, que me denunciam e me acusam. Ao Albert Memmi que me mostrou o meu lugar e me alertou sobre algumas impossibilidades de negá-lo e das dificuldades de assumi-lo. À Cida Bento e ao Paulo Freire, que me trazem esperança. À Maria Bethânia, que me apresentou tanta poesia e me ensinou a cortar e colar. Ao Roland Barthes e seu discurso amoroso. Ao Gérard Genette e ao Antoine Compagnon que foram os primeiros a teoricamente me dizerem da literatura

de segunda mão, da escrita por apropriação. Ao Leonardo Villa-Forte, que escreveu o livro que eu precisava. À Gloria Anzaldúa, que nos incentiva a escrever apesar de. À Elza Soares, que rasga a voz e minha memória do cóccix até o pescoço desde aquele rádio à válvula da casa da minha infância. Aos meus colegas dos Seminários “Atrasados” do Programa de Pós-Graduação em Educação, “atrasados” porque – cronópios que somos – tantas vezes escolhemos as disciplinas a cursar pelas pessoas com quem queríamos conviver mais do que pelo tema, pelo referencial teórico, pelos créditos, e daí que, às vezes, não conseguíamos acompanhar bem as leituras, mas tínhamos tardes e noites memoráveis. Aos meus colegas do NALS e do GIPNALS, que me incentivam e até me “obrigam” a experimentar as suas artes – e não por acaso também fazem parte dos Seminários Atrasados. À minha orientadora que sabe rir e fazer rir mantendo a seriedade. A minhas amigas e amigos, colegas e professoras que se dispõem a conversar comigo quando o desespero bate e eu não sei mais o que estou fazendo. A todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesma a ponto de eu neste instante explodir em: Eu. Esse eu que é vós pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonta que sou, eu enviesada, enfim que é que se há de fazer senão buscar em alguma teoria, na literatura, na música, na arte, enfim, suportes que possam nos ajudar a pensar o que estamos fazendo e o que podemos fazer neste tempo e neste lugar que nos coube viver, neste tempo e neste lugar que faz uns serem mais ou menos humanos que outros. Neste tempo e neste lugar que, sabemos, não é eterno nem imutável, mas exige compromisso ético e político para mudanças que talvez nunca possamos ver efetivadas. O que me atrapalha a vida não é escrever. É que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar

chorando. Ou rindo. Rindo da nossa incapacidade de amar e mudar as coisas, rindo do nosso deleite teórico que nem toca na realidade imediata. Rindo, de nervoso que seja, dos prazos que se esgotam, das exigências e das imposições e autoimposições sem sentido de quando tínhamos liberdade de dar um abraço nas pessoas queridas.

Esta história acontece e é finalizada em estado de emergência e de calamidade pública. Como se já não bastassem a desigualdade social, governos pouco comprometidos com a vida da população: uma pandemia. Para deixar o quadro mais vibrante, nuvem de gafanhotos e ciclone-bomba. É uma história montada como um jogo, um jogo de amarelinha, aos saltos e sobressaltos¹.

[primeira seção]

¹ Esta dedicatória foi escrita sobre (por cima) da “Dedicatória do autor” do livro A hora da estrela, de Clarice Lispector, 1998, p. 9-10

primeira seção

PRIMEIRA SEÇÃO [querer escrever]

O desejo de escrever

*Eis então o sujeito, que foi primeiramente tocado de leve, fascinado pela
Esperança de Escrever, que assume o Desejo de escrever e se instala nele.*

Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 25.

[1]

1.

A vida era espera. Andava sempre assim, meio a esmo, à deriva. Organizava seu tempo e seus afazeres a partir das solicitações alheias. Estava apaziguada com a vida e abdicava de protagonismos¹. Tinha aprendido a estar disponível, como se isso fosse uma qualidade imprescindível para viver em harmonia. Talvez fosse, evitava conflitos e, de mais a mais, se acomodava bem a essa dinâmica. Só não atendia alguém quando estava comprometida em atender outra pessoa. E como as pessoas precisavam de atenção... quantos problemas criavam para si e depois não sabiam o que fazer consigo. Ela ouvia, dava algum conselho, prestava pequenos favores, emprestava algum dinheiro. Não custa..., é o que sempre dizia. Mulher é desdobrável, ela era². Acreditava que ser-para-outro era também uma forma de ser-para-si, mas não deixava de pensar que deveria haver mais equidade nas relações, mais reciprocidade, que o cuidado com o outro deveria ser mais valorizado. De qualquer forma, se os outros não eram o paraíso também não eram necessariamente o inferno; eram, muitas vezes, somente a privação de uma companhia que ela tinha aprendido a valorizar, ela mesma.

[49]

¹ Valter Hugo Mãe, *A desumanização*, [2013] 2014, 2ª reimpressão, p. 128.

² Adélia Prado, *Com licença poética*, 2014, p. 19.

2.

Para se ter a si, levantava antes de o mundo acordar, antes mesmo que os galos começassem a tecer as manhãs¹. Aproveitava, assim, o silêncio. Era só nesse momento que era dona verdadeira da casa, de si, de seus pensamentos. Um café, um cigarro, uma olhada no céu. Às vezes, empurrava o carro para fora da garagem, sem ligar o motor para não fazer barulho, e dirigia pelas ruas vazias. Dona da rua também, ou quase. Outras vezes, após o ritual do café e do cigarro, pegava um livro e abria em uma página qualquer, seguia lendo a partir dali. Uma, duas, três páginas, raramente passava disso. Depois, nas horas vazias, entre atender um e outro, imaginava como teria seguido aquela narrativa. Um carro, uma casa com muitos livros. Sonhos acalentados desde há muito e só possíveis pela implementação de políticas públicas de um governo anterior, de nem tanto tempo atrás, passível de muitas críticas e que nem chegou a fazer mudanças revolucionárias, mas que, diante dos retrocessos do governo atual, havia deixado saudades, perdida a impressão de que as coisas podiam melhorar. Agora não, a cada dia uma notícia pior que a outra, da nomeação de incompetentes ministros à extinção de programas sociais, perda de direitos trabalhistas, crise econômica, desemprego, fundamentalismo religioso se reafirmando e tomando conta do país. E, por fim, uma pandemia. Homens desempregados e mulheres sobrecarregadas, havia lido em uma manchete de jornal. Mesmo que o desemprego ainda não tivesse chegado completamente a sua família, certamente as mulheres desde sempre se sentiam sobrecarregadas

¹ João Cabral de Melo Neto, *Tecendo a manhã*, 2008, p. 198.

e a crise financeira era inegável. Não foi por acaso que as políticas públicas daquele governo anterior eram voltadas principalmente para as mulheres, não é por nada que as mulheres têm salários menores, têm dupla jornada de trabalho. Não é por nada que aquela escritora contou que aquela sua personagem que foge de casa e vai viver nas ruas por quarenta dias foi prontamente compreendida pelas leitoras e tida como inverossímil por muitos leitores. Uma mulher com as condições financeiras dela não faria isso, eles disseram. É o que tenho vontade fazer, disseram elas. Faltava-lhe essa coragem para sair porta afora. Talvez por isso, nas histórias em que se imaginava como protagonista, era sempre uma mulher só com seus livros e suas plantas, sem animais de estimação, sem ninguém pedindo nada, sem ninguém solicitando coisa alguma. Uma mulher que tinha, enfim, um teto todo seu. Foi assim, nos intervalos de horas vazias, que escreveu a história que segue na próxima seção.

[39]

SEGUNDA SEÇÃO [ler-escrever]

Quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou.

Umberto Eco, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, p. 132.

Se Escrever decorre do ler, se há uma relação de constrangimento entre os dois atos, como se pode ler sem se sentir obrigado a escrever?

Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, pp. 29.

[78]

3.

As pessoas acharam que aquele isolamento fazia parte do luto pela morte do marido. No início, respeitaram o que entenderam como necessidade de ficar só para se recompor; depois, faziam visitas esparsas, mais por obrigação, para se sentirem aliviadas ao cumprir um dever cristão, talvez. Com o tempo, acabaram por esquecer de Rebeca. Certa vez, quando todos já a tinham como morta, um dos dezessete filhos de um irmão seu entrou na casa com aparência de abandonada e a encontrou. Causou comoção a imagem de sua decrepitude. Pouco tempo depois, com a ajuda dos irmãos, o sobrinho reformou o que pôde na parte externa da casa, mas ela não permitiu que continuassem as reformas no interior. Havia necessitado muitos anos de sofrimento e miséria para conquistar os privilégios da solidão e não estava disposta a renunciar a eles em troca dos falsos encantos da misericórdia¹. Era seu limite². Foi quando, sem que ninguém soubesse, durante a reforma mesmo, decidiu se mudar. Sua mão já estava posta na mala. Seu corpo decidira ir³. Voltou depois da estiagem dos famosos quatro anos, onze meses e dois dias de chuva que fustigou sua cidade. Seus conterrâneos estavam tão ocupados em sobreviver ao dilúvio que nem deram por sua falta.

[44]

¹ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [1967] 37ª edição [?], p. 212-213.

² Vitor Ramil, *Satolep*, 2008, p. 15.

³ *Ibid.*, p. 15.

4.

Encarou a viagem de trem a bordo de seu corpo, como seu corpo encarara a viagem pelo mar a bordo do navio de bandeira inglesa: estirado, balançante, sonolento. O trem resfolegava: fique assim, fique assim, fique assim. E ela ficava, quieta, muito quieta. Uma quietude como a da planície vicejante que via pela janela, onde a luz ia longe e o trem viajava sem impedimento¹, corajosamente avançando quilômetros e séculos, céleres em direção à inevitável contemporaneidade². À medida que se aproximava da cidade, Rebeca sentia o corpo revigorado, como quem acordasse depois de uma longa noite de sono. Passava a mão na cabeça e já não havia ali umas poucas fibras amarelas no crânio pelado³, mas um volume considerável de cabelos que lhe agradava enrolar entre os dedos. Os campos faziam-se águas que se faziam céu, formando uma suavidade inteiriça que envolvia e polia a composição. Ao alcançar a ponte de ferro sobre o Canal de São Gonçalo, a passageira que viajava a seu lado apontou para a paisagem das cercanias – clara em toda a sua extensão, ainda que uma névoa rasteira comesasse a se formar em alguns pontos –, a superfície espelhada que iam transpor, o verde regular da pastagem na margem direita, o pontilhismo de uma pequena manada, a face e o perfil dos prédios destacados contra o céu oriental, e disse⁴: “As histórias são importantes. É importante saber as muitas histórias”.

¹ Vitor Ramil, op. cit, p. 20.

² Elvira Vigna, *Por escrito*, 2014, p. 14.

³ Gabriel Garcia Márquez, op. cit, p. 211.

⁴ Vitor Ramil, op. cit., p. 20.

Desembarcou com a frase da companheira de viagem na cabeça⁵. Na saída da estação, a senhora parou a sua frente e estendeu os dois braços para se despedir. “Esta cidade tem uma coisa interessante...”, mas foi interrompida por um jovem que chegava sorridente. “Mestre, estão esperando a senhora! Vamos?” A senhora, imperturbável, continuou falando, “Tem muitas histórias... Tu conheces o...”, mas Rebeca, sem conseguir acompanhar o que ela dizia foi se afastando sem dizer nada, primeiro lentamente, depois caminhando rápido como se tivesse um compromisso urgente. Após alguns quarteirões de casas geminadas, enfileiradas, porta e janelas, bem juntas à calçada⁶, reencontrou seu modo de andar, num ritmo não tão acelerado. Não tinha mesmo pressa.

[46]

⁵ Ibid., p. 21.

⁶ Maria Helena Vargas da Silveira, *É fogo!*, 1987, p. 17.

5.

As luzes começavam a acender no centro daquela cidade de ruas retas, de casarões antigos, de portas gigantes. Observar a cidade, ler a cidade não estava nos planos, mas como resistir a tantos livros expostos na praça central? De longe, viu a senhorinha da estação conversando com outra, que, parece, autografava. Devia ser uma grande escritora, pois havia uma fila enorme atrás delas e alguns homens engravatados ao seu lado. Encostou-se em um jacarandá e se pôs a observar os jardins mal iluminados da praça, o chafariz no centro, o ir e vir das pessoas em seus trajes adomingados. Notou o quanto destoava naquele ambiente, suas roupas eram demasiadamente simples comparadas com a vestimenta das pessoas que perambulavam por ali. Não reparou que a escritora e a senhorinha da estação eram as únicas pessoas negras adultas na praça naquele momento, além de um rapazinho que se aproximou e conversou brevemente com elas. Os homens engravatados e as senhoras que estavam ali parece que se sentiram incomodados com a presença do rapaz. Rapidamente, uma das senhoras – muito loira e elegante – entregou-lhe um livro, e ele saiu rindo, como se tivesse realizado uma proeza¹. Rebeca riu também, sem pensar que as exceções só confirmam as regras.

Aqueles jacarandás assistiriam ainda por tempo essas exceções que tornam ainda mais evidentes as ausências – de mulheres escritoras, mais ainda de mulheres negras escritoras; de jovens e adultos negros; de mulheres brancas malvestidas como ela participando de eventos literários. Haveria de passar

¹ Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, [1962?] 2020, Edição do Kindle, posição 1248.

muito tempo para que pessoas assim pudessem transitar sem que chamassem atenção pelo inédito de estarem ali, sem serem ou se sentirem inferiorizados e/ou exóticos.

[73]

6.

Satolep inteira era a emanação de um imenso banhado¹. O ônibus, vazio naquele horário, seguia lento pelas ruas esburacadas do bairro. A maioria das casas, diferentes da arquitetura que predominava no centro da cidade, eram baixas, como se o nível da rua tivesse aumentado depois de sua construção. A casa onde moraria nos próximos anos ficava em um condomínio fechado. Uma maquete, casas iguais, jardins iguais, segurança e monotonia. Não pretendia uma nova vida, só queria a que tinha anteriormente – fartura de letras, quase jejum de qualquer outra comida², sem nada nem ninguém a importunando. Certificou-se que a casa, igual a centenas de outras, pelo menos tinha algumas paredes caídas e pátio de terra. Podia, assim, garantir sua alimentação. O mofo das paredes dessa nova casa tinha um sabor especial, remetia ao pátio das begonhas de sua infância e juventude, os primeiros bordados, os primeiros livros. Não pudera carregar todos os que queria, mas eles eram quase a totalidade de sua bagagem, além de algumas poucas peças de roupa e alguns itens de higiene pessoal.

Reparou no bonito da casa, o enfeite de cada coisa³. O sol entrava ali, sem cerimônia, como gente de casa⁴. O mobiliário básico e uma cadeira de balanço, tão familiar no desgaste pelo uso, pelo molde de um corpo que deveria ter passado muito tempo ali acomodado. A moradora anterior daquela casa fora

¹ Vitor Ramil, op. cit., p. 28.

² Maria Valéria Rezende, *Quarenta dias*, 2014, p. 87

³ Valter Hugo Mãe, op. cit, p. 75

⁴ Ruth Guimarães, *Água funda*, 2018, p. 18.

uma professora aposentada que havia vindo da Paraíba para a capital do estado com o objetivo de cuidar de um futuro neto que nem chegou a existir. Soube disso ao ler um caderno encontrado junto a pilhas de livros perto da cadeira, uma espécie de caderno de desabafo. Recheado de papéis avulsos, com anotações e cópias de trechos de livros, alguns sem qualquer referência, o caderno continha o relato da peregrinação da mulher pelas ruas, becos e vielas em busca de um filho perdido de uma conterrânea sua. Deduziu que a professora morara ali, mas poderia não ser nada disso. Quantas versões comporta uma mesma história, teria questionado a senhorinha da estação. Há situações que se colocam como uma fotografia, a partir delas se faz deduções, se inventam histórias. Talvez a filha tivesse mandado os pertences da mãe para guardar na casa vazia, talvez a professora tivesse voltado para a Paraíba ou ido sabe-se lá para onde. Como se volta depois de uma viagem dessas? De qualquer forma, Rebeca se sentiu herdeira do caderno e dos livros. Teria novas companhias por um bom tempo.

[29]

7.

Viveu alguns meses sem sair de casa, alternando a leitura dos seus livros e os da professora, enquanto cuidava de não deixar as lesmas, as lagartas e as formigas liquidarem as flores e ervas que havia plantado. Alguns livros pareciam perfumar a linguagem, outros sujavam-na e outros ignoravam-na. Os livros podiam ser atentos ou desatentos ao modo como contavam. Os melhores livros inauguravam expressões. Diziam-nas pela primeira vez como se as nascessem. Ideias que nasciam para caberem nos lugares obscuros da existência. As palavras como lâmpadas na boca. Iluminando tudo no interior da cabeça. Naqueles dias, ou talvez sempre, eram os livros que traziam feitiço e punham tudo a ser outra coisa¹. Eram os livros que lhe mostravam o mundo, tão distante, tão vasto. Gostava daquela confortável sensação de viver em mundos nos quais a noção de verdade é indiscutível, enquanto o mundo real parece um lugar mais traiçoeiro², embora, às vezes, ficasse exausta de tanto ler, sobretudo os livros da professora, cheios de novidades, algumas difíceis de compreender. Em uma tarde quente, no prenúncio de um temporal, abriu o já surrado *Em busca do tempo perdido* exatamente no trecho em que a avó do menino protagonista era vista no jardim deserto e fustigado pelo aguaceiro, erguendo as mechas desordenadas e grisalhas para que a sua fronte melhor se impregnasse da salubridade do vento e da chuva³. Foi sem pensar que abriu a

¹ Valter Hugo Mãe, op. cit., p. 125.

² Umberto Eco, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, 2017, p. 97.

³ Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*, 1982, p. 12.

porta dos fundos nos primeiros pingos de chuva e mesmou-se⁴ às folhagens que tomavam conta do pequeno pátio de terra sem fantasia correta de jardineiro algum⁵. A cada trovoada, repetia como a personagem: "Enfim, respira-se!"⁶. Sim, precisava respirar, precisava de algum movimento. [40]

⁴ Valter Hugo Mãe, op. cit., p. 75.

⁵ Marcel Proust, op. cit., p. 56.

⁶ Marcel Proust, op. cit., p. 12.

8.

Arriscou algumas saídas noturnas, enquanto a vizinhança e o mundo dormiam. Gostava de ir até os limites do condomínio. Nos fundos, uma grande cerca de arame, como em um campo de concentração ou de refugiados; na frente, um grande pórtico e um imenso muro de alvenaria alternada com grandes placas de vidro – “conferindo elegância e requinte à fachada”, como diziam os anúncios; e morte aos pássaros, mostravam algumas manchas nos vidros.

Gostava também de vasculhar as lixeiras, que ficavam em um setor à parte, longe dos olhos dos condôminos. Sempre carregava alguma coisa para casa: baldes, cabos de vassoura que serviriam de estaca para suas plantas, vassouras inteiras, cadeiras que precisavam de pequenos reparos, vasos de plantas quase mortas que ela tentava recuperar.

O recolhimento do lixo era feito pela manhã através de um portão, só aberto pelos funcionários do condomínio no momento de retirada. Uma vez por semana para os coletores autorizados para retirar o lixo reciclável: dois senhores e uma moça em uma camionete muito velha. Duas vezes por semana, para o caminhão da prefeitura, que retirava o lixo sujo e o que sobrava de reciclável. Por isso estranhou quando, naquela noite, encontrou uma mulher sentada junto ao poste de luz com um livro na mão, como se estivesse em uma sala de visitas, sentada em almofadas de cetim¹. Pelas vestes – sapatos cor de

¹ “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a

prata antiga e um chapéu de flores minúsculas², um suéter gasto sem cor definida por cima de um longo vestido preto³ – não parecia ser moradora do condomínio, mas lhe lembrava alguém...

Rebeca caminhou em sua direção. A mulher virou a cabeça e a cumprimentou com um sorriso fácil e um “Como vai?”⁴. Aqueles olhos fundos lembravam alguém... Passaram algum tempo conversando, uns quinze minutos talvez, sobre separação do lixo, reaproveitamento, reciclagem. Quantas horas de trabalho utilizadas para comprar e produzir aquilo tudo, despejos e desejos⁵ descartados para serem esquecidos. Quando Rebeca perguntou se morava ali, ela respondeu que não. Morava em uma vila próxima, mas os funcionários do condomínio a deixavam entrar às terças-feiras, e ela ia ali toda semana, pois o lixo do condomínio era muito rico. Já encontrara até livros e fotografias ali.

– Também gosto muito de livros, o que faz com as fotografias encontradas?

– Invento histórias para elas, tenho muita pena das pessoas descartadas, invento finais mais felizes para elas. Embora algumas...

Era espirituosa, e cheia daquela sabedoria cujo segredo as mulheres mais velhas sempre parecem deter. Quando se despediram, foi com a compreensão de que ela estaria lá na semana seguinte e que iriam se reencontrar. Rebeca imaginou outras conversas. Ia convidá-la para ir a sua casa, tomar um café, conversar, saber das suas histórias inventadas para as fotografias descartadas. Naquela semana, separou alguns livros. Guardou o seu lixo reciclável com mais atenção, bem separado e bem limpo. Não o entregaria diretamente para a

impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, 2001, p. 33

² Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [ano?], p. 131.

³ Toni Morrison, *Ser ou tornar-se o estrangeiro*, 2017, p. 24.

⁴ Esta seção foi escrita sobre/com a história contada por Toni Morrison em *Ser ou tornar-se o estrangeiro*, 2017, p. 17-28.

⁵ Expressão utilizada no poema “Clarice no quarto de despejo”, de Conceição Evaristo.

mulher, iria apenas deixá-lo arrumadinho na lixeira antes que ela chegasse. Iria depois, como que casualmente, e a convidaria para um café com pão feito em casa, ainda quentinho.

Na terça-feira seguinte, ela não estava lá. Tampouco nas que se seguiram. Rebeca a procurou nos outros dias. O verão passou e não a viu sequer uma vez. Por fim, falou com os funcionários do condomínio para perguntar sobre a estranha, e ficou pasma ao descobrir que eles não sabiam de quem e nem do que estava falando. Nenhuma senhora entrava no espaço das lixeiras à noite e ninguém havia recebido permissão para fazer isso. Rebeca concluiu que a catadora havia inventado a autorização e aproveitado alguma distração da segurança naquele dia. Sentiu-se enganada, intrigada, e se perguntou de vez em quando se a mulher fora um sonho que tivera. Em todo caso, dizia a si mesma, foi um encontro sem outro valor que não o anedótico. Mesmo assim. Aos poucos, a irritação e em seguida a amargura ocuparam o lugar do seu espanto original. Uma determinada vista do condomínio agora estava desprovida dela, fazendo Rebeca recordar o engodo e sua decepção. O que aquela mulher estava fazendo ali, afinal? Como poderia passar despercebida com aquele chapéu, com aqueles sapatos horríveis? Rebeca tentou entender a intensidade de sua tristeza, e por que estava sentindo falta de uma mulher com quem conversara durante quinze minutos. Não chegou a nenhum lugar exceto à explicação egoísta de que ela havia adentrado o seu espaço (ou pelo menos chegado perto dele, no limite da propriedade, a fronteira, bem junto à cerca onde as coisas mais interessantes sempre acontecem) e sugerido promessas de camaradagem feminina, de oportunidades para ela, Rebeca, ser generosa, para proteger e ser protegida. A mulher se fora, levando consigo a ideia de boa pessoa que Rebeca tinha em relação a si mesma, o que, naturalmente, era imperdoável.

Mais tarde compreenderia que a identificação instantânea com a catadora de lixo se deveu em parte a uma imagem na qual estava baseada a representação

que fazia dela. Imediatamente a sentimentalizou e se apropriou dela. Imaginou-a como sua xamã pessoal. Apoderou-se dela, ou quis fazê-lo (e a catadora talvez tenha percebido). A decepção fez com que passasse outra temporada na companhia dos livros.

[64]

9.

Com o tempo, ler e reler os livros que havia na casa, os que havia trazido consigo e outros que ali encontrou, os da professora, lhe deu uma percepção mais aguda; a cada leitura, colocava atenção em detalhes que não tinha reparado antes. Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho¹, e o seu trabalho foi duvidar dos narradores, ver as personagens para além do que o narrador mostrava.

Se o narrador contemporâneo dos livros da professora se mostra propositadamente como suspeito, por que não duvidar também dos anteriores – que escreviam seu ponto de vista sem questionamento algum. O narrador clássico até o século XIX, era o senhor do enredo e de suas personagens, ele daria a sua versão, que seria “a” versão dos fatos, e a ninguém caberia ficar indagando o que deixou de ser dito, muito menos por quê².

Deu-se conta que sempre é um ponto de vista situado o de quem narra, mesmo que ele assuma uma postura de imparcialidade e de universalidade, que negue sua presença na narrativa. É que essa “negação” da presença do narrador no século XIX não significava uma diminuição de sua legitimidade, bem ao contrário, uma vez que o objetivo final era conferir mais verdade ao narrado – o que levava, conseqüentemente, à verdade do narrador³. Onisciente, onipresente – um deus. Oras, deus... Nestas terras, depois da colonização,

¹ Umberto Eco, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, p. 9.

² Regina Dalcastagnè, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, 2012. Edição do Kindle, posição 2112.

³ *Ibid.*, posição 1915.

construído à imagem e semelhança de homens brancos e suas frágeis masculinidades necessitadas de reafirmação constante. Como confiar em um narrador que se pensa conhecedor de tudo e não admite a parcialidade do seu ponto de vista?

Fazia anotações nos próprios livros, nos espaços entre as linhas, nas margens, cobrindo cada do espaço deixado em branco pelo tipógrafo⁴, questionando quem narrava, como narrava e que efeitos isso tinha. Se as palavras são escorregadias e os discursos falhos, talvez ajude lembrar que na vida, como na literatura, uma “ordem” vem sendo paulatinamente construída a partir do caos e que há os que controlam essa construção, impondo sua visão de mundo como a única legítima⁵. Ao fim e ao cabo, não são tudo estratégias textuais? Daí a importância das muitas histórias que falara a senhorinha na estação de trem. Conhecer as muitas histórias é importante, o perigo de uma história única está em atribuímos estatuto de verdade absoluta e universal a percepções de mundo parciais. Quem foram os narradores da história oficial? E que consequências isso teve e tem? Tivessem predominado as versões de grupos indígenas quando da chegada dos europeus neste lugar que batizaram de América, não teríamos outra história oficial? Melhor, se a versão de grupos indígenas não tivesse sido obliterada por tanto tempo, não teríamos outras relações com os saberes desses grupos? Não nos veríamos mais parecidos com eles do que com os europeus? Rebeca pensa nos tantos fatos históricos engolidos como verdades únicas e incontestáveis, mesmo que em tudo fossem diferentes do que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente⁶. Toda uma história registrada e validada a partir do ponto de vista de homens brancos – heterossexuais, por suposto, ao menos

⁴ Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes*, 2012, p. 33.

⁵ Regina Dascalagnè, op. cit., posição 2205.

⁶ Conceição Evaristo, *Becos da memória*, 2017, p. 151.

publicamente. E a escrita como ícone da civilização⁷. Quem escrevia e escreve e publica nesta escrita monolíngue padronizada como espaço privilegiado de expressão da cognição?⁸ Quem tinha e tem autoridade e condições materiais para escrever e publicar e ser lido? Como acessar as histórias e narrativas de quem não escreve? Elas não têm importância? Os autorizados escrevem as histórias desses outros, certamente, mas o que mostram é a sua percepção – muitas vezes condicionada pela representação que alguns grupos têm socialmente.

A representação é um conceito-chave nos estudos literários, sem ela não há literatura. O problema não é a representação em si, mas a forma como se representa, como se mede o outro a partir de uma perspectiva situada e ao mesmo tempo se nega ou se mascara essa perspectiva. A literatura a que mais se tem acesso no Brasil é produzida majoritariamente por homens brancos de classe média urbana. Nessa literatura, no envolvimento entre autor-narrador-personagens, o “outro” representado está do lado de lá de sua existência⁹, dos valores do autor e do narrador. Esses outros do autor-narrador da literatura contemporânea – operários, mulheres, negros, indígenas, marginalizados de todo tipo – não são indivíduos, mas uma categoria, sobre a qual muito discurso já foi proferido¹⁰, eles não têm existência própria e geralmente servem como contraponto para a apresentação dos personagens principais. Mas é tão difícil perceber isso... acostumados que estamos, nós, os letrados pós-coloniais, a nos identificarmos com o narrador oficial, com o colonizador cultural – colonialidade do poder, do saber e do ser agindo sem que tenhamos consciência

⁷ Joana Plazo Pinto, *Modernidade e diferença colonial nos discursos hegemônicos sobre língua no Brasil*, 2012, p. 175.

⁸ *Ibid.*, p. 177.

⁹ Regina Dalcastagnè, *op. cit.*, posição 372.

¹⁰ *Ibid.*, posição 534.

disso, na ilusão de que somos críticos, mas consumindo a subjetividade desses narradores, nos posicionando como eles, como se fôssemos eles.

[38]

10.

Observar as coisas por outras perspectivas, foi esse o pensamento de Rebeca ao tomar o ônibus que a levaria novamente até a estação de trem. Quando chegara à cidade, tinha visto uma torre de igreja. Talvez da igreja pudesse encontrar a ponte, queria vê-la por outro ângulo. Não haveria de ser difícil. Desceu do ônibus no final da linha, na estação de trem. Caminhou pelas mesmas ruas na cidade reta, mas em vez de dobrar para o lado da praça central, se dirigiu ao lado oposto, onde imaginou que estaria o rio que atravessara na chegada. Caminhou vários quarteirões, dobrando algumas esquinas até avistar uma torre de uma cor rosada. Deveria ser aquela.

Imperadores, nobres, religiosos, datas, militares nomeavam as ruas com poucas árvores, poucos jardins, muita sujeira e limo nas calçadas. Não é de estranhar que haja tantas igrejas e farmácias e elas acabem por ser referência de orientação espacial, pensou.

Chegou, enfim, à esquina da igreja da torre em que um cristo com o coração saindo do peito parecia pronto a se jogar lá do alto. Ou estava apenas saudando quem chegava no porto? Viu a ponte e seguiu em linha reta, talvez pudesse chegar à beira do rio. Seria um rio? No final dessa rua, um espaço aberto, um cais em formato de trapézio¹. Bem perto da água, uma pracinha, uma casa grande de madeira com uma placa “Instituto Hélio D’Angola”. Estava fechada a casa. De repente umas vozes na rua. Na pracinha, um grupo de pessoas em roda; no centro, uma moça muito alta e muito negra. As pessoas ao redor gritavam:

¹ Thalita Ferreira Moreira, *Oqimbalaue: Negra sim! Negra sou! Escrita, teatro, resistência e educação*, 2020, p. 44.

Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! A moça parecia bastante constrangida. Que coisa é ser negra?² – mais viu do que ouviu a moça dizer entre os gritos. Negra, negra, negra, negra... cada vez mais alto. A moça tapava os ouvidos. Negra, negra, negra! O que poderia fazer? Queria que parassem com aquilo. A moça ali, humilhada, quase a cair. Olhou para os lados a procura de alguém para pedir ajuda. Não havia ninguém. Era só ela, a moça e o grupo formado por outras moças e rapazes que gritavam. Foi se aproximando do grupo. A moça, encolhida, escondia o rosto. Pensou em interromper, mas o medo de ser também hostilizada a paralisou. Retrocedeu. A moça, não. Não mais. Negra, sim! – disse, erguendo-se aos poucos. Enquanto Rebeca tentava se recompor, pensando ainda no que poderia fazer, o que via já não era mais uma moça alta, era a imagem de uma mulher ainda maior, como se tivesse consigo a força de muitas, como um vendaval que se soltou, como uma onda que se alevantou³. Negra, sim, negra sou!⁴ – repetia, girando o corpo inclinado para a frente, com um braço para trás enquanto o outro se movimentava como se segurasse uma espada, ou algo que o valha. Quando avançou segura saindo da roda, todos pararam para ver ela passar⁵. Em seguida, ao se deparar com uma Rebeca trêmula, a mulher desfez a expressão grave, olhou-a de cima a baixo e, com um sorriso debochado, falou baixinho: – Relaxa, meu bem, é só uma performance... Foi então que Rebeca olhou ao redor e pôde ver o grupo, que antes gritava ameaçador, aplaudindo e cumprimentando-se pelo êxito do ensaio. [32]

² Victoria Santa Cruz, *Me Gritaron Negra*. Performance de Thalita Ferreira Moreira: <https://www.youtube.com/watch?v=zdxrpkd36s> / Performance de Vitória Santa Cruz: <https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0>

³ Maria Bethania, *Cântico Negro*. Epígrafe da dissertação de Thalita Ferreira Moreira, op. cit.

⁴ Victoria Santa Cruz, op. cit.

⁵ Trecho de ponto de Yansã, da Umbanda [*Quando lansã vai pra batalha / Todos os cavaleiros param / Para ver ela passar...*]. Em: Thalita Ferreira Moreira, op. cit., p. 71.

11.

Já tinha visto aquele casal que passeava, como ela, sob a chuva grossa, alheios ao mundo. – *Você também só sabe é mesmo chover!*¹ – Não pôde evitar o espanto ao ouvir a frase, quando passava muito perto deles, desviando de uma poça de água para entrar na ferragem do bairro. O rapaz falava com uma entonação de reprovação e desprezo. Saber chover deveria ser um elogio, pensou Rebeca já em frente ao balcão.

Precisava de alguns pregos para firmar as caixas de feira que serviam de estante para os livros. Em Satolep, a atmosfera estava tão úmida que os peixes poderiam entrar pelas portas e sair pelas janelas, navegando no ar dos aposentos². As estantes não podiam mais ficar encostadas às paredes, pois estas vertiam água. Simpatizava com o dono da ferragem, apesar de sua cara fechada. Era um homem metódico, organizado, chegava ao ponto de contar os parafusos e pregos que vinham em cada pacote que chegava do distribuidor, e se não viessem na quantidade indicada, telefonava para reclamar. Parecia uma personagem de ficção, talvez por isso tivesse tanta simpatia por ele. Quando precisava de alguma informação sobre o bairro, era a ele que recorria. O melhor sapateiro, a melhor loja de aviamentos, a melhor padaria, ele sabia tudo. As pessoas indicadas por ele lhe reconheciam a honestidade, mas, sobretudo, o mau humor. Diziam que tinha melhorado muito depois da história do chinês – um chinês que teria se perdido da família e que teria morado com ele. Conversas que sempre há nos comércios de bairro, onde parece que todos se conhecem,

¹ Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1998, p. 44.

² Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [ano?], p. 300.

contam e recontam as mesmas histórias. Contavam também que ele colecionava recortes de jornais, notícias de mortes absurdas, como a da noiva do chinês que acabou indo parar na casa dele. Ela ouvia, achava graça, concordava ou negava com movimentos de cabeça, mas não dizia nada. Tinha curiosidade, sim, mas tinha pudores de parecer indiscreta. O homem da ferragem era reservado no seu jeito de atender, mas se mostrava gentil e solidário, já lhe emprestara ferramentas, lhe ensinava pequenos macetes para consertar coisas em casa. Foi ele quem lhe mostrou, dias depois, a manchete de jornal que tratava da morte da moça que só sabia chover. Um atropelamento. – *A vida é um sem sentido*³, disse, mostrando-lhe a foto com aquele seu ar grave. A moça em posição fetal, enroscada como um camarão ao lado de uma sarjeta. Talvez pela qualidade da impressão, parecia um feto, pronto para nascer.

[41]

³ Sebastián Borensztein, *Un cuento chino*, 2011.

12.

O que naquela moça tinha lhe impressionado, não saberia dizer especificamente. Talvez a desimportância de quem fica à beira, de quem não consegue atravessar a rua, como naquele poema da estrelinha... Como era mesmo? Quando a estrelinha ia brilhar na poça d'água, acenderam-se as luzes da cidade¹. Algo assim. Parecia conhecê-la nos menores detalhes, como se fosse ela mesma a moça anônima. Era como se a moça se lhe tivesse grudado na pele² qual o perfume de lavanda que a mãe lhe passava nos braços quando criança e que ao se movimentar sentia o cheiro. Aleatoriamente se lembrava dela, em situações que não tinham um significado, uma importância verificável.

O fato é que depois de tantas leituras e releituras era como se o passado tivesse conectado ao presente e o resultado era uma sensação de desconforto que lhe exigia escrever³, mas não era boa contadora de histórias. Não crescera, como diziam algumas escritoras, rodeada de palavras⁴, tampouco de livros, como diziam outras. Sua casa de infância, era casa de silêncio, sobretudo sobre o passado. Não se gastava a vida a recordar a vida⁵. Os livros vieram aos poucos,

¹ Trecho do poema *Cocktail Party*, de Mario Quintana, 1976. [Desce o crepúsculo / E, quando a primeira estrelinha ia / refletir-se em todas as poças d'água, / Acenderam-se de súbito os postes de iluminação!].

² Clarice Lispector, *A hora da estrela*, p. 21.

³ Julio Cortázar em entrevista a Ernesto Gonzáles Bermejo, 2002, p. 15.

⁴ Em muitas entrevistas, Conceição Evaristo diz que não nasceu rodeada de livros, mas rodeada de palavras, enfatizando a contação de histórias, a oralidade como elementos fundamentais na sua formação como escritora e, ao mesmo tempo. Sem desvalorizar a leitura, ela faz também uma crítica à ideia de que só é possível escrever a partir de um ambiente intelectualizado.

⁵ Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 93.

da biblioteca da escola e depois da biblioteca municipal. Ter livros próprios, só depois de adulta. Gostava de ler, riscar os livros, discutir com eles e com os autores. Gostava de escrever também, é claro. Escrevia, sempre escrevera, não histórias originais, mas sobre os livros que estava lendo. Seu espanto diante deles, suas percepções. Gostava também de subverter as histórias. Na adolescência, havia reescrito a história do Chapeuzinho Vermelho; na sua versão, o lobo se apaixonava pelo caçador e deixava a vovozinha e a menina em paz.

Se fosse escrever uma história para a moça, que seria de certa forma uma história para si, como faria? Talvez devesse fazer um planejamento, consultar algum manual de escrita criativa. Não. Iria escrevendo sem pensar em nada. Pegaria alguma coisa da vida, de todos os dias, sem trama e sem final⁶, consultaria diretamente os escritores. As biografias e entrevistas de alguns autores contavam um pouco sobre seus processos criativos, mas há detalhes que talvez nem os próprios percebam. E talvez somente profissionais dominem a técnica de seguir um planejamento à risca, com pequenos desvios previstos ou previsíveis.

Queria escrever para pensar, para reler a vida. Refazer uma narrativa que já estava, de certo modo, convincente e conveniente, porque é mais fácil construir o que aceitamos recordar. Essa narrativa torna-se a realidade, a única em que acreditamos e que defendemos⁷. O lixo faz-se desaparecer, os cadáveres emparedam-se e tudo deixa de existir. Não vimos, não sabemos, nunca ouvimos falar, não demos por nada⁸. Antes, talvez. Agora, não. Agora, ela queria era

⁶ Anton Pávlovitch Tchékhev, *Sem trama e sem final: 99 conselhos de escrita*, 2019, p. 41.

⁷ Isabela Figueiredo, *Caderno de memórias coloniais*, 2018, p. 8.

⁸ *Ibid.*, p. 8.

raspar o que está na superfície, duvidando do que a memória guardou, o silêncio sobre o que muito se calou e escondeu⁹.

Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre¹⁰. Os escritores tiram suas histórias do cotidiano, reproduzem personagens da vida real, reproduzem diálogos. A Rebeca lhe parecia que ocorria o inverso. Via nas pessoas da vida real personagens, cenas, diálogos que já tinha conhecido em narrativas – em livros, filmes, novelas. É como se antes de as coisas acontecerem concretamente elas já tivessem acontecido em alguma história contada por alguém. Não tinha a menor dúvida de que a vida imitava a arte. Não na íntegra, por certo, mas em fragmentos que se repetem, se deslocam, se juntam, produzindo novos sentidos e reafirmando outros. Ela mesma se sentia como uma personagem inventada por alguém. Pois agora iria iniciar uma experiência e não apenas ser vítima e uma experiência não autorizada, apenas acontecida¹¹. Iria contar a história de quem a inventou. Podia mesmo imaginar essa pessoa. Seria uma mulher, moraria em uma casa com muitos livros e plantas, teria uma situação financeira confortável – uma vida simples e digna, talvez fosse servidora pública ou professora, teria bons amigos, talvez tivesse filhos. Sim, já podia ver, mal e mal, a mulher de pé, junto a si. Ei-la que se aproxima um pouco mais. Depois, senta-se ao seu lado, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criada¹². Não, não é choro, é, talvez, um certo constrangimento. Rebeca sorri e lhe diz: – Não sejas boba, eu sou tua amiga, o que afeta a ti, provavelmente afete a mim, a

⁹ Ibid., p. 8

¹⁰ Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 15.

¹¹ Clarice Lispector, *Um sopro de vida*, 1999, p. 19.

¹² Ibid., p. 29.

verdade é que existem histórias muito diferentes e que, no entanto, têm muitas coisas em comum¹³. Vamos pensar juntas sobre isso.

[87]

¹³ Gabriel Garcia Márquez, *Como contar um conto*, 1977, p. 14.

TERCEIRA SEÇÃO [reler-escrever]

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo.

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome.

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você – **ainda que não sejamos as heroínas que supúnhamos**. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu *posso* e que eu *escreverei*, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Glória Anzaldúa, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* 2000, p. 232.

13.

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando um livro adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras.

Eu caos¹.

Eulápide².

Quando se escreve memórias de palavras, os tempos se misturam. O passado não existe, assim como o futuro, o que há é um eu inventando um passado e um futuro, no presente. Que em seguida escapa. O presente como um tempo que não existe, uma impossibilidade lógica. Tantas vezes acreditei estar avançando, mas apenas retornava à infância, em círculos cada vez mais apertados. E este, apesar do que parece, é todo o avanço possível. Até morreremos em posição fetal³. Investigo os contornos da mulher oculta que, inquieta, espera para nascer. Com aquele livro, um corpo morreu, é preciso encontrar a forma de outro⁴. Outro corpo, outro livro. Outra forma de contar.

[86]

¹ Eliane Brum, *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, 2014, p. 11.

² *Ibid.*, p. 15.

³ *Ibid.*, p. 20.

⁴ *Ibid.*, p. 18.

14.

Em suas lembranças, ela se vê vendo a cena. Vê a imagem de baixo para cima, porque era muito pequena¹. Nem tanto. Havia uma mulher que chorava. Muito. De repente, da calma fez-se o vento. Fez-se do amigo próximo o distante. Do riso, fez-se pranto². E do pranto fez-se a raiva. Portas batendo, coisas jogadas no chão. Promessas de vingança, naquele segundo fatídico em que a vida acabou, mas a mulher seguiu respirando³.

A vida continuou com ela, independentemente do seu querer⁴. Foi o pessoal da terreira que segurou as pontas. Sorte da menina que era a terreira, se fosse uma igreja, a mãe seria a mais carola das carolas, e em vez de assistir aquela beleza de roupas coloridas em dias de festa, em vez de ouvir aquelas músicas que convidavam a dançar, estaria submersa naquela tristeza sem fim de culpas e pecados que ensinavam nas aulas de religião do colégio. Talvez ali tenha sido o seu primeiro contato com a pluriversidade. De cantos, de santos, de gentes. Não estranhava, nem sua mãe nem suas tias nem ninguém, que as imagens de gesso representavam, na maioria, fisionomias brancas. Talvez a imagem mais icônica seja aquela Iemanjá de vestido azul, saindo do mar com seus longos e lisos cabelos; mas tinha também uma Iansã de bochechas rosadas e uma Oxum, cheia de anjinhos aos pés, todos brancos como ela. E aquele homem no cavalo que era São Jorge e era Ogum, cavalo e homem, brancos. As imagens que

¹ Eliane Brum, op. cit., p. 25.

² Vinícius de Moraes, *Soneto da separação*, 1960, p. 174.

³ Eliane Brum, op. cit., p. 45.

⁴ Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 50.

representavam caboclas e os caboclos eram de um marrom avermelhado; as pretas e os pretos velhos eram pretos, bem pretos. E aquele Jesus Cristo, no lugar mais alto, que era Oxalá, branco também. Havia uma hierarquia na disposição das peças em relação com as cores das imagens? Não pensava sobre isso. Não pensava em si como menina nem como branca nem como rica ou pobre. Não pensava porque não era preciso. Era de carne e estava na terra. Via, ouvia ao redor, e formava, sem intenção nem premeditação, juízos intuitivos sobre o bem e o mal. Pensava com o peito, porque é o lugar do corpo com o qual se pensa no início e no fim⁵.

Carinho imenso pela preta-velha que amarra a saia com a palha da cana, que ainda a embala quando vem aquele sentimento de desamparo, de ser criança e não saber o porquê do medo que vem não se sabe de onde nem do quê. A ela se dirige como se criança fosse e a chama de Senhora. A imagem que faz dela não é a de gesso, mas a de D. Egídia, que nas funções de preparação de alguns rituais ficava encarregada da limpeza e do cuidado com as crianças – talvez nem sempre, não só ela, mas ainda pode vê-la, bem magrinha, na beira da pia cheia de panelas e gamelas ou raspando os fogareiros, baldeando o pátio, ajeitando a saia na cintura. Cantando, sempre cantando, com um jeito todo dela de mudar o ritmo e as palavras das músicas que tocavam no Globo de Ouro, marcando o ritmo com um movimento de ombro que a menina tentava imitar. Em meio a cantorias, carregação de baldes, lavação de louça, conversas sobre qualquer assunto que não lembra. Só lembra da atenção que recebia – coisa rara naquela época, adultos dando atenção a crianças...

Quando via a senhora, chamava: “ô, Pissit!” – um jargão do programa *Os trapalhões*, que fazia sucesso na época e elas gostavam de ver. Às vezes, quando não a via de imediato, era D. Egídia quem gritava: “ô, Brigit!”. A pronúncia de

⁵ Isabela Figueiredo, op. cit., p. 7.

algumas palavras parece que eram impossíveis para ela, mais ou menos como a mãe, que nunca conseguiu dizer “prejudicar”, era “predujicar”. A mãe, ela bem que tentou corrigir, pre-ju-di-car. Pre-ju-di-car, a mãe repetia. Mas para sempre, quando pedia (e ainda pede) algum conselho, uma opinião: “Se não vai te predujicar nem predujicar ninguém... faz o que tens vontade”.

A D. Egídia e a mãe, além de serem irmãs de corrente, eram vizinhas. Por muito tempo, ela passava boa parte da manhã sentada em uma cadeira junto à porta da cozinha, fazendo crochê ou servindo o mate, enquanto a mãe fazia o almoço. Eram, sem dúvida, amigas. Mas, uma vez, ao passarem por ela na rua e gritar o usual “ô, Pissiiiiit!”, levou uma puxada de braço que “aaaai, mãããã!”. D. Egídia virou o rosto e seguiu reto, como se não as conhecesse. Em meio a “cala a boca” e “em casa a gente conversa”, a menina seguiu com a mãe, sem entender nada. A explicação, descoberta alguns dias depois, ouvindo a conversa da mãe com uma tia: D. Egídia era dona de uma casa suspeita. Quando avaliou que era oportuno perguntar, como não quer nada, “heim, mãe, o que que é uma casa suspeita?”, recebeu a resposta: “Um lugar onde mulheres da vida recebem homens ordinários, vagabundos, indecentes que nem teu pai”, com aquela entonação que já se sabia, era melhor sair de perto. Entendeu. A tia havia dito que uma mulher deixada (era assim que se dizia das mulheres cujos maridos haviam saído de casa, isso ela já sabia) de conversa na rua com uma dona de pensão (outro nome para casa suspeita, aprendeu logo depois) ia ficar mal falada. Demorou um pouco mais para entender era por que não podia falar com D. Egídia na rua, mas não perguntou. Ficar mal falada devia ser algo terrível. De qualquer forma, no dia seguinte ao ocorrido, D. Egídia estava lá, com seu crochê, com sua risada, reclamando do “desabusado” do homem da venda que sempre errava o troco. Não era tão simples distinguir o bem e o mal, mas o mal nunca estaria ao lado de D. Egídia. O público, o privado e a tal de reputação. Anos 70. Revolução feminista. Não neste sul. Não publicamente. A revolução que se dava

era dentro de casa. “Vocês vão estudar, que é pra terem um trabalho decente e nunca dependerem de homem nenhum e nem terem que baixar a cabeça”. Dito e feito, ela e as irmãs estudaram e nunca dependeram financeiramente de homem nenhum, mas daí a não baixarem a cabeça...

[62]

15.

Quando ela foi morar na quadra, *As Panteras* já estavam consolidadas em seus papéis. Final dos anos 70, início dos 80. A mais mandona da turma era sempre a Jill. Eu era a Kelly e depois a Kris, quando ela surgiu no seriado. Sobrava a Sabrina, que apesar de ser a mais inteligente, era a que considerávamos menos bonita e tinha jeito de sapatona. E naquela época ninguém queria ser ou parecer sapatona. Antes de a Kris aparecer, não teve jeito, a Katiúscia teve que assumir o papel de Sabrina para poder entrar na brincadeira. Enrolávamos lenços na cabeça para fazer os cabelos esvoaçantes das Panteras, menos a Renata, que tinha cabelos longos e fazia um corte em camadas, parecido com o da Farrah Fawcett – dentro do possível, porque a Renata tinha o cabelo ondulado e o corte não dava muito certo. O meu cabelo se prestaria, era liso e louro, mas eu era muito piolhenta, então estava sempre de cabelo bem curto. O da Katiúscia, sempre trançado ou preso no alto da cabeça, como um pompom. Os lenços eram a nossa salvação. O domínio das Panteras era delimitado pelas ruas Barroso, Tiradentes, Praça da Alfândega e Canal São Gonçalo, bem próximo de onde hoje é o campus das Ciências Sociais da UFPel. Na época era um bairro como outro qualquer, o Porto, nem se imaginava que um dia a Universidade instalaria alguns *campi* nos prédios da Cooperativa de Lãs. O lugar onde morávamos tinha um certo *status*, já que não era uma vila em que não havia ruas calçadas, como a Vila do Sapo – onde ficava a terreira da tia Hilda – o recém-criado Navegantes – onde a Vó morava. A nossa quadra era perto da Barroso, “quase no centro”, como dizia uma vizinha que gostava muito dessas distinções.

Foi o irmão da Renata que começou a chamar a Katiúscia de Neguinha. Ela não gostou. Meu nome é Katiúscia, com K! Virou Neguinha Koncá. A mãe dela dizia “Não dá bola, quanto mais te importas, mais ele vai implicar”. Acho que ela até tentou não dar bola, mas não teve jeito. Até a adolescência, era Neguinha Koncá ou Koncá ou Neguinha. Foi a Ká a primeira pessoa que me mostrou o que hoje chamamos de privilégio de branco. Ela era muito vaidosa e tinha bom gosto, aquele bom gosto de quem conhece e tem acesso a coisas de qualidade mesmo, sabe? Era filha única do segundo casamento do seu pai. Do primeiro casamento do Seu Araújo, herdou seis irmãs, já crescidas quando ela nasceu, mulheres que estudaram, trabalhavam, viajavam. Presenteavam a Ká com brinquedos que a gente nem sabia que existiam. E ainda livros, discos, roupas, jogos, objetos de decoração. O Seu Araújo era maestro do Exército e tinha uma coleção de discos gigantesca, daqueles de vinil, que só não era maior que do encantamento dele ao nos mostrar alguns e nos contar histórias dos músicos, das gravadoras, das composições. A gente ouvia mais por educação, sem saber da preciosidade que tinha ali. Também foi na casa da Ká que ouvi em uma fita cassete uma entrevista com Monteiro Lobato, o autor do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que assistíamos todas as tardes depois do colégio. Dá para imaginar o deslumbramento da criança ao ouvir a voz do cara que inventou aquelas histórias? Não, nem passava pela nossa cabeça que a relação entre a Tia Nastácia e a D. Benta eram marcadas pelo racismo, muito menos que o Monteiro Lobato era um racista, higienista convicto e atuante. Também foi lá que conheci os irmãos Grimm, em uma edição de capa dura com ilustrações; entre o pavor e o prazer, a descoberta de que os contos de fada seriam mais bem classificados como contos de terror, nada a ver com aquelas versões dos livros da biblioteca da escola. E a mãe da Ká? Era a mãe que todas queriam ter, menos a Ká. Era a irreverência em pessoa, gostava de festa, gostava de saber dos namoricos das brincadeiras de garagem, que eram uns bailinhos que a gente fazia nas duas garagens disponíveis na quadra.

Quando fiquei grávida, foi com ela que primeiro fui conversar, mas isso foi depois. Antes, bem antes, como dizia, foi a Ká quem me deu a noção da vantagem de ser uma pessoa branca, ainda que, na época e por muito tempo, eu não tenha entendido muito bem.

Naquela época, no nosso meio, aquela ideia de que meninas vestem rosa e meninos vestem azul não funcionava. No verão, chinelos de dedo, camiseta e calção – calção mesmo, era assim que a gente dizia; *short* era um calção mais arrumado e só usado, como saias e vestidos, em ocasiões mais festivas, digamos. No inverno, eram tênis Conga ou Bamba e botinas, blusões feitos a mão e calças de abrigo de malha – calças de brim ou de tecido e sapatos mocassim eram reservados também para ocasiões especiais. Mas a Ká... a Ká usava tênis Topper e calças da Lee ou da Lewis até para ir à padaria. Cada saída de casa era um ritual. Não foram poucas as vezes que eu desisti de esperar por ela para fazer algum mandalete que a mãe pedia. Até que. Até que um dia, no meio de uma discussão sobre a frescurada dela de ter que se arrumar toda para ir ao centro comprar qualquer coisa, ela me disse: “Pra ti é muito fácil, tu podes chegar numa loja vestida de qualquer jeito e vão te atender. Tu és loirinha. Eu não, não me atendem, e é capaz de acharem que tô querendo roubar”.

Eu nunca tinha pensado sobre isso, mas era óbvio que ela tinha razão. O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes da riqueza¹. Para aquela menininha negra, isso já era evidente; para a menininha branca ainda não, mesmo que tenha sido dito com todas as palavras. O que percebi naquela fala foi a desvantagem de ser uma pessoa negra e não propriamente a vantagem ou privilégio de ser branca.

[65]

¹ Aparecida Sueli Carneiro, *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*, 2005, p. 131-132.

16.

Finalmente poderia ir ao baile de Carnaval de adultos, tinha completado 15 anos e o que ela entendia como uma promessa não teria mais como ser negada. Quando tu tiveres quinze, a mãe te leva. Quantas vezes ouvira essa conversa... e lá iam as irmãs com suas fantasias improvisadas, cheias de purpurina, e ela a ver o carnaval do Rio na tv, comendo bolachinha Maria com a Vó. Dormia antes que terminasse a primeira escola e que a avó terminasse a primeira cerveja. Mas este ano ia ser diferente, a mãe tinha prometido; já tinha buscado os convites no clube, o dela e das três amigas também estreantes em bailes de adulto. Era até engraçado, já há mais de ano iam na boate do Direito – sem que a mães soubessem, é óbvio, uma vai dormir na casa da outra, aquele esquema, e na época nem todas tinham telefone em casa, celular nem existia. O Hélio, ex-colega do colégio, trabalhava na portaria e deixava elas entrarem. Elas iam cedo e saíam antes de a boate encher de verdade. Entre a euforia de estar num lugar frequentado por estudantes universitários maconheiros vagabundos – como dizia o pai – e o medo de ser descoberta pela mãe, o medo vencia. As irmãs não costumavam ir lá, elas namoravam, e os namorados eram caretas demais, só gostavam de cinema e “barzinho” – geralmente com um chato empoleirado em um banquinho tocando alguma milonga no violão ou alguma música do Roberto Carlos acompanhado de um teclado. Ir em um baile de Carnaval era diferente, precisava autorização, o porteiro só deixava entrar se estivessem acompanhadas por um responsável. As irmãs, graças a Deus, tinham ido passar o Carnaval com os namorados em Canguçu e deram seus convites para que ela levasse as amigas. E a mãe tinha prometido que levava, sim, as amigas também,

mas para de falar nisso pelo amor de deus. As mães das amigas tinham deixado, D. Elga tinha prestígio, era tida como uma mulher séria, apesar de ser desquitada. Não bebia, não fumava, não dizia palavrões e, na época, só ia a bailes para levar as filhas, o que também não era frequente.

Desde cedo as amigas estavam em sua casa se arrumando. A mãe chegaria do trabalho às dez, elas queriam estar prontas. Tinham bordado em lantejoulas “as pan te ras”, uma sílaba em cada camiseta, e combinado de se chamarem pelos nomes das personagens do seriado que viam na tv e que incorporavam em suas brincadeiras desde a infância: Jill, Kris, Kelly, Sabrina. Inteligentes, destemidas, bonitas, independentes e ricas – era tudo o que queriam ser. Estavam terminando de arrumar os cabelos, quando a mãe chegou e foi direto para a cozinha.

– Já comeram? Tem que tá alimentada, o baile vai até tarde e eu não vou ter dinheiro pra comprar lanche lá. No máximo, um refrigerante.

– Já comemos, é só arrematar a trança da Kelly aqui que já estamos prontas.

D. Elga chega na porta do quarto, analisa as quatro panteras de cabelos trançados do topo da cabeça, caindo soltos até os ombros, camisetas com franjas cortadas no próprio tecido, bermudas feitas de calças jeans, purpurina por tudo. Sorri. Estão lindas. Para os olhos na menor delas por um instante. Sai pelo corredor, respirando fundo, entra em seu quarto e deixa a porta entreaberta.

– Minha filha, podes vir aqui um pouquinho?

Aos pulos, soltando purpurina pela casa, a filha chega em segundos.

– Fecha a porta. Eu vou ligar pro clube. Eu acho que não vão deixar vocês entrarem...

– Mas tu vais nos levar. Eu tenho os convites, eles disseram que só precisa um adulto responsável... O que houve?

- Eles não vão deixar a Katiúscia entrar... Eles não aceitam gente negra nesse clu

- Como assim???

- Eu vou ligar pro clube. É melhor ligar antes do que ir até lá e barrarem a gente na porta.

- Mas, mãe, isso não tem cabimento. Tu és sócia do clube, a gente tem os convites... vão proibir a pessoa de entrar no baile de carnaval por que é negra???

- Fala baixo. Eu não sou sócia, eu sou dependente do teu pai lá, e aquela gente é metida a besta. Se eu chego lá com vocês e insisto, vão ligar pra ele. E ele não vai me dar razão, tu sabes. Não me dei conta quando tu falou que ia levar as gurias... não me dei conta... Vai lá e distrai elas enquanto eu ligo que tão tudo quieta querendo ouvir o que a gente tá falando. Vou ligar pro clube. Vai duma vez.

Não foram àquele baile. D. Elga era uma mulher forte e corajosa para a vida, mas não teve coragem de enfrentar a portaria e a direção do clube nem o ex-marido publicamente. As panteras, depois do choro, depois de desmancharem os penteados e as fantasias, descobriram um vidro de cachaça com butiá esquecida, do tempo do pai, em um armário da cozinha. Tomaram, se embriagaram, choraram de novo, cantaram e dançaram abraçadas no quarto, duas vomitaram, uma dormiu com metade do corpo embaixo de uma cama. D. Elga dormiu ou fez que dormiu, só saiu do seu quarto de manhã. Limpou o banheiro vomitado, colocou um travesseiro em baixo da cabeça da que dormia no chão, apagou a luz que tinha ficado acesa, desligou o toca-fitas travado no final da fita, jogou o vidro com os restos de butiá no lixo.

Não foi bem assim. Tinham, sim, combinado de ir ao baile. Mas a mãe não as levaria. Iriam se encostar em algum adulto que estivesse entrando. Naquela época a mãe andava bem louca. Passava os finais de semana fora de casa. Chegava do trabalho às dez, com sacolas de compras, ajeitava as coisas na

geladeira, tomava banho e saía. Dizia que ia jogar pife com uma tia e voltava segunda de manhã bem cedo. As irmãs iam para a casa de amigas ou saíam com os seus namorados idiotas. Geralmente era isso. Ela ficava de dona da casa. Chamava as amigas, ficavam vendo tv até tarde, às vezes iam na boate do Direito, quando o Hélio avisava que ia estar na portaria. Iam cedo e voltavam antes de a boate encher de verdade, tinham um pouco de medo de estar lá. O Hélio contava que a polícia às vezes batia e que se pegassem elas lá, ia dar confusão para elas e para ele.

É verdade que nunca tinham ido a um baile de Carnaval de adultos. É verdade que cortaram camisetas e calças jeans para fazerem pseudo-fantasia iguais. É verdade também que queriam ir com o mesmo penteado, mas a Katiúscia se negava a andar com o cabelo solto. A solução foi, depois de muita discussão, fazerem as tais tranças embutidas até a metade da cabeça e passar muito creme no cabelo da Ká para diminuir o volume. Naquela época não havia ou elas não conheciam produtos bons para cabelos afro. Era alisar ou prender. Katiúscia se negava a alisar, mas não gostava deles soltos. Também é verdade que quando a mãe passou em casa, antes de ir para a casa da tal tia, ligou para o clube.

– Eles não vão deixar a Ká entrar, eles não aceitam gente negra nesse clube.

Mas falou isso à queima roupa, na frente da Katiúscia mesmo, que na mesma hora foi para o banheiro chorar. É verdade que uma das amigas quis ir embora, ir para aquele ou para outro baile. É verdade que brigaram entre elas e a amiga acabou ficando. É verdade que a mãe saiu e elas ficaram em casa, beberam, cantaram e dançaram abraçadas, que duas vomitaram e uma dormiu com a metade do corpo embaixo de uma cama. Que no outro dia a mãe voltou antes do esperado e fez elas arrumarem a bagunça aos gritos. É verdade que a mãe da Ká, quando soube, deu razão para D. Elga, mas ficou com pena de terem perdido o baile. É verdade que foi no clube em que o marido era sócio e combinou de descascar não sei quantos quilos de batatas, que seriam fritas e vendidas no

baile daquela noite, para conseguir os convites para que as quatro panteras pudessem ir. É verdade que nenhuma delas, em momento algum, pensou em ajudar a mãe da Katiúscia. Mas foram ao baile. É verdade que o pai quando soube que ela tinha ido ao baile do clube de negros brigou com a mãe.

É verdade que a mãe pegou uma faca e apontou para o pai, aos gritos. Some daqui, vai cuidar das tuas vagabundas que das minhas filhas cuido eu. E ela riu da cena e levou um tapão na cabeça. Vai-te à merda que tu também só inventa coisa pra me incomodar, e o riso mal disfarçado da mãe.

Essa última parte não é verdade nada, isso era o que ela queria, que a mãe reagisse, que dissesse diretamente para ele aquilo que dizia quando ele não estava, queria a cumplicidade da mãe, mas a verdade mesmo é que mãe não disse nada, só baixou a cabeça, como sempre.

[67]

17.

Quando nasci, a médica disse que eu demorei para chorar. Tu ficaste preocupada, mas logo em seguida soltei um grito de vida e me colocaram nos teus braços¹. Se eu fosse um homem escrevendo, diria que nem de longe tu parecias aquela mulher desesperada, de horas antes²... Não. Tu eras uma mulher apavorada. Depois de horas de trabalho de parto, de violência obstétrica (que na época não se falava, não nesses termos), depois de jurar mil vezes “nunca mais eu vou passar por isso”, tu estavas comigo nos braços. Mesmo que a situação de vocês estivesse conturbada. Mesmo que em algum momento tivesses te arrependido da gravidez³. Um dia depois do parto, nós fomos para casa. Ele estava confuso com meu nascimento. Na verdade, tu também, meio sem saber o que fazer, ouvindo – como ouvirias por muitos anos, que não sabias como me cuidar. Não sabias mesmo, como saberias? Tinhas 17 anos, nunca tinhas feito planos de ter filhos, casar, etc. O desejo, menos do que plano, era trabalhar em algo longe, como o Projeto Rondon, que conhecias de ouvir falar. Querias sair desse frio do Sul, conhecer o mundo. Era essa a vontade, antes de a menstruação atrasar, os seios incharem e a barriga começar a crescer. Incrível o poder que uma criança tem de encerrar e depois iniciar fases na vida dos adultos. Na época em que fui concebida⁴, vocês estavam namorando fazia o quê? Dois anos? Eram muito jovens. Tu estavas terminando o ensino médio, eu nasci

¹ Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, 2020, p. 32.

² *Ibid.*, p. 32.

³ *Ibid.*, p. 32.

⁴ *Ibid.*, p. 32.

no final do último semestre, e se não fosse aquela professora te dizer que tinhas direito a fazer as provas finais em casa, talvez não tivesses concluído o curso. Também foi ela, soubemos depois, que convenceu dois professores a fazer uma média das tuas últimas notas nas aulas práticas, o que te permitiu ter o aclamado diploma de ensino médio, algo raro entre as pessoas com quem convivias; a maioria das tuas amigas e amigos ou já haviam desistido ou demorariam ainda alguns anos para consegui-lo nos supletivos da vida. O meu pai era uma dessas pessoas. Ele dizia que tinha parado de estudar para trabalhar e sustentar a nova família, mas a gente sabe que não foi bem assim. No início, talvez fosse a intenção, mas ele nunca gostou muito de estudar mesmo. E depois, a fragilidade dele para enfrentar o dia a dia, o cartão ponto, o patrão, e o bar, sempre mais agradável, o levaram para outro mundo. Ainda por alguns anos eu era uma força gravitacional capaz de mantê-los atados⁵, mesmo que vocês não estivessem mais juntos.

A infância nos fornece certas mágoas e é com elas que lutamos⁶. O pai ausente foi e será algo que todas as crianças da tua/nossa família tiveram, tem e terão em comum ainda por muito tempo. Uns mais que outros. Uns nos farão ter vergonha ou medo ao encontrá-los na rua; outros despertarão nosso desprezo ou nossa pena, dependendo da época e de como andam as emoções. Os filhos abandonados procurarão por muito tempo o reencontro com o pai. Alguns, com o tempo e a decepção contínua, acabarão por deixar o progenitor de lado, não sem grande tristeza. As filhas abandonadas serão mais combativas, as mais jovens principalmente; sempre que tiverem oportunidade dirão a bela bosta de pai que o sujeito é, outras dirão desde cedo que não têm pai, que nem conhecem aquela pessoa. Há muito as mulheres dessa família deixaram de contemporizar

⁵ Ibid., p. 32.

⁶ Ibid., p. 33.

a ideia de que, apesar de tudo, pai é pai. Se suportam as intervenções descabidas desses homens na vida dos filhos é porque já entenderam que a relação ou não relação entre eles tem de ser resolvida por eles, porque qualquer coisa que elas façam ou digam será sempre usada para culpabilizá-las. Elas, as egoístas natas⁷, que não investiram suficientemente na relação do casal, que não souberam compreender os dramas e dilemas dos pais de seus filhos. Elas, as ressentidas que promoveram a alienação parental por pararem de pedir insistentemente que o paizinho não deixasse o filho esperando; porque não se submeteram à chantagem; porque depois de muito ver o estrago que essa espera provocava na criança, passaram a não permitir mais que a criança esperasse. Mil vezes melhor aguentar (revirando os olhos) a revolta do papai reivindicando o direito ao filho do que enfrentar a espera e a tristeza da criança porque, de novo, ele não veio. Quantas vezes vimos essa cena se repetir, de geração em geração?

Quantas decepções afetivas sentiste na vida? Em alguns momentos, eu te percebi resignada, em outros, com uma fúria que me assustava. Chegaste a pensar que não sabias amar. Não amei certo, tu pensavas. Mas a vida seguia, porque, mesmo quando se ama errado, ainda temos de viver. O amor não impedia a vida. Continua-se porque os carros não param, homens e mulheres se levantam e vão trabalhar. Todos os dias. Segue-se, não por bravura ou altivez, mas porque simplesmente não há o que fazer. E não há aí nenhum ensinamento ou lição a aprender. A não ser domar a tristeza e a raiva e aceitar conviver com elas, tu pensavas⁸.

Mas eu quero falar sobre o antes, sobre essa experiência amorosa inaugural. Que talvez não tenha sido bem a primeira e certamente não foi a mais intensa, mas é a que resultou em mim. Resultou eu, euzinha – glorioso fruto de um amor

⁷ Ibid., p. 33.

⁸ Ibid., p. 152.

primordial! “A glória e seu cortejo de horrores”⁹, dirias se estivesses aqui a me ouvir.

Olhando vocês agora, é difícil imaginar que algum dia vocês estiveram juntos. É uma pena que nossa família não goste de contar histórias. A muito custo se tira uma ou outra informação sobre o passado. O que foi dito sobre vocês antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para ti nem para meu pai, estou reconstituindo esta história para mim. Não acho que devemos lidar apenas com a lógica dos fatos. Prefiro uma verdade inventada, capaz de me pôr de pé¹⁰. Há realidades que só a ficção suporta. Precisam ser inventadas para serem contadas¹¹.

Tu lembra? Ele costumava andar bem mais de mil léguas para poder buscar flores de maio azuis e os teus cabelos enfeitar¹². Fazendo muito esforço, consigo imaginar a doce e delicada mocinha e o gentil trovador, sentados ali, observando estrelas junto à fogueirinha de papel. Formavam um bonito casal, os amigos diziam, e incentivavam aquela imagem. Vocês punham o braço um ao lado do outro e contemplavam a diferença de cor. Achavam bonita aquela mistura e, de maneira muito hipotética, vocês imaginavam como seria um filho de vocês, pensavam na aparência dele, no tipo de cabelo e no tom de pele¹³. Era bonito, e só. Vocês acreditavam na democracia racial. Brancos e negros são iguais, e isso é que importa. Somos todos seres humanos¹⁴. Vocês viveram o namoro romântico de vocês sem pensar em racismo, até que o teu pai surgiu

⁹ *A glória e seu cortejo de horrores*, de acordo com a autora do livro homônimo, Fernanda Torres, é uma frase muito utilizada por sua mãe (a atriz Fernanda Montenegro) e “resume a danação e a maravilha que se conhece na profissão de ator, de escritor, nas artes”.

¹⁰ Jeferson Tenório, op. cit., p. 176.

¹¹ Eliane Brum, op. cit., p. 78.

¹² Mu Carvalho, Maurício Tapajós, Cláudio Nucci, *Sapato Velho*, 1981.

¹³ Jeferson Tenório, op. cit., p. 23.

¹⁴ *Ibid.*, p. 23.

sabe-se lá de onde, pois há muito não aparecia, para reclamar com a tua mãe: uma guria de estudo com um neguinho desses? Não pode. A resposta da tua mãe: ele nem é tão negro assim. A tua resposta: se é negro ou não é negro não te interessa, aliás, o que te interessa? Vai cuidar da tua vida, #@*!! E ficaram sem se falar pelos próximos anos, até eu me alojar na tua barriga e ele vir dizer que tinhas que casar. Nova briga. Só voltaram a conversar civilizadamente quando eu nasci. Mas aquela reação do avô teve seus efeitos. Ao caminhar pela rua, vocês prestavam mais atenção nos olhos das pessoas que passavam, e notavam que elas se incomodavam. Mas vocês não. Vocês até gostavam daquilo. Vocês estavam juntos desafiando a sociedade hipócrita¹⁵. Não que outros casais iguais a vocês, em meados da década de mil novecentos e oitenta, já não existissem, mas ainda assim vocês chamavam atenção. Alguns comentários racistas nunca chegaram diretamente a vocês, mas eles aconteciam a sua revelia¹⁶. E alguns, eu sei, chegaram só a ti e tu os guardaste, vocês não falavam sobre isso. O afeto transcende a cor da pele, tu pensavas¹⁷.

Quando o teu tio chamou ele de Crioulo, tu não gostaste, mas ele disse que tudo bem, era brincadeira, aquilo significava algum tipo de intimidade, e ele, enfim, estava sendo aceito pela tua família branca. Acontece que, em pouco tempo, ele não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que ele era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que ele deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que negros são bons no atletismo¹⁸. Diante das negativas, alguém chegou à conclusão de que ele era, então, um crioulo

¹⁵ Ibid., p. 23.

¹⁶ Ibid., p. 21.

¹⁷ Ibid., p. 21.

¹⁸ Ibid., p. 22

falsificado, como os produtos do Paraguai que todo mundo comprava na época. O apelido ficou, e tu mesma o chamavas de Crioulo; ele ria e dizia que ia te mostrar a etiqueta “made in Taiwan”. É, talvez a avó tivesse razão, ele não era tão negro assim. Vocês riam e seguiram vivendo sem pensar nisso. Talvez tenham pensado, sim, mas não discutiam o assunto. Se existia racismo era lá fora. Tu tinhas um compromisso com um homem negro e isso já bastava para que fosses absolvida de qualquer racismo, tu pensavas¹⁹.

[83]

¹⁹ Ibid., p. 25.

18.

- Tem gente que mal chegou e já tá querendo fazer revolução aqui dentro – disse o diretor da rádio muito vermelho e muito irritado com as nossas reivindicações.

- Tem gente que mal chegou, mas trabalhou e não recebeu... O senhor não tem vergonha de levar 20 mil cruzados de vale e nos pagar nem cinco mil?

Foi assim que perdi meu primeiro emprego. Entreguei o diretor na frente de todo mundo. Além de ter um salário miserável, a gente recebia por vale, nunca o salário inteiro. E eu era responsável por fazer o recibo dos vales, só o meu chefe e eu sabíamos o valor que ele retirava toda a semana. O diretor dizia que há meses não pegava um vintém da rádio, que tudo que entrava ele dividia entre os funcionários, principalmente os mais humildes. Mentira. Toda semana ele e o meu chefe somavam o que tinha em caixa, pegavam a metade para eles e o resto dividiam entre os seis funcionários “mais humildes” – os dois operadores de mesa, o discotecário, o zelador, a datilógrafa e eu, que era secretária do chefe do escritório, cobradora, estafeta, copeira e mais qualquer coisa que inventassem na hora. Tive que vasculhar a memória para lembrar da palavra “estafeta”, era como se dizia o que agora chamam de *boy*, *office-boy*, mesmo que o *boy* seja uma *girl*. Eu digo, não digo? Tem coisas que involuíram com o tempo. A adesão à cultura estadunidense nos faz dizer cada bobagem, já tinha uma palavra boa para dizer, aportuguesada, vá lá... mas se há uma gringuiça nova, vamos copiar... *office-boy*...

Fazia três meses que eu estava trabalhando e não tinha recebido nem a terça parte do que tinham prometido por mês, um salário mínimo e meio; somando

os vales não dava um inteiro. Isso era 1988, inflação a mil, o salário mínimo valia 64 dólares (fiz a conta, uns 320 reais se fosse agora), desemprego e o povo querendo saber quem matou Odete Roitman, lembra?

A ideia de fazer uma reunião com todos juntos para reclamar do atraso do pagamento tinha sido do Ricardinho, o discotecário. Foi uma semana de confabulações para convencer o zelador e a datilógrafa que não queriam participar, que não adianta, que não tem dinheiro mesmo, que vão acabar é botando todo mundo na rua. E o Ricardinho, com toda a diplomacia, argumentando, eu e os operadores de mesa concordando com tudo o que ele dizia, que não tá certo, que a gente tinha direito a uma ceia decente, que a gente tinha direito a comprar os presentes de Natal para as crianças, que não era para ser um confronto, mas um convencimento, um pedido bem justificado, que o diretor desse um jeito, que falasse com os donos da rádio, que pedisse um empréstimo...

Embora eu tivesse muitas funções, não tinha muito trabalho. Fazia o café para o escritório, aquecia a água pro mate do chefe, uma vez por semana ia fazer a cobrança dos anunciantes, recebia o dinheiro ou o cheque e entregava para o chefe. A parte que eu mais gostava era a das correspondências. Naquela época, telefone era uma coisa muito cara. Era até um investimento, quem tinha dinheiro comprava uma linha e depois alugava. O escritório da Rádio tinha um telefone, mas estava cortado por falta de pagamento; o do estúdio era mantido pelos radialistas. Era muito comum as pessoas deixarem cartinhas e bilhetes em uma caixa na entrada do prédio. Eu recolhia as correspondências, abria os envelopes, quando elas vinham em envelopes, e as deixava separadas por assunto na mesa do chefe. A maioria eram destinadas aos radialistas e aos guris da mesa de som, pedindo música, elogiando os programas e algumas fazendo declarações de amor. Segundo o meu chefe, era um trabalho que exigia muita responsabilidade e discrição. E eu era discreta, mas ele mesmo lia em voz alta

as cartas e gargalhava com os erros de ortografia e com as declarações aos musos da Rádio. A gente ria junto, mas às vezes me dava pena das pessoas que tinham escrito. Lá elas tinham culpa de não saberem usar os esses, os zês, os cês, os cês com cedilha, os erres? Das apaixonadas eu não tinha pena, só pensava “mas que idiota...”.

Que eu ia ser demitida ou pedir demissão era previsível, porque mesmo que fosse um lugar bom de trabalhar, eu morava de favor na casa da minha avó e tinha um filho para manter, sem salário não tinha como seguir. O que não foi previsível foi a forma como consegui esse meu primeiro emprego. Eu ia todos os dias para a fila do Sine – nem sei se ainda existe, era tipo uma agência de empregos do governo em que as empresas ofereciam as vagas e os trabalhadores se ofereciam para trabalhar. Quase nunca tinha vaga para pessoas sem experiência, mas era uma das formas de se procurar emprego. Lá e no Jornal Diário, que colocava os anúncios de vaga de emprego dos classificados colados nas janelas (ia dizer que colocavam os anúncios nas janelas para evitar que aquele monte de gente pobre, com cara de pobre, com jeito de pobre, entrasse na bonita recepção, mas periga me chamarem de mal-afortunada, então não vou dizer nada). As rádios também anunciavam as vagas de emprego, mas daí que a rádio anunciasse e a gente chegasse no lugar, a fila ficava maior ainda. O negócio era ir cedo e pegar as primeiras fichas do Sine, e depois ir no Jornal Diário. Foi na fila do Sine e nas idas e vindas de um lugar para outro que fiz amizade com a Juliana, de quem acabei roubando a vaga na Rádio. Foi sem querer, mas foi isso que aconteceu. Ela tinha conseguido a indicação de um assessor de um candidato a vereador para uma vaga na Rádio que não tinha sido anunciada. Essa era outra forma de conseguir um emprego, mais rara, porque o círculo de amizades de gente pobre geralmente é de gente pobre, né? E gente pobre não oferece emprego. Pois a Juliana tinha ido no comitê do tal candidato e tinha pedido ajuda para conseguir um emprego, em troca ajudaria

na campanha. O tal assessor, o Gerson, se interessou pela Juliana e, na tentativa de conquistá-la, conseguiu a entrevista para emprego na Rádio. No dia, por algum motivo que não lembro, eu fui com ela. Nos deram um chá de banco e quando a chamaram para entrar disseram para eu entrar junto. Entrei. Dois dias depois, a Juliana foi me dizer que a vaga era minha. Que o Gerson tinha prometido outra vaga melhor para ela e que era para eu me apresentar lá, que eles tinham gostado de mim. Gostado do que, se eu mal tinha aberto a boca? Mas fui. Aconteceu foi que o chefe do escritório, que também fazia campanha para o candidato, tinha acertado a vaga com o Gerson, mas não sabia que a Juliana era negra e não achou uma boa ideia uma gurria negra fazendo a cobrança dos anunciantes, e já que eu tinha ido junto, ele ofereceu a vaga para mim. A Juliana ficou sabendo disso bem depois. Depois de muitas promessas de emprego não cumpridas pelo Gerson, um dia, ela colocou ele contra a parede e disse que ele não tinha influência nenhuma em coisa nenhuma, que ele era um qualquer metido a besta, e ele acabou contando a história da vaga na Rádio. Isso aconteceu devia fazer um mês que eu estava trabalhando e a Juliana levou umas duas semanas para me contar. Primeiro fiquei indignada, vou pedir demissão amanhã, que cara idiota aquele chefe! Vai nada, mulher, tu precisas trabalhar, e não vai adiantar nada.

É, eu precisava trabalhar. E não ia adiantar nada. Em pouco tempo, eu nem lembrava mais da Juliana e do Gerson, e até achava o chefe gente boa.

[19]

19.

O sonho da maioria das pessoas que não vivem de herança é ter uma profissão, um emprego estável – não necessariamente nessa ordem. Aparentemente, agora as coisas mudaram um pouco, parece que as pessoas se convenceram de que a saída é o tal empreendedorismo – palavra bacaninha para dizer trabalho informal com ideias neoliberais que reafirmam a meritocracia pura; basta querer e fazer – como se não houvesse fatores alheios à vontade e à determinação do sujeito “empreendedor”. No final da década de 1980, início da de 90, a gente comum “fazia bico” (um trabalho temporário, sem vínculo profissional ou trabalhista) ou “fazia alguma coisa pra fora” (geralmente as mulheres, que faziam bolos, pães, doces, costuras), tendo consciência de que somente alguns prosperavam com essas iniciativas. A maioria da gente comum acreditava que investir em cursos técnicos e concursos públicos eram a melhor forma de ter estabilidade profissional e financeira; pelo menos era isso que a família e os amigos diziam. Ela também. E foi o que fez. Não só curso técnico, mas todo e qualquer curso que fosse gratuito e possível de fazer, até por correspondência. Datilografia, operação de telex, secretariado, corte e costura, português instrumental, correspondência empresarial, contabilidade, eletrônica na Escola Técnica. Concursos para telefonista, técnica em eletrônica, auxiliar em administração, oficial de justiça, bancária. Enquanto não conseguia ter uma boa classificação nos tais concursos trabalhava no que surgia – lojas, escritórios de contabilidade, bares e lanchonetes, costura, depilação, datilografia, aulas particulares de português e matemática (ou de ciências, geografia, história, o que aparecesse). Fez até matrícula em um segundo curso

de ensino médio para ter a possibilidade de fazer um estágio remunerado. O apoio imprescindível da família, no cuidado com o filho pequeno, na casa e nas despesas divididas ou mesmo o perdão das dívidas do rateio das despesas permitiam esses movimentos. Mesmo sem ter gosto nem jeito nem habilidade para atividades domésticas mais sofisticadas, até de cozinheira trabalhou uma vez. Experiência única. Única mesmo, de acontecer uma vez só. É uma pena que esse tipo de experiência não seja contabilizado nas avaliações para vagas de emprego. Se eu fosse responsável pelo recrutamento de funcionários em qualquer empresa, era esse tipo de postura que eu iria valorizar, ou pelo menos levar em consideração como ponto positivo.

Foi assim. Uma amiga que trabalhava como cozinheira em um restaurante se comprometeu a fazer uma sopa de ervilhas para uma cantora, amiga de longa data, oferecer a um grupo de músicos estrangeiros que participariam de um evento na cidade. Todos excelentes músicos, mas pobres de marré marré marré – assim como a cantora. O combinado era que depois do evento iriam todos para sua casa – a casa da cantora – para jantar e confraternizar. O valor pago à cozinheira seria simbólico, mas qualquer dinheiro sempre ajuda quem tem pouco. A cantora viu ali uma oportunidade de ajudar a amiga e de se desincumbir da tarefa para poder dar mais atenção aos convidados. A cozinheira, por sua vez, também viu ali uma oportunidade de ajudar a amiga e, de quebra, participar de uma boa festa – que certamente aconteceria noite afora. Porém, no dia do evento, o dono do restaurante convocou a cozinheira para um serviço extra. O negócio foi terceirizar a sopa. Pediu socorro às amigas, mas a única disponível naquele dia era a Laura – conhecida por não saber diferenciar couve de alface. Experiente, a cozinheira deixou tudo encaminhado e explicado. Era só seguir as instruções. Cebola, alho e outros temperos cortados, com indicação de ordem de entrada na frigideira para serem

refogados. Depois a linguiça, também já cortada em fatias fininhas, era só cuidar para não queimar. Antes de tudo, tinha que colocar a ervilha para cozinhar.

– Só a ervilha seca e a água, o sal se coloca depois. E é bom começar a fazer cedo, porque a luz da cozinha não tá funcionando, deu curto – alertou antes de sair.

A Laura – feliz com a oportunidade – abriu portas e janelas para arejar bem a casa, ligou o rádio, fez um chimarrão, brincou com os cachorros no pátio. Às dezessete horas, buscou o pão na padaria, tudo conforme o combinado. Às dezenove a sopa estava praticamente pronta. Tudo refogado, e apesar de um contratempo, só precisava cozinhar as ervilhas mais um pouquinho.

A cantora, no outro lado da cidade, se preocupava e já estava meio arrependida de ter aceitado a troca de cozinheiras, pois sabia da fama de Laura – tão prestativa, mas tão sem jeito na cozinha – e foi com certa surpresa e alívio que, ao chegar, sentiu o cheiro da sopa pronta e viu a mesa arrumada. Uma pilha de pratos, os talheres ao lado, os copos e o garrafão de vinho, algumas velas de sete dias para disfarçar a falta de luz. Tudo arrumadinho, e, em cima do fogão, a panela com a sopa, em fogo bem baixinho, só para manter a temperatura.

Todos comeram e repetiram. O tempero estava bom e a fome era grande. A cantora ficou mesmo impressionada com a desenvoltura da aprendiz de cozinheira:

– Acertou até na pimenta, heim, Laura?! Ficou bom mesmo, no ponto.

A Laura respondeu com um sorriso meio sem graça, mas a cantora nem reparou. Alguns já pegavam os instrumentos para seguir a cantoria no pátio. Logo estavam todos lá. E dê-lhe música e vinho a noite inteira. Quando a Laura começou a juntar a louça com a intenção de deixar a cozinha arrumada, a cantora não permitiu.

– Deixa isso aí que amanhã eu arrumo, não vais lavar louça no escuro...

E já serviu um copo de vinho para a amiga, e saíram cantando e dançando um samba com sotaque gringo.

A Laura ainda tentou voltar à cozinha algumas vezes, mas um ou outro ou a própria cantora, que já estava desconfiada com a insistência da jovem, impediam que seguisse a arrumação. Festa acabada, despedidas, “então já temos mais uma cozinheira”, alguém disse. E todos riram e concordaram e se abraçaram e se despediram de novo, naquele vínculo alegre que um pouco (ou um muito) de álcool e boas companhias criam.

No outro dia, ao começar a organizar a bagunça da noite anterior, a cantora achou estranho que havia uma espécie de fuligem na borda de um prato. Não de um, mas de todos. Que estranho. Olhou mais atentamente, pareciam uns bichinhos. Destampou a panela e lá estavam eles, boiando no que tinha sobrado naquele creme verde. Eram gorgulhos, aqueles bichinhos que aparecem nos grãos.

É que a Laura só viu os intrusos quando foi colocar a ervilha para cozinhar. Ela até foi à padaria para comprar um pacote fiado, mas não tinha. O mercado mais próximo era longe, e ela também não tinha dinheiro. Fez o que pôde. Lavou a ervilha várias vezes, tirou todos os bichinhos que conseguiu. Colocou no fogo pensando que iam se desmanchar. Eles pareciam ter sumido mesmo em meio à cebola frita e à linguiça. Se tivesse um liquidificador, não teria sobrado nenhum resquício de gorgulho. Mas não tinha. Pior seria o pessoal chegar e não ter o que comer. Ou não?

[20]

20.

Fazer faculdade, como se dizia, nunca foi um desejo desses que mobilizam a pessoa. Não tinha muito tempo para pensar em algo para o futuro. A vida chamava-se agora¹, não como o versinho que fala da infância, mas com a urgência de quem precisa garantir o sustento do dia. Havia também uma certa intimidação com aquilo que chamavam curso superior, e ela tinha também um certo preconceito contra estudantes universitários. A maioria dos que ela conhecia – dos bares e festas que frequentava, a cidade sempre foi cheia de lugares assim – tinham uma coisa que ela não sabia definir bem, uma coisa que foi bem descrita por Antonio Prata, mas só em 2010, era um pessoal meio intelectual, meio de esquerda. Alguns universitários eram esnobes mesmo, mas desses ela nem tomava conhecimento. Os outros, os que era possível ter algum tipo de relação, é que eram intrigantes, porque tinham um discurso muito revolucionário – e interessante – que não combinava com o jeito com que viviam. Para começar, invariavelmente eram sustentados pela família, não trabalhavam. Facilmente se percebia que aquele jeito desleixado de se vestir era previamente muito bem pensado; não precisava entender muito de marcas da moda para saber que o valor de uma daquelas peças de roupa daria para encher uma despensa; havia também os que gostavam de usar roupas compradas em brechós – geralmente uma única peça ou um acessório que dava certa distinção ao conjunto. Também a marca do cigarro que fumavam não era a mais comum, e maconha, ainda que bem mais barata que a cocaína que eles também usavam,

¹ Guilherme de Almeida, *Infância*, 2013, p. 81.

não era tão barata. Enfim, a imagem que tinha dos estudantes universitários era mais ou menos essa, uma gente meio besta, com caras de intelectual e fazendo *cosplay* de pobre, como dizem agora.

A ideia de fazer faculdade só surgiu como vontade mesmo quando uma amiga de infância, a Ká – já falamos dela aqui –, estava já no segundo ou terceiro ano de faculdade. Aí sim, ela pôde conhecer outro tipo de estudantes universitários. Os novos amigos da Ká eram pessoas como ela, que trabalhavam, que viam o estar na faculdade com grande satisfação, como uma espécie de diversão sofisticada. Claro que reclamavam, das provas, dos professores, das tentativas de privatização, da quantidade de xerox que precisavam fazer. Mas era uma gente que não tinha muito tempo nem ânimo para fazer pose.

Trabalhando em um escritório, fazendo bico e ainda tentando passar em um concurso público, ela prestou vestibular sem muitas expectativas. E passou. Curso de Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa. Curso noturno, a faculdade não era longe do escritório. Nem pensava em ser professora, queria era ter assunto para conversar com os amigos. Se sentir fazendo parte daquilo chamado Universidade. Não era das melhores alunas, mas se saía bem. Gostava das aulas, gostava das professoras, gostava dos textos que era “obrigada” a ler, gostava das colegas – havia poucos homens no curso. Tinha predileção pelas aulas de linguística, morfologia, história da língua portuguesa e latim. Além de o conteúdo ser interessantíssimo, as professoras eram autoridades nos assuntos tratados nessas disciplinas e também eram exemplos a serem seguidos quanto às suas práticas educativas. É interessante que quanto à Literatura, somente uma professora foi referência ao longo de sua trajetória docente. Não que as outras professoras e professores (de Literatura havia alguns) não fossem bons, é que muitas vezes aquela teoria toda meio que tirava o prazer da leitura. Mas aquela professora tinha algo que ficou reverberando. Alguns anos depois, diante de uma turma inquieta de quinta série, havia de

recordar aquelas aulas em que a teoria era deixada de lado e a voz da professora suspendia o tempo e levava os alunos a passear pela praia com o senhor Palomar ou a fazer um passeio noturno com Rubem Fonseca ou ainda a encarar um búfalo no zoológico com Clarice Lispector. Esqueciam de tudo, a vida era ali². Essa mesma professora promovia festas de aniversário para o Fernando Pessoa e convidou os alunos a escreverem uma resposta à *Carta da corcunda para o serralheiro*. Mais do que ensinar sobre literatura, o que ela fazia era mostrar o seu gosto pela leitura. Era essa a marca que havia deixado nos alunos, o mostrar-se leitora. Leitora pelo prazer da leitura.

[76]

² Maria Helena Vargas da Silveira, *O sol de fevereiro*, 1991, p. 35.

21.

[...]

Não eu não lembro de nenhum colega nem professor que não fosse lido como branco na faculdade. Também eu ainda não tinha aprendido a fazer o teste do pescoço. Nós, as pessoas brancas – e falo das que se podia dizer que não eram racistas – sabíamos, óbvio, que havia racismo em todos os lugares, mas a gente percebia mesmo era esse racismo mais escrachado, esse que diz palavras ofensivas, que associa diretamente características negativas a pessoas negras. Porque o racismo, para nós, só era possível contra negros. Porque eles eram os não brancos com quem convivíamos de alguma maneira. Outras etnias ou raças, como as indígenas, eram tão distantes que nem tínhamos uma referência. Ou melhor, a referência que tínhamos era algo romantizado... está lá nos romances indianistas... José de Alencar, Gonçalves Dias – como heróis ou como vítimas, eram resultado da invenção de autores brancos, ou embranquecidos... Fora a desse período romântico da literatura, a visão que a gente tinha era à distância. O que eu estou te dizendo é como eu lembro, como eu acho que eu e as pessoas com quem eu convivia pensavam, tá? Talvez não fosse bem assim, mas é como me lembro de pensar. Mas tem alguma interferência do agora, né? A gente nem falava “indígenas”, acho que a gente falava “índios”. Então, eles eram povos originários – e ainda não usávamos essa expressão –, mas no sentido de terem ficado na origem, não acompanharam o desenrolar da história. Ficaram lá. *Eram o exemplo puro e perfeito, amantes da natureza, incapazes de maltratar uma fêmea ou de poluir o rio e o mar...* Precisavam de proteção. Seguiam não tendo direito de serem indígenas pelas invasões das reservas. Viviam em

reservas, olha só. Mas isso tudo era lá longe, lá para o norte do estado, do país. Não aqui. Aqui, o máximo de contato era quando aparecia algum grupo vendendo seus artesanatos na cidade. Ou em algum evento. É, a gente sabia, sim, que existiam, mas a gente não convivia. Eu não conhecia, não conheci, não tive nenhum amigo ou colega indígena, entende? E as outras raças ou etnias não são discriminadas, na verdade são consideradas brancas, né? E ser branco não era considerado raça. A não ser aqueles nos formulários, que tinha a opção “caucasiano” para raça. Oras, a gente até preenchia lá os formulários como “caucasiano”, mas se alguém se dissesse caucasiano seria motivo de deboche. Ninguém falaria isso a sério. Somos uma mistura, embora alguns ressaltem as origens europeias ou, dependendo da situação, o “pé na cozinha”, como gostam de dizer. De qualquer forma, não lembro de ter algum colega ou amigo de origem asiática também.

[...]

Certo, certo, vamos voltar à tua pergunta. Não, eu não via nada de racismo na faculdade, justamente porque não havia pessoas negras nem indígenas na faculdade. Interessante, né? Como que a gente não pensava nisso? Tinha uma professora que até brincava que no início do curso a maioria das gurias tinha os cabelos escuros e, conforme ia passando o tempo, iam ficando mais loiras; no último semestre eram só cabeças loiras na sala de aula. E a gente achava graça disso. Quase como aquela propaganda do MEC depois do golpe. Lembra? A pessoa é negra, mas a mão que segura o diploma é branca...

[...]

Nem entre os funcionários. Aliás não lembro de ter funcionários, acho que não tinha nem na secretaria do curso. Era uma época difícil... Fernando Henrique era presidente, queria porque queria privatizar a Universidade... Quem ficava na secretaria era a coordenadora do curso. Os funcionários que me lembro eram os porteiros, por causa dos nomes deles, o pessoal dizia que era um para cada

licenciatura: João, Pierre e William... Na época era só Português, Francês e Inglês. Os três eram brancos.

[...]

Sobre os autores... os de literatura, né? Os da linguística, dessa parte que trata da língua mesmo, se tinha algum que não fosse branco, não lembro de terem sequer comentado. A gente estudava os russos, os norte-americanos, os franceses... Tinha alguma coisa do português brasileiro, da história da língua, das assimilações de expressões das línguas indígenas e africanas. Talvez alguma coisa na análise do discurso sobre lapsos, atos falhos que denotam preconceitos, mas não lembro de nenhum autor ou autora que fosse marcadamente negro ou que tratasse mais especificamente sobre o racismo na língua portuguesa. Da literatura brasileira, não tenho muita certeza, mas não era uma coisa pautada, sabe? Eram comentários... o Machado de Assis era mulato, o Cruz e Sousa era negro. Aliás, que eu me lembre, só o Cruz e Sousa era marcado como negro, os outros eram todos mestiços. Os outros... alguns outros. O Lima Barreto, por exemplo. A gente leu *O triste fim...* e alguns contos, mas não lembro de sequer pensar que ele era negro. Depois, digo, bem depois, é que eu fui conhecer os textos dele se posicionando e criticando o racismo mais diretamente. E tinha isso também, as personagens negras na literatura que a gente estudava, quando apareciam eram estereotipadas. Ou eram vítimas ou eram más ou maliciosas. As personagens do Castro Alves – o poeta dos escravos – e de outros também eram só sofrimento resignado. A gente morria de pena... uma tristeza tão, tão grande imaginar aquele sofrimento todo... Não lembro de uma personagem negra que fosse ativa, inteligente, com iniciativa. Essas, só fui conhecer com a Conceição Evaristo, isso muitos anos depois. Depois que ela ficou famosa, ganhou prêmio e tal. Isso não faz muito tempo. Depois da Conceição é que descobri o Luiz Gama, o Solano Trindade, o Abdias do Nascimento, Carlos Assumpção, Oliveira Silveira, a Ana Maria Gonçalves... Textos que, desde o

século XIX até agora, falam de outra forma sobre as pessoas negras, não só como vítimas ou como maliciosas, sensuais.

[...]

Quanto às mulheres? Ah, eram poucas também. Bem poucas. Na faculdade a gente estudava mais as obras clássicas. Tinha a Safo, que a gente estudou em Literatura Latina; as portuguesas Mariana Alcoforado, Florbela Espanca... Brasileiras, acho que só as mais contemporâneas. E não lembro de a gente se dedicar à literatura contemporânea como se dedicava às anteriores, fazendo resenhas do Antonio Candido, com o Alfredo Bosi do lado para consultar... Nem sei se teve uma disciplina específica. Não lembro de estudar a obra da Clarice Lispector na faculdade... Nem a Lygia Fagundes Telles nem a Cecília Meireles... Lembro de uma professora que lia alguns contos para nós. Mas não lembro de estudar teoricamente... Acho que a gente parou no Modernismo, não lembro mais. Imagina... A Carolina Maria de Jesus, que foi uma mega badalação na década de 60, traduzida em não sei quantas línguas... Nem uma palavra sobre ela. A gente nem sabia que não sabia das coisas... A nossa sorte – nossa, assim, de todo mundo – é que depois das cotas entrou um povo diferente na universidade, uma gente que sabe o que a gente não sabe que não sabe, dá pra entender? Veio uma galera dos movimentos sociais, do movimento negro especialmente, já que estamos falando de racismo. Esse povo lia autores e autoras negras por causa da militância. A Conceição Evaristo fala sobre isso. Quando eles entraram na universidade tinham condições de dizer que faltava gente ali naquela história. Aqui a gente está falando do curso de Letras, mas isso aconteceu, acontece em todos os cursos, eu imagino. Aí é que a gente pôde ver que aquela ausência não era outra coisa senão racismo. A gente – essa gente branca que a gente diz que não é racista – teve de levar uma sacodida para começar a perceber a própria ignorância. Oras, o curso era de língua portuguesa e literaturas da língua portuguesa... mas as literaturas da língua portuguesa

eram do Brasil e de Portugal... Os países africanos não tinham literatura, então? E a literatura brasileira e portuguesa era produzida só por homens brancos? Esse pessoal que entrou pra Universidade por conta das cotas, das ações afirmativas... eles não disseram só “oh, está faltando”, eles mostraram que havia outra literatura há muito tempo. Que essa literatura era vasta e diversa, que poderia contemplar os critérios mais rigorosos da estética canônica como poderia ser avaliada por outros critérios que não tinham ainda sido pensados pela branca academia.

[...]

Exemplos? A Ruth Guimarães, a própria Conceição Evaristo... A Ruth Guimarães publicou o primeiro livro em 1946, foi elogiadíssima pelo Antonio Candido, pelo Erico Veríssimo e por outros intelectuais da época. A escrita dela é uma dessas que contempla as “normas” para ingressar no clube dos escritores bem avaliados pela crítica. É comparada ao Guimarães Rosa, mas, diferente dele, que era um cara que saiu do meio urbano e foi para o rural e captou as falas dos sertanejos, ela era uma sertaneja que foi para o meio urbano. O jeito que ela conta, o jeito que ela escreve é o jeito que as pessoas com quem ela conviveu falavam. Eu sei porque fui procurar, porque a Conceição Evaristo ou a Cidinha da Silva, não lembro qual das duas, comentou em alguma entrevista. E nem foi difícil encontrar os livros dela, foram publicados por grandes editoras, foi reconhecida como grande escritora assim que publicou o primeiro livro, mas foi “esquecida”... Outro dia, estava ouvindo um podcast sobre o Luiz Gama – outro “esquecido”... Tu deves conhecer, mas eu só fiquei sabendo da existência dele depois daquele desfile da Mangueira que falava da Luiza Mahin, que era mãe dele, né? Esse cara devia ser nome de rua, devia ter monumentos para ele, deviam já ter feito milhões de filmes e séries sobre ele... mas, né? Agora nessa última novela, ele aparece como nome de uma escola, mas duvido que alguém

se dê conta... só quem está por dentro dessa discussão de apagamentos e sabe da importância dele é que se dá conta... daí passa batido...

[...]

Eu não tenho dúvida de que foi esse pessoal dos movimentos que fez as coisas mudarem. Esse conhecimento, essa articulação de ideias, de como fazer, isso já vinha há muito sendo discutido. Quando entrou um governo propício, eles já tinham muito trabalho já feito. Não é à toa que uma das primeiras ações do governo Lula foi sancionar a lei que implementaria a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileira no currículo da rede de ensino. Nos primeiros dias de governo ele sancionou a lei, quer dizer... a discussão já vinha sendo feita.

[...]

Ah... eu acho que sim. Mudou, sim... Ainda está longe de ser o ideal, mas mudou. Eu vejo no dia a dia, eu trabalho na Universidade e vejo essa mudança. E não tem volta. Quer dizer... é... sempre pode acontecer alguma coisa... sempre tem a reação, né? Mas nos últimos anos foi uma mexida forte nessa ferida, tem muitos e muitas intelectuais negras em evidência indicando alguns caminhos para quem quiser se instruir. Os estudos sobre a branquitude cresceram em número e estão ampliando o enfoque. Porque é isso, as pessoas brancas têm que entender que tem responsabilidade pelo racismo, que racismo não é só aquele mais evidente, ele tá entranhado no nosso jeito de viver. A gente diz racismo, mas na verdade é discriminação racial, preconceito. Racismo é algo maior, é algo que está entranhado no nosso modo de pensar, de sentir. Preconceito e discriminação são componentes individuais que funcionam para legitimar o racismo, mas não são o racismo. Deixa eu ver aqui, quero te ler um trechinho de um texto da Lia Schucman, ela tava falando dessa função do Big Brother, de um lá que falou em racismo reverso. Aqui ela explica bem a diferença entre racismo e discriminação. Olha... “o racismo pode ser pensado como uma dominação

baseada em uma doutrina que acredita que há uma raça superior e a partir desta doutrina há uma política em que pessoas desta raça têm privilégios e acessos no poder econômico, político, jurídico, ou seja, na estrutura social. Em geral para que haja racismo contra um grupo é preciso que haja uma história de longa duração de dominação de um grupo contra o outro, baseado na ideia de raças superiores e raças inferiores. Racismo, hoje, no Brasil contemporâneo só existe contra negros e indígenas”¹. Legal, né? Ela é muito didática. Pois é, mas para mudar isso não é fácil, não depende de uma decisão pessoal. Pode começar por ela, pela decisão de querer desaprender e aprender de novo, mas não é algo dado, não é só tomar uma decisão e pronto. Precisa de um investimento institucional, estatal na Educação, precisa de leis, de uma Justiça que funcione. Não é simples, não...

[...]

Ah... imagina... obrigada a ti. Fico à disposição, se eu puder ajudar em mais alguma coisa...

[...]

Ah... é tanta coisa, né? Mas acho que não tenho mais nada, assim, para falar. O que te contei foi mais ou menos o que eu acho que a gente pensava, misturado com o que penso agora. Mas tem uma coisa.... Desligou o gravador? É que tem coisas que não dá pra falar assim, né? Não dá pra registrar, mas isso de querer não ser racista – ou não ter preconceitos – dá um cansaço, né? Ficar medindo as palavras, cuidando para não escorregar e dizer algo que não é exatamente o que a gente pensa... ou pensa, mas não gostaria de pensar... E mistura tudo, a gente fica se culpando por atitudes que não tem como evitar... Aí pensa: não tem como evitar, por quê? Será que não estou arrumando uma desculpa para justificar o

¹ Lia Vainer Schucman, *É racismo quando um negro discrimina um branco apenas por ter nascido branco?*, 2021, s/p.

meu preconceito? E, às vezes, não tem com quem conversar sobre isso. É tudo muito delicado. As pessoas brancas, em geral, não entendem o que a gente tá falando. As pessoas negras que entendem já estão de saco cheio de explicar o que para elas é óbvio... Eu já levei cada esculhambada por fazer pergunta besta... Depois é que eu vi que era besta, na hora era uma dúvida mesmo e eu não achei que pudesse tá chateando por perguntar... Agora, dependendo da situação, eu fico é bem quieta, não falo, não pergunto, depois vou tentar descobrir. Porque, sim, o racismo é estrutural, mas isso não pode ser desculpa para não pensar em individualidades, para não pensar na responsabilidade de cada um – mesmo sabendo que esse um não tem responsabilidade sobre tudo o que pensa e o que sente. De vez em quando, dá vontade de ser ignorante e não pensar sobre nada disso, se refugiar na ignorância... Mas aí tu pensas... sim, mais um privilégio da branquitude, como dizem... A gente parece que carrega uma culpa por ser branca...

[52]

22.

Direi, como nos romances russos, que a cidadezinha onde se situava o colégio chamava-se M...¹ Ficava em um vilarejo entre a zona urbana e a zona rural. Era uma escola pequena, de ensino fundamental, com poucos recursos materiais, com a mesma diretora há mais de dez anos, talvez vinte. Quando cheguei, ela já estava lá, não como diretora, mas já circulava como professora dos pequenos. Dizem que o que menos muda em uma cidade, principalmente nas pequenas, é a escola. Tem até uma crônica famosa que fala sobre isso. Talvez a crônica não seja tão famosa, mas o autor é, só não lembro o nome. Busquei no Google, mas tem sido difícil encontrar qualquer coisa fora dos padrões de consumo nesse buscador, os tais algoritmos e suas padronizações tiraram a graça das gratas surpresas que se tinha no início das pesquisas pela internet. Agora não se acha nem o que se quer. Mas, como ia dizendo, nesses tantos anos de escola, vi poucas mudanças significativas. Uma reforma aqui, uma ampliação do prédio ali, professoras novas, professoras que se aposentam, professoras cheias de energia, professoras cheias de cansaço e desânimo, crianças mais bem ou mais mal vestidas, crianças com mais ou menos fome, crianças brincando, crianças brigando. Eu as conheço a todas. Reconheço-as pela voz, pela forma como se sentam e como se levantam. Sei de seus sentimentos, de suas urgências, preguiças, de seu contentamento ou aflição. Sei de sua grandeza e mesquinhez. Acompanho seus estudos, acompanho suas leituras. Alguns textos já ouvi tantas vezes que já os sei de cor; alguns eu gostaria que lessem novamente, que lessem uma vez só, porque os vejo ali, sem a atenção que merecem. Parece que ninguém

¹ Rachel de Queiroz, *A donzela e a Moura Torta*, 2011, p. 145.

mais tem tempo para ler o que não esteja em telas, mas isso é outro assunto. No dia do ocorrido – o que vou contar já, já – eu estava na biblioteca – aquele lugar cheio de pilhas de livros didáticos enviados pelas editoras e um armário fechado a chave com os livros de literatura que o Ministério da Educação manda, ou pelo menos mandava. Excelentes livros, diga-se de passagem, especialmente os que enviavam na época em que o Fernando Haddad era Ministro. Naquele dia, a estagiária entrou como um furacão, olhos cheios de lágrimas, de raiva. Justa raiva, reconheci aqueles gestos. Ao longo dos anos a gente aprende a ver os sinais, como diz o místico abajur lilás esquecido há anos por uma professora que tentava dar um ar mais aconchegante à biblioteca. Eu não, eu sou mais pragmática. E velha. Sabe como é... o diabo é diabo não porque seja ruim... Eu já estava ali há muitos anos, já tinha percorrido todas as salas da escola, até as novas, depois da última reforma. Mesmo velha, minhas pernas são firmes e dou mais segurança do que muita escada novinha. Graças a isso, o Alaor defende minha permanência e não deixa que me levem para o setor de inservíveis da prefeitura (mas eu sei, e ele sabe, que é mais porque tenho inscritos em mim, a canivete, uns versos do Alaor menino, apaixonado pela Cidinha – para quem nunca teve coragem de se declarar). Sustentei os corpos, os cadernos e os riscos de pais e até de avós daquelas crianças que estudavam ali. Sobrevivi a enchentes, assaltos, brigas entre alunos. Vi e ouvi coisas que até deus – se é que existe – duvida. Pois eu estava ali, no canto, quase cochilando quando ouvi o estrondo da porta se abrindo e batendo na estante de metal. Era ela, a estagiária. Depois de um longo suspiro:

– Isso não vai ficar assim!

– Opa! – pensei – Aí vem...

Saiu, deixou a porta aberta – como eu previa e torcia que acontecesse. Não deu para ouvir muito bem, mas falavam – ela e a diretora – sobre processo, racismo, injúria racial, prisão.

– Opa! – pensei de novo – isso eu ainda não tinha visto nem ouvido... (é óbvio que já tinha visto e ouvido muitas situações de racismo, a novidade era o revide).

A diretora tentou conduzi-la para dentro da biblioteca novamente. Ela, pelo visto, não aceitou. Quem entrou foi a própria diretora, seguida pela coordenadora pedagógica e pela professora de geografia.

– Agora contem, por favor! – pedi.

– Me chamar de racista por pedir ajuda?! Eu mesma quantas vezes já varri e já ajudei na cozinha? Se nunca pedi para uma estagiária branca é porque nunca aconteceu de precisar. Nem lembro, devo já ter pedido, não sei, não lembro. Agora é isso, tudo é racismo...

– É... Agora as coisas estão diferentes... A gente precisa entender que as coisas mudaram, e ela não deixa de ter a razão dela... – comentou a professora, olhando para baixo como se falasse comigo.

– Mas deixa, vamos ver até onde ela vai com essa petulância. É assim, a gente dá o dedo e já querem a mão, o braço todo. Mal-agraçada é o que ela é – a gente sabe bem de onde ela saiu e agora vem querer posar de sabe tudo... E tu ainda defendes? Tu não sabes quantas vezes eu levei comida para a família dela, aquele monte de criança miserável. Se não fosse a caridade, ela não tinha nem estudado... E agora tá aí, se achando melhor que os outros...

– Diretora, acho que a gente tem que pensar melhor sobre isso... Talvez ela tenha exagerado, mas a senhora chamou ela de malandra... de neguinha malandra... – arriscou a professora, finalmente olhando para a diretora.

– Uia! – pensei eu. É, se em vez de trancar os livros a chave, a diretora tivesse lido alguns, não teria cometido uma gafe dessas... A pessoa pode ser calhorda o suficiente para pensar algumas coisas, mas tem de ter um mínimo de bom senso para não dizer o que pensa – é lei da sobrevivência em espaços públicos. Essa máxima não é minha, a ouvi de um professor. Mas isso foi em um tempo em que

as pessoas tinham vergonha de mostrar sua ignorância e seus pensamentos abjetos; agora parece que se orgulham. Reformular, reaprender, reeducar-se é muito mais complexo do que evitar certas falas. Por aí se vê a distância que estamos de um convívio pacífico que não seja por submissão.

– Falei sem pensar... Me irritei com a atitude dela... me olhando como se fosse grande coisa... Mas eu não sou racista, onde já se viu, a família do meu marido é negra, meus cunhados são negros...

– Claro que não... – disse a coordenadora com a mão no ombro da diretora – Vamos deixar ela se acalmar, amanhã ou depois vou conversar com ela e vamos esclarecer tudo. Foi só um mal-entendido. Vamos colocar uma pedra em cima disso. A gente precisa de harmonia para trabalhar.

Saíram da sala abraçadas. Ficamos a professora de geografia e eu nos olhando. Ela desanimada e eu torcendo que a estagiária processasse a diretora e que a professora de geografia fosse testemunha. – Te posiciona, mulher! – eu dizia na minha linguagem que ela não podia entender. Soube uma semana depois que a professora tinha pedido transferência para outra escola.

[88]

23.

Eu sinceramente preferiria ficar em casa lendo. Vai chover a qualquer momento e tenho dor nos ombros, nos joelhos, nos pulsos, nos tornozelos. Nada aparece nos exames que fiz, já me disseram que é depressão, ou fibromialgia. O que quer que seja, sou um barômetro ambulante. Aula, aula, aula. Vamos lá... Oh, céus. Mais uma primeira aula. Não gosto de primeiras aulas. Eles ficam me testando. Sim, sim, eu li os textos com os quais vamos trabalhar, não se preocupem. Não, não sou de “ralar”. Leiam e estaremos todos bem. Bom, esse é o problema, ler. Não posso fazer nada a respeito, é preciso ler, eu não fui até a casa de cada um e os trouxe até aqui pela mão. Casa fechada. Ok. Desliguei o gás, fechei as janelas¹. No ponto de ônibus no horário certo. Deus queira que passe o esquerda primeiro, o direita faz uma volta gigante e não posso me atrasar no primeiro dia. Queria eu que os ônibus passassem em horários regulares e pontualmente. Mas não é assim. Com essa prefeitura que não sabe planejar obras, quando se vê, brota uma cratera no meio da rua e os ônibus precisam fazer desvios. Ótimo, aí vem o da esquerda. Tranquilidade quanto ao horário. Peguei todas as sacolas? Todos os livros? Sim².

Ali está ela, a nova cratera. No asfalto que havia sido recauchutado no mês passado. Fazer o quê? O asfalto e suas circunstâncias. Atraso à vista. Desço no ponto em frente à escola. Pronto. Todas as sacolas. Minha coluna não sei se aguenta³. Entro na sala, peço desculpas pelo atraso. Estão em grupos sentados

¹ Daniela Kern, *Doze lições*, 2019, posição 15 (Edição do Kindle).

² *Ibid.*, posição 18.

³ *Ibid.*, posição 26.

sobre as mesas, alguns de pé. Me olham de relance⁴. Começam a se acomodar. Não me conhecem, mas a sacola cheia de livros me denuncia. Sim, sou eu mesma a nova professora de literatura da turma de EJA. Sim, estou atrasada, o ônibus, a prefeitura, as crateras. Deixe-me ver. Idades variadas, como de costume. Eles me examinam. Eu os examino. Estamos quites⁵.

Uma menina da primeira fila me analisa de alto a baixo. Está verificando minha roupa, vi pelo modo como se veste que se preocupa com isso. Tenho pena, ela não fará a mínima ideia do que sou ou do que sei me examinando dessa forma. E que não pense que não reparei. A blusa estampada que ela usa sob a jaqueta eu sei de onde vem, é de uma loja de departamentos que não se preocupa com peças exclusivas. Tenho uma igual, sei o que é precisar parcelar as roupas em cinco vezes⁶.

Vou até a frente do quadro, dou meu boa-noite e peço a atenção para começar a aula. Muitos já estão virados para o lado, para a janela ou para trás. Lembro de um amigo professor que, certa vez, quando uma turma não lhe dava a mínima atenção, não teve dúvidas, deu um soco na mesa com tamanha força que a quebrou no meio. Os alunos assistiram aquilo com perplexidade. Fico imaginando a cena: os alunos de olhos arregalados olhando para ele⁷. Se fizesse isso, ficariam me olhando perplexos? Provavelmente não, me chamariam de histérica, descompensada. E por mais que eu esteja cansada, com dor – devia tirar uma licença para tratar da coluna – por mais que tenha vontade de pegar um desses moleques pelos cabelos e dizer: *escuta aqui, seu merda*, ainda acredito que as coisas não devam ser resolvidas assim⁸. Recomeço. *Pessoal...*

⁴ Ibid., posição 26.

⁵ Ibid., posição 33.

⁶ Ibid., posição 48.

⁷ Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, p. 127.

⁸ Ibid., p. 128.

Aquele senhor da segunda fila está olhando fixamente para os livros que coloquei sobre a mesa. E a senhora ao lado dele também. Então ainda existe esperança? Vamos ver⁹. Alguns poucos me olham. *Ih! Olha lá, pessoal, a professora quer começar a aula, gente, vamos ficar quietos.* Eles estão debochando. Tenho de manter a lucidez, eles não estão debochando exatamente de mim¹⁰. A sala é muito úmida, a dor nas articulações está piorando, quando vai começar essa chuva, afinal?¹¹ **Finalmente dão uma trégua.** Ótimo, vários prestam atenção agora, menos aquela menina bem vestida que há pouco me analisava. Pergunto aqui com os meus botões, esses traumatizados de guerra: ela precisava mesmo fazer as unhas em sala de aula? Eu deveria expulsá-la? O cheiro de acetona não vai piorar a minha asma? Eu deveria tornar minha asma um assunto público? Fazer as unhas em meio a uma aula é algo aceitável? Oh, céus. Perder uma batalha para vencer a guerra. Faça as unhas em paz, menina bonita, que eu aqui continuarei¹² **a tentar convencê-los de que a literatura é algo interessante.** Me viro para escrever meu nome no quadro. Um estrondo vindo do fundo da sala. Uma cadeira atravessa a sala voando. Em uma fração de segundo dois alunos iniciam uma briga com socos e pontapés. À tarde, já enfrentei dois alunos briguentos¹³, **mas eram crianças. Com dois gritos e uma ameaça, resolvi a situação.** A coisa agora é mais séria. **Nem por nada enfrento dois jovens brigando.** Podem estar armados, inclusive. Os ruídos dos socos, fortes e secos¹⁴. **A perplexa sou eu.** Finalmente, outros dois rapazes resolvem separá-los. O porteiro do colégio chega e, com sua voz de trovão, ordena que os

⁹ Daniela Kern, op. cit., posição 52.

¹⁰ Jeferson Tenório, op. cit., p. 128.

¹¹ Daniela Kerns, op. cit., posição 43.

¹² Ibid., posição 314.

¹³ Jeferson Tenório, op. cit., p. 128.

¹⁴ Ibid., p. 128.

quatro saiam da sala. Eles saem¹⁵. **Tento retomar a calma, a aula.** O clima é tenso. Mal começo a falar, começam as risadas e provocações¹⁶. **Peço colaboração.** Mesmo não havendo clima nenhum para poesia, escrevo no quadro: *José*. Poema do Drummond. Pergunto se gostam de poesia. Apenas três ou quatro da frente prestam atenção. Os outros estão mais interessados em falar da briga. Mostro fotos do Carlos Drummond. *Ih! Olha lá, pessoal, a professora tá mostrando um velho careca lá na foto.* Eles riem. Pergunto se conhecem o velho careca da foto. Ninguém responde, alguns viram as costas¹⁷. Tenho ímpetos de ir até o fundo da sala e... Não posso fazer isso¹⁸. **Não é batendo de frente que vou convencê-los da importância da minha proposta.** Sim, é possível viver muito bem sem leitura alguma, as pessoas dançam, nadam, olham a paisagem, comem, dormem, pescam, fazem as unhas. Em se estando vivo, há realmente muito o que fazer. Não iludo meus alunos. Leitura não é garantia de felicidade. Mas para mim é uma promessa. Provavelmente a iludida aqui seja mesmo eu¹⁹. Escuto os primeiros pingos de chuva²⁰. **Mais risadas.** Desisto. Peço apenas que²¹ **assinem uma folha de chamada.** Em menos de um minuto já estão com o material todo guardado, em posição de partida²². Saem, uns rapidamente, outros me olhando com dó. Às vezes eu também tenho pena de mim, de nós. Apago a luz, fecho a porta. Entrego a chave na secretaria. Chove forte agora. Enquanto espero o ônibus, tentando proteger a sacola de livros com essa sobrinha comprada dos camelôs, decido que a licença para tratar da coluna e da vida que ainda há é urgente. [90]

¹⁵ Ibid., p. 128.

¹⁶ Ibid., p. 129.

¹⁷ Ibid., p. 129.

¹⁸ Ibid., p. 129.

¹⁹ Daniela Kern, op. cit., posição 232.

²⁰ Ibid., posição 194.

²¹ Jeferson Tenório, op. cit., p. 129.

²² Daniela Kern, op. cit., posição 228.

24.

Não sabia como havia sobrevivido à escola. Não sabia como aguentara aquelas situações constrangedoras e violentas que a escola proporciona¹. Naquele último ano, tirou várias licenças de saúde, gastou todas as faltas justificadas sem dó nem pena. Se inscreveu em vários concursos públicos para trabalhos administrativos. Só pensava no dia em que poderia fechar uma gaveta ou uma porta no final da sexta-feira e só voltar a se preocupar com o trabalho na segunda-feira seguinte. Nada de preparação de aulas, de pesquisa de materiais, de correção de provas e trabalhos, de organização de chamadas. Nada disso. Dois dias na semana para fazer o que quisesse, inclusive nada. Não importava que o salário fosse o mesmo ou até mesmo menor.

A rotina de concurseira deu resultado no final daquele ano mesmo. As provas dos concursos públicos para áreas menos especializadas têm por finalidade verificar, entre os candidatos, quem são os melhores em provas padronizadas². Depois de tantos anos dando aulas de língua portuguesa em escolas e até mesmo em cursos preparatórios para concurso, não foi tão difícil, o desafio nas provas objetivas está em separar proposições falsas das verdadeiras, de acordo com o conteúdo dos editais³. A parte mais difícil foi ter de decorar teclas de atalho de *softwares* como o *Microsoft Office* para as provas de informática⁴. Antes de entrar no magistério ainda fez concursos que exigiam prova de

¹ Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, p. 123.

² Bruno de Oliveira Santos Paiva Nogueira, *Concurseiros: Motivos e métodos para ingressar no serviço público*, 2015, p. 20.

³ *Ibid.*, p. 29.

⁴ *Ibid.*, p. 21.

datilografia; estas até faziam sentido, mas essas de informática, francamente... Enfim, depois de algumas tentativas, ficou bem classificada e foi nomeada em um concurso para a área administrativa na universidade pública de sua cidade. O salário era o dobro do que recebia no magistério para um cargo que requeria ensino médio. A gente sabe que o trabalho das professoras da rede de ensino é desvalorizado, mas verificar friamente que um cargo generalista que não requer uma formação tão importante vale o dobro é revoltante. Não, o que revolta é verificar que o trabalho de uma professora vale tão pouco.

No início do ano seguinte foi nomeada e designada, vejam só, para trabalhar na Faculdade de Educação. No início era estranho, a cada vez que ouvia alguém chamar “professora”, se virava para responder; também era estranho quando algum professor a chamava de “secretária”. *Secretária, eu? Sim, eu mesma. Diga, professor...* Quanto à estrutura física precária, a faculdade não era muito diferente das escolas. Algumas escolas eram até bem mais cuidadas e acolhedoras do que aquelas salas com mobiliário bege, com paredes bege, com chão bege... As salas de aula da faculdade tinham a aparência de improvisado permanente, com divisórias de Eucatex, sem nenhum tipo de isolamento acústico. Dos corredores se ouviam as vozes de todas as salas. Como conseguiam dar aulas assim? Os banheiros eram um caos à parte; igualmente separados por divisórias de Eucatex (por deus!), eram também o lugar onde se guardavam os materiais de limpeza – motivo de reclamação frequente dos professores e das professoras. Na faculdade de Educação havia uma proporção maior de homens professores do que nas escolas, mas não chegavam à metade do número total de docentes e eram, em geral, bem mais velhos do que as professoras. Era difícil imaginar um daqueles senhores em uma sala de aula de escola. Será que algum dia foram professores de escola? Será que eram daqueles que batem no quadro com força para impor respeito? Impossível não rir imaginado a cena. Também os diz-que-disse, as picuinhas eram muito

parecidas, talvez mais sofisticadas na linguagem e nos resultados concretos. Sim, ali a disputa era por posições de prestígio, por verbas e espaço para a pesquisa, ensino e extensão. Mas havia também a disputa menos nobre. Como dizem, em casa onde falta pão, todos gritam e ninguém tem razão. Ali, raramente se gritava; havia um revestimento, uma cobertura de diplomacia nas discussões, mas era evidente que faltavam as condições básicas para o trabalho que faziam. Faltavam salas, faltavam equipamentos, faltavam funcionários, faltava um espaço de convivência. Muitas vezes, as disputas eram por um espaço de dois metros quadrados, por um móvel. Uma tristeza de se ver. Como nas escolas, em alguns períodos, era comum professores, funcionários e estudantes tirarem dinheiro do próprio bolso para despesas que deveriam ser da instituição, como alguns materiais de consumo e até de limpeza. Apesar disso, como nas escolas, alguns problemas eram resolvidos pela parceria entre professores e funcionários, entre funcionários, entre professores, entre pessoas. Pôde observar isso em outros setores da universidade em que trabalhou depois, é a colaboração entre os pares e aliados que permite que boas iniciativas tenham resultados, pois as condições de trabalho nunca são propícias. Quando se quer fazer algo que tenha mais sentido do que cumprir o horário e receber o salário no início de cada mês, trabalha-se sempre no limite. No limite de recursos, no limite da sanidade física e mental. A sensação é de sempre estar querendo dar um passo maior do que a perna. São tantas interposições, tantos entraves que fica fácil compreender aqueles que se acomodam em fazer o mínimo, o imediato, sem se preocupar em buscar alternativas para melhorar as condições de trabalho, para tornar aquele trabalho burocrático mais interessante, com algum objetivo que não seja só protocolar.

[51]

25.

A sua chegada à Faculdade de Educação coincidiu com o período de expansão das Universidades através do Reuni e com a adesão ao Sisu. Embora a Faculdade não tenha aderido espontaneamente ao programa, acabou sendo incluída pois atendia os cursos de licenciatura criados naquele momento. Apesar das dificuldades enfrentadas por todos – professores, estudantes e funcionários – pela forma atabalhoada com que foi conduzido o processo de implantação do Reuni (criaram os cursos primeiro e depois pensaram na estrutura física, na contratação de professores e funcionários), alguns desdobramentos foram bastante interessantes. A adição de um grande grupo de pessoas que não estavam habituadas a cultura institucional vigente, se constituiu em um dispositivo propulsor para questionar procedimentos e privilégios e, em certa medida, pôr em xeque alguns elementos da cultura até então instituída¹. Não só na Universidade, mas também no município. Com a abertura de vários cursos novos, a cidade recebeu estudantes de diversas regiões do país, em pouco tempo era possível perceber vários sotaques nos corredores da Faculdade e nas ruas. Esses novos moradores não se intimidavam em lugares públicos pouco frequentados até então ou frequentados de uma forma muito convencional. A praça do centro da cidade, por exemplo, até então era frequentada por trabalhadores no intervalo de almoço, por prostitutas e seus clientes, por

¹ Gabriela Machado Ribeiro, *As repercussões do Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais- Reuni no fazer docente de professores universitários*, 2016, p. 117.

estudantes de ensino médio matando aula e dando vazão a suas adolescências – bebendo vinho em garrafa de plástico, fazendo caras de mau com seus *piercings* e estampas de caveiras nas roupas ou em tatuagens. Nos finais de semana, pais com seus filhos na praçinha. Quando tinha feira do livro, a praça ficava mais movimentada por gentes que não costumavam estar por ali, gentes das escolas e das faculdades, trabalhadores que ficavam mais um pouco no centro para ver as apresentações artísticas e talvez comprar algum livro nas promoções, porque os descontos proclamados pelos livreiros nunca eram muito convidativos. Mas esse povo que chegou de outras cidades, de outros estados era diferente. Em qualquer época, em qualquer dia, mas principalmente aos fins de semana, ocupavam a praça com suas cangas coloridas, sentavam-se é no gramado e não só nos bancos ou nos degraus do chafariz – como os moradores locais faziam. Levavam comidas, bebidas, malabares, bolas e bolinhas, aproveitavam a praça e qualquer espaço público como ela nunca tinha visto. Era como se ao conhecerem e descobrirem a cidade a mostrassem também para os antigos moradores.

Talvez tenha sido esse ar de renovação que a tenha estimulado a voltar a estudar. No seu segundo ano como servidora da Universidade, com tempo e até algum dinheiro sobrando para comprar livros, se matriculou como aluna especial em uma disciplina do mestrado. Gostou. Que diferença é poder estudar com livros e não com xerox. É um privilégio, desses que deveriam ser direito de toda e qualquer pessoa que tenha vontade de estudar. No tempo da graduação, os livros que usava eram os que estavam disponíveis na biblioteca, quando estavam – alguns eram muito disputados e havia poucos exemplares para atender à demanda. Ainda naquele ano (ou no ano seguinte?) foi aprovada na seleção para aluna regular. Ainda tinha algumas dores de ser professora, não queria pesquisar sobre a escola especificamente, mas falar sobre as pessoas da escola. De como são as pessoas que são professoras, a vida privada que acaba

sendo influenciada pela escola, a vida na escola que acaba sendo influenciada pela vida privada. Queria falar das relações de amizade, dentro e fora da escola, que possibilitam ampliação de mundos. Não sabia que era isso quando escreveu o projeto, quando fez a prova, quando ingressou no curso, quando participou das disciplinas. Mas era isso, no fim, no fundo, era isso. No fim, no fundo era sobre esse cotidiano que onde os subalternizados constroem alianças para resistir aos mandos e desmandos de um sistema mundo capitalista, patriarcal, colonialista, nesse cotidiano em que as grandes narrativas são postas à prova, mesmo que nem conhecesse esses termos para se expressar.

[91]

26.

ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. De repente as coisas precisam fazer sentido. Não me satisfaço em ser. Tu és? Não tenho certeza que sim. O não sentido das coisas me fez perder o sorriso de complacência. Estatísticas: em 2018, 43,1% da população classificada como branca¹; mais de 70% de representação no Legislativo Estadual e Federal². Em 2018, o Rio Grande do Sul não teve nenhum deputado federal eleito que tenha se declarado preto ou pardo à Justiça Eleitoral³. No judiciário, 80,3% dos magistrados são brancos⁴; no Rio Grande do Sul, são 96%⁵. Existe por acaso um número que não é nada? Que começa no que nunca começou porque sempre era? E era antes de sempre? Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim. A sombra da minha alma é o corpo, branco. O corpo branco é a sombra de minha alma. Este projeto é a sombra de mim, de nós. Peço vênica para passar. Eu me sinto culpada; os infelizes se compensam, mas. Um corpo branco sempre pode pedir passagem: o mendigo branco pode usar o banheiro do shopping⁶. Junto da classe tem a raça. Como não me espantava e não desconfiava por tanto

¹ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Desigualdades Sociais por Cor ou Raca no Brasil, 2019*, p. 2

² *Ibid.*, p. 11.

³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece, 2019a*, s/p.

⁴ CNJ – Conselho Nacional de Justiça, *Perfil sócio-demográfico de magistrados brasileiros, 2018*, p. 8.

⁵ *Ibid.*, p. 14.

⁶ Lia Vainer Schucman, *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana, 2012*, p. 76.

me ser dado? Há o hábito e o hábito anestesia. A branquitude nossa de cada dia. Assim: bran qui E tu de. Silêncio. Tratamos do negro-tema; da questão do negro; do problema do negro! Bran qui E tu de. Silêncio sobre o branco-tema; da questão do branco; do problema do branco.

Serei capaz de abandonar nobremente a universalidade do pensamento branco europeu? Ou sou daquelas que prosseguem teimosamente esperando que aconteça alguma coisa? Como, digamos, a emergência descarada de fascistas entre nós? Ou o Mano Brown no palanque de um comício do Partido dos Trabalhadores dizendo que a esquerda já não entende o que o povo fala, que tem que voltar para a base para entender?? Terei coragem de quebrar o pacto narcísico, o pacto da colonialidade, o pacto de escrita acadêmica? Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – o racismo e o sexismo nem sempre estão à tona para olhos e ouvidos menos atentos. Estou ouvindo música. Brasil, terra boa e gostosa da morena sestrosa⁸. Onde as mulatas brotam cheias de calor⁹. Essa crioula tem o olho azul, essa lourinha tem cabelo brombril, a princesinha tá falando no pé¹⁰. Não é uma delícia essa mistura? Somos todos mestiços, aqui ninguém é branco!¹¹ Quando convém. Porque ainda negra é a mão de quem faz a limpeza¹². E o que temos nós com isso?¹³ Além de prestar mais atenção nas letras das músicas que ouvimos, olhemos de novo as estatísticas. Vamos continuar fazendo de conta que essa grande massa de pessoas “encardidas” não são a população brasileira? Que não somos parte dessa massa?

⁷ Mano Brown, 2018.

⁸ Canção Aquarela do Brasil, de Ari Barroso, composta em 1939 e gravada por muitos intérpretes desde então.

⁹ Canção Eu te amo, meu Brasil, lançada em 1970, pelo grupo Os Incríveis.

¹⁰ Canção Lourinha Bombril, lançada em 1996, pelo grupo Os Paralamas do Sucesso.

¹¹ Liv Sovik, *Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e media no Brasil*, 2004, p. 363.

¹² Canção *A mão da limpeza*, lançada em 1984, por Gilberto Gil.

¹³ Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago, 1970, p. 16.

Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Vós me obrigais a um esforço tremendo de escrever; ora, me deem licença, minhas caras e meus caros, deixem eu lhes dizer. Aprendi com meus antepassados que chegaram nas caravelas a me apropriar do que é de outrem. Aprendi com alguns burgueses paulistas do início do século XX a modernizar a antropofagia dos tupinambás e fazer dela um procedimento metodológico: consumo e me aproveito do que há de mais valioso no Outro, consumo o Outro. Por isso, escrevo em palimpsesto, copio e colo, faço mosaico, montagem, pastiche, paródia com a escrita dos outros. Não há grande novidade nisso, outros já o fizeram na literatura e na escrita científica, com ou sem referências explícitas. Sei, isso é para ser uma tese, há que se ter cuidado. Sou séria e honesta, e quero dizer a verdade: as referências à minha pilhagem serão indicadas. Pago, assim, o meu tributo pela apropriação? O que me move é o desejo de escrever como escrevem os que me são caros; porque o que tenho a dizer nem é novidade, é só resultado de uma escuta mais atenta. Talvez, às vezes, eu me engane e distorça um pouco as palavras e as ideias escutadas. Corro o risco, porque para romper, ou tentar romper, com um tipo de pensamento, com uma racionalidade, é também preciso romper com um tipo de leitura, com um tipo de escrita.

O resultado disso tudo é que vou ter que criar uma personagem. Porque eu sozinha não consigo. Escolhi a mim e a *minha* personagem Rebeca para que talvez através de nós eu possa entender essa falta de definição na vida vivida por pessoas que se têm como brancas, que se têm como u n i v e r s a i s. O que está escrito aqui, meu ou dela, são restos de uma demolição de alma, são cortes laterais de uma realidade que se me foge continuamente. Eu trabalho em ruínas. Quero desmontar o que tão alegremente construí na dissertação. Foi lá que criei Ângelo, sujeito de pesquisa, objeto de pesquisa. Tão importante quanto os vencidos contarem a sua versão da história, é os vencedores escutarem e

questionarem a sua posição. Porque nós, aqui neste Sul, sempre carregamos um pouco de vencidos, mas também temos parte com os vencedores, às vezes, somos cúmplices sem perceber ou sem querer admitir. Ele me disse isso pela voz de tantas e tantos. Vou reaprender a ler, vou aprender a reler para ensinar meus camaradas¹⁴, respondi.

[Quarta seção]

¹⁴ Canção Yáyá Massemba, gravada em 2003, por Maria Bethânia.

QUARTA SEÇÃO [retorno]

A experiência de errar e desviar-se num relato se baseia na secreta aspiração de uma história que não tenha fim; a utopia de uma ordem fora do tempo, na qual os fatos se sucedem, previsíveis, intermináveis e sempre renovados.

[...]

Todas as histórias do mundo são tecidas com a trama de nossa própria vida. Remotas, obscuras, são mundos paralelos, vidas possíveis, laboratórios onde se experimenta com as paixões pessoais.

[...] na vida há encruzilhadas, redes, círculos, e os finais se associam ao esquecimento, à separação e à ausência. Os finais são perdas, cortes, marcas num território; traçam uma fronteira, dividem. Escandem e cindem a experiência. Mas ao mesmo tempo, em nossa convicção mais íntima, tudo continua.

Ricardo Piglia, *Formas breves*, 2004, p. 104.

[27]

27.

O trem inteiro era um fantasma de si mesmo, fez uma parada numa estação sem povoado, e pouco depois passou na frente da única fazenda bananeira do caminho que tinha o nome escrito no portal: *Macondo*¹.

A primeira coisa que impressionou foi o silêncio. Um silêncio material que seria capaz de identificar com os olhos vendados entre todos os outros silêncios do mundo. Enquanto o trem permaneceu ali teve a sensação de que não estava completamente sozinha. Mas quando arrancou, com um apito instantâneo e cortante, ficou desamparada debaixo do sol infernal e todo o pesar do povoado despencou em cima dela².

Tudo era idêntico às lembranças. Não havia uma porta, uma greta de um muro, um rastro humano que não tivesse uma ressonância³. Todas as coisas que tinha visto quando menina continuavam sendo as mesmas e estavam em seus mesmos lugares, mas transfiguradas⁴. Reconhecia os lugares, mas que coisa é aprender a reler, tudo é igual, mas tudo é diferente. Estão lá os mesmos fatos, os mesmos atos, os mesmos monumentos. Eles não deixam de existir, não deixam de ser o que são, mas já não são. E eles já não são, mas não deixam de ser, como se houvesse ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eterniza uma condição antiga⁵.

¹ Gabriel García Márquez, *Viver para contar*, 2003, p. 23.

² *Ibid.*, p. 24.

³ *Ibid.* p. 25

⁴ *Ibid.*, p. 28.

⁵ Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 48.

Na velha casa da praça, a reforma empreendida pelos sobrinhos já não era perceptível depois das chuvas e da longa estiagem subsequente. Não era mais possível saber exatamente em que momento havia saído dali. No interior, além do cheiro de cal e de pólvora, ainda perceptíveis, uma mulher vestida de azul⁶ esperava por ela. Reconheceu-a imediatamente e não havia nada de pavoroso na morte, com o cabelo comprido, de aspecto um pouco antiquado⁷. Disse-lhe, como havia dito à irmã e a tantas mulheres da família, que poderia trabalhar com calma, pois ainda faltavam alguns anos para que se despedisse do corpo, e lhe avisou que haveria de morrer sem dor nem medo nem amargura, ao anoitecer do dia em que terminasse⁸ de redigir e organizar aquelas histórias. Autorizou-a a fazê-lo tão complicado quanto quisesse, mas honradamente. Adiar o fim é exatamente sempre poder contar mais uma história⁹. Tentando perder a maior quantidade de tempo possível¹⁰, Rebeca leu e releu tantos livros quantos lhe era possível, encomendou outros tantos. Anotou tantas observações em cada livro, fez tantas associações improváveis e recomeçou a escrita tantas vezes que somente este trabalho levou quatro anos¹¹. Ela era, enfim, a personagem-autora que teve, como queria, um teto todo seu e entendeu que isso não bastava. O teto facilitava em alguns momentos e era mesmo imprescindível em outros, mas a vida não podia ser espera, a vida não esperava. Aprendeu a reorganizar o tempo, reivindicar protagonismo, brigar se fosse preciso. Ser, sim, para o outro, mas, antes e durante e depois, ser para si. Valorizar a sua própria companhia, mas buscar outras também, outras com quem pudesse ser em si, para si e para o outro – epistemologicamente,

⁶ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [?], p. 266.

⁷ *Ibid.*, p. 266.

⁸ *Ibid.*, p. 267.

⁹ Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2020, p. 14.

¹⁰ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [?], p. 267.

¹¹ *Ibid.*, p. 267.

metodologicamente, pessoalmente –, sem evitar o conflito. Entendeu que é importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros¹².

A vontade própria anunciada, o convite ao diálogo sobre aquilo que não se quer falar feito. Se alguém aceitaria, não poderia saber. O medo, a insegurança, as incertezas – companheiros desde sempre – admitidos e assumidos, não mais escondidos e traduzidos em silêncio como forma de autodefesa. Ainda poderia acrescentar infinitamente mais e mais anotações, mais e mais discussões com aquele texto e à medida que se aproximava do fim irremediável, ia compreendendo que só um milagre permitiria que¹³ colocasse um ponto final, que fechasse aquele volume e se separasse dele.

[epílogo]

¹² Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2020, p. 14.

¹³ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [?], p. 267.

Epílogo

Sim, mas quem nos curará do fogo surdo, do fogo sem cor que corre pelos corredores, saindo das portas identificadas dos departamentos, das divisórias de Eucatex que não isolam nem som nem cheiros. E fazemos de conta que estamos em revolução, que somos transgressores, quando o mais que fazemos é repetir fórmulas e negá-las, como se, como se fôssemos muito originais. Do fogo sem imagem que lambe as pedras e espreita nos vãos das portas, como faremos para nos lavarmos de sua queimadura doce que prossegue, que busca abrigo para durar aliada ao tempo e à memória, às substâncias pegajosas que nos seguram do lado de cá, e que nos arderá docemente – ou nem tanto – até nos calcinar? Então é melhor acatar como os gatos e os musgos, travar amizade imediata com os teóricos e zeladores de vozes roucas, como se fôssemos crianças pálidas e sofridas que espreitam nas janelas brincando com um galho seco. Ardendo assim sem trégua, aguentando a queimadura central que avança como a madureza paulatina no fruto, ser o pulso de uma fogueira neste emaranhado de referências, caminhar pelas noites de nossa vida com a obediência do sangue em seu circuito.

Quantas vezes não me pergunto se isto não passa de escrita, num tempo em que corremos para o erro entre equações infalíveis e máquinas de conformismos. A pesquisa é a escrita. É a comunicação do que lemos, sentimos, pensamos. Do que vivemos ou deixamos de viver também? Deixar de viver também é uma forma de vida? Mas perguntar-se se seremos capazes de encontrar o outro lado do hábito ou se é melhor deixar-se levar pelo que está já

consagrado não seria o próprio problema de pesquisa? Rebelião, conformismo, angústia, alimentos terrestres, todas as dicotomias: a arte, a ciência, a cerveja barata, o vinho com *pedigree*, a comida vegana, o churrasco, o filósofo pop, o que está por trás de todos. Hegel, de novo? Os saberes periféricos, os saberes eurocentrados. Eles estão por aí. Os primeiros, mais escondidos, é preciso buscá-los; os segundos estão disponíveis nas melhores e mais aclamadas vitrines, é preciso ter parcimônia ao consumi-los. O Sul, o Norte. O note, o celular, o aplicativo, o caderno. O livro, o e-book, o áudio-livro. Copiar trechos de escritores para citar e dar um ar de intelectualidade à própria escrita, quando o que se queria era sentar na frente de casa, tomar mate com a vizinha ou a tia ou a amiga e conversar sobre o jornal e a novela da tv, sobre o pessegueiro que floresceu fora de época, sobre aquele livro de poemas, sobre a *live* da escritora que gostamos. Que palavras, que dialética de bolso com tormentas de pijama e cataclismos de *living room*. O fato de interrogar-se sobre a possível escolha vicia e turva o escolhível? Primeiro é preciso poder escolher. Poder escolher. Como poder escolher se não se sabe que existem outras opções que não as da vitrine mais iluminada? *Esta sim, esta não...* Até parece que uma escolha não pode ser dialética, que sua formulação a empobrece, ou seja, a falseia, ou seja, a transforma em outra coisa. Do sim ao não, quantos talvezes? Tudo é escrita, ou seja, fábula. Mas de que nos serve a verdade que tranquiliza o fiscal de normas técnicas honesto? De que nos serve a referência exata, as normas todas da ABNT, a apresentação pronta sem os dilemas que a compuseram? Nossa verdade possível tem que ser *invenção*, ou seja, escritura, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas. Li em uma tese a história de uma mulher que estava tão aflita com a chuva e as enchentes que jogou uma cama pela janela e depois pulou nela. Quando ninguém esperava, a cama não afundou e a moça

saiu remando, remando, até sumir no azul. Isso provava que tudo no mundo possuía mais de uma razão para existir, que aquela cama-barco havia comprovado isso¹. Por que se entregar ao Grande Costume? É possível escolher a tura, a invenção, ou seja, a cama ou o barco ou a cama-barco. Uma tese tem mais de uma razão para existir. Satisfação pessoal do pesquisador, certamente; perguntas que precisam ser feitas para pensar e repensar o mundo em que vivemos; respostas (provisórias) a questões que nos fazemos quando as certezas que tínhamos se fazem duvidosas.

Ninguém nos curará do fogo surdo, do fogo sem cor que corre ao anoitecer. Incuráveis, perfeitamente incuráveis, escolhemos como tura o nosso problema de pesquisa, nos inclinamos sobre ele, entramos nele, tornamos a inventá-lo a cada dia, a cada mancha de vinho na toalha, a cada beijo do mofo nas madrugadas da cidade-pântano. Inventamos nosso incêndio e acolhemos as cinzas que dele derivam².

* * *

[para terminar]

¹ Helene Gomes Sacco, *A (re) fábrica: um lugar inventado entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra*, 2014, p. 222.

² O Epílogo foi escrito sobre (por cima) do capítulo 73 do livro *O jogo da amarelinha*, Julio Cortázar, 2019, p. 447-449.

CAPÍTULOS NÃO (TÃO) FICCIONAIS

28. Uma voz

Sua voz quando ela canta
me lembra um pássaro mas
não um pássaro cantando:
lembra um pássaro voando¹

A Dona Sirley faleceu em 28 de outubro de 2020. A máquina da primavera danificada, não consegue sorrir². Há mortos demais³. Por descuido, por vontade própria, pelas milícias. Além dos que morrem de susto, de bala ou vício⁴ há tanto tempo. No rito fúnebre da D. Sirley havia muitos pássaros – o voo de um foi registrado⁵, era um pássaro desses de filme, de asas abertas pairando no ar, indo lá longe. Era como a sua voz aquele pássaro voando. Batiam tambores, cantavam, um homem tocava um instrumento de sopro, uma mulher dançava em despedida ao corpo da griô. Um quero-quero gritava em protesto, com um bater de asas afrontoso. Mais alguém viu?

Os mortos nos acompanham.
Às vezes deitam ao nosso lado,
espiam por cima do nosso ombro.
Estando liberados dos compromissos

¹ Ferreira Gullar, *Uma voz*, 2013, p. 41.

² Ferreira Gullar, *Por você por mim*, 2013, p. 49.

³ *Ibid.*, p. 49.

⁴ Gilberto Gil e José Carlos Capinan, *Soy loco por ti América*, 1968.

⁵ O registro foi feito pela Isadora Ebersol, colega do grupo de pesquisa que tem um jeito de ver as coisas que é poesia, poesia distraída, que acerta a gente quando a gente menos espera.

que os vivos ainda possuem
os mortos permanecem aqui
na incômoda tarefa de nos avisar
ou à espera de mais uma chance⁶.

Um quero-quero, agora, aqui no muro do meu pátio grita:

“A vida
terei de plantá-la
como um estandarte
em praça pública?”⁷

O que escrevi com e sobre ela era presente, ela era presente. O verbo fica no presente, como ela ainda está.

[5]

⁶ Jorge Fróes, Sinal, 2015, p. 35.

⁷ Ferreira Gullar, *Dentro da noite veloz*, 2013, p. 71.

29. O caderno e os livros de Alice

Na casa onde morará em Satolep, Rebeca encontra o caderno em que Alice, personagem de *Quarenta Dias*, conta sua perambulação por Porto Alegre, dormindo na rua, na rodoviária, no pronto socorro, com o objetivo de procurar o filho de uma conterrânea paraibana. A procura pelo desaparecido é um subterfúgio, o que lhe interessa é esse estar à deriva, conhecendo lugares e pessoas invisibilizados socialmente. Em *Quarenta dias* não há indicações sobre o destino da personagem Alice, pois o final do livro coincide com o encerramento do seu relato no caderno. Além do caderno, Rebeca encontra livros na casa, afinal, Alice é uma professora aposentada. São “os livros da professora” que lhe mostrarão outras formas de ler, outras possibilidades de leitura e releitura. São textos de literatura contemporânea, de teoria e crítica literária, principalmente, mas abrangem também outras áreas do conhecimento. Esses livros são os livros e textos indicados pelas professoras com quem teve contato direto ou indireto nesses anos todos de estudo, que compreendem o curso de doutorado e a vida toda.

[63]

30. Os cativeiros das mulheres

Marcela Lagarde de los Ríos, em *Los cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas*, faz uma explanação detalhada sobre os cativeiros a que estão submetidas as mulheres, mostrando que a noção de *ser para o outro* é o que os fundamenta, e, ao mesmo tempo, destaca a dificuldade de libertarmo-nos deles, pois, construídos social e culturalmente, são naturalizados e assumidos, muitas vezes, sem criticidade pelas próprias mulheres: “la sociedad dispone de las mujeres cautivas para adorar y cuidar a los otros, trabajar invisiblemente, purificar y reiterar el mundo, y para que lo hagan de manera compulsiva: por deseo propio”¹.

Paulo Freire pontua que antes de ter consciência de si os oprimidos hospedam o opressor e vivem uma dualidade. A estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que “se formam”. Os oprimidos assumem uma postura que chamamos de “aderência” ao opressor. Nestas circunstâncias, não chegam a “admirá-lo”, o que os levaria a objetivá-lo, a descobri-lo fora de si².

Essa posição de “aderência”, dirá Paulo Freire mais adiante, faz com que perceba a realidade pelo ponto de vista do opressor e esta lhe parece imutável, como algo todo-poderoso, esmagador, que o aliena a entidades estranhas, explicadoras deste poder³.

¹ Marcela Lagarde y de los Ríos. *Los cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas*, 2015. Edição do Kindle, posição 170.

² Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*, 2005. p. 35.

³ *Ibid.*, p. 199.

Ambos os autores – Lagarde e Freire – pensam em processos de libertação a partir da tomada de consciência por parte dos oprimidos – Freire, de maneira geral, e Lagarde com foco específico em mulheres – e seu protagonismo na transformação social necessária para a equidade de relações.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela⁴, pontua Paulo Freire.

O processo de tomada de consciência é complexo e principia pelo reconhecimento de situações concretas e simbólicas de dominação. “Descubrir nuestros cautiverios es el primer paso para abandonarlos”, diz Graciela Hierro, na apresentação da primeira edição de *Los cautiverios [...]*. Para descobri-los é necessário que se ultrapasse o que Paulo Freire chamou de consciência ingênua da realidade:

A conscientização implica que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo⁵.

É justamente tratando de formas específicas de dominação – os cativerios – que Marcela Lagarde explica como o poder das sociedades

⁴ Ibid., p. 34.

⁵ Paulo Freire, *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 1979, p. 16.

patriarcais situa e inscreve as mulheres em um círculo em que a causa é ao mesmo tempo consequência. As mulheres são dominadas porque são *seres para os outros* e são *seres para os outros* porque são dominadas econômica, social e politicamente, mas, principalmente, ideologicamente, pois o sistema patriarcal lhes confere o atributo de *dependência vital*.

“La categoría dependencia vital permite descubrir y explicar la relación subordinada de mujeres independientes económica, jurídica o intelectualmente, pero que continúan cautivas, en relaciones de dependencia de diverso tipo, que impiden su despliegue y las mantienen sometidas⁶.

[...]

La dependencia vital de las mujeres se plasma en los otros: ellas viven por y para los otros en una relación asimétrica, ya que los otros-personas sólo viven con ellas. Para ellas los otros son el núcleo del sentido de la vida, y el límite de su existencia personal y genérica: en los otros se dirime la completud de las mujeres”⁷.

Ao reconhecerem seus cativos e assumirem uma atitude crítica em relação a eles, as mulheres iniciam um processo de desalienação e de consciência de si que tem por objetivo a superação dos cativos. Marcela Lagarde ressalta algumas chaves éticas para o que ela chama de *topia feminista cotidiana*, que também aproximam seu pensamento ao de Paulo Freire. É imprescindível que se desenvolva a consciência de sermos sujeitos históricos e de que o padrão consagrado de homem universal não contempla a diversidade humana, portanto, é preciso reivindicar outras concepções de humanidade que não a hegemônica.

⁶ Marcela Lagarde y de los Ríos, op. cit., posição 3467.

⁷ Ibid., posição 4619-4624.

A conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo⁸.

Marcela Lagarde aponta alguns caminhos para a libertação desses cativos, os quais passam pela busca de autonomia individual e coletiva, que implicam a mudança do paradigma de gênero construído culturalmente. Na conclusão de *Los cautiverios [...]*, faz uma importante consideração:

“Los cambios vividos por las mujeres en su feminidad y en la estructuración genérica del mundo son conflictivos y muchos de ellos dolorosos, pero constituyen la única posibilidad de probar la libertad de decidir, de inventar, de ponerse en el centro de la vida, de convertirse en protagonistas y en ese proceso dejar de ser cautivas”⁹.

Embora tenhamos discernimento sobre essas questões, somos constantemente interpeladas por discursos que nos aprisionam nesses cativos, como se ao escapar de um, caíssemos em outro, ou outros, pois a cultura patriarcal nos nomeia – como mães solteiras, freiras, prostitutas, loucas, segundo Marcela Lagarde – e nos remete a eles, independente de nossa vontade. Não há homogeneidade nos percursos de conscientização, tal qual avalia a autora:

“La liberación de las mujeres de sus cautiverios no ha pasado por los mismos procesos para cada una, ni siquiera ha significado lo mismo para todas: todas la sufren, unas fallan en el intento y algunas tienen también la posibilidad de disfrutarla y de intervenir en ella con su voluntad”¹⁰.

⁸ Paulo Freire, *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 1979. p. 15.

⁹ Marcela Lagarde y de los Rios, op. cit., posição 14676-14681.

¹⁰ Ibid., posição 15708.

O conhecimento teórico e as vivências de cada uma, compartilhados a partir de uma perspectiva de colaboração e fortalecimento de uma visão feminista para transformação social contribuem para o processo de conscientização e de desalienação, confirmando a afirmação de Marcela Lagarde: “Superar la enajenación y construir la identificación con empatía ha sido product del encuentro de mujeres en espacios y esferas diversas y de su acción conjunta, particularmente feminista”¹¹ e constituem possibilidades para cumprirmos nossa vocação de *ser mais*, nas palavras de Paulo Freire.

Penso que esse cuidar dos outros, esse *ser-para-outro* não é o grande problema, a questão é que o *ser-para-si* não pode existir se não houver reciprocidade. O que ainda nos acontece é que o *outro* poucas vezes é *para-nós*. Estamos sempre em defasagem, sempre assumindo mais responsabilidades, sem benefícios que correspondam a esse acréscimo. A outra parte dessa relação, o masculino, não assume sua responsabilidade sobre a situação. Um exemplo bastante evidente é o caso do cuidado com as crianças; em geral, a mulher – a mãe ou alguém da família ou outra mulher em condições de vida mais precarizadas – ou o Estado se responsabilizam por isso, e os homens mantêm sua posição não afetada, não deixam de progredir em suas carreiras profissionais, não faltam ao trabalho nem levam os filhos para o trabalho quando não há quem possa cuidar deles, nem cuidam de seus familiares em situação de vulnerabilidade. Essa hierarquia na equação dialética, apontada por Fanon para tratar das relações raciais e apropriada por Paulo Freire¹², é que

¹¹ Ibid., posição 866.

¹² Em *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*, Paulo Freire (2005) diz a seu interlocutor: “Eu estava escrevendo *Pedagogia do Oprimido* e o livro estava quase terminado quando li Fanon. Tive que reescrever o livro para começar a citar Fanon”. É interessante que logo em seguida ele diz: “Esse é um ótimo exemplo de como fui influenciado por Fanon sem saber”. Como “sem saber”? Penso que quem lê Paulo Freire pode ser influenciado “sem saber” por Fanon, já que a

impede que se cumpra a vocação ontológica de *ser mais* para as mulheres. Mesmo em condições de igualdade econômica, as relações são desiguais. Talvez por isso o desejo de isolamento tão frequente nas narrativas escritas e protagonizadas por mulheres.

Penso que a tomada de consciência dos oprimidos é importante, mas tanto quanto é a contrapartida do *outro*. Que o *outro* faça a sua parte, que tome também consciência de sua implicação. Como comenta Audre Lorde: “é responsabilidade do oprimido educar os opressores sobre seus erros. Eu sou responsável por educar os professores que ignoram a cultura dos meu filhos na escola. Espera-se que os negros e as pessoas do Terceiro Mundo eduquem as pessoas brancas quanto à nossa humanidade. Espera-se que as mulheres eduquem os homens. Espera-se que as lésbicas e gays eduquem o mundo heterossexual. Os opressores mantêm sua posição e se esquivam da responsabilidade pelos seus atos”¹³. É preciso que esse *outro* (os que tem socialmente e culturalmente uma posição hierárquica considerada superior) tenha consciência de que faz parte do problema e da solução, individual e coletivamente.

[75]

influência é evidente, mas a alusão ao trabalho do martinicano nem sempre é marcada nos textos de Paulo Freire.

¹³ Audre Lorde, *Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença*, 2019, p. 142.

31. Origem e ponto de partida

Não posso dizer que o Desejo é a origem do Escrever, pois não me é dado conhecer inteiramente meu Desejo e esgotar sua determinação: um Desejo sempre pode ser o substituto de outro, e não compete a mim, sujeito cego, mergulhado no imaginário, explicar meu Desejo até seu dado original; só posso dizer que o Desejo de escrever tem um ponto de partida, que posso localizar.

[...] Esse ponto de partida é o prazer, o sentimento de alegria, de júbilo, de satisfação, que me dá a leitura de certos textos, escritos por outros → Escrevo porque li [...]

Meu Desejo de escrever vem, não da leitura em si, mas de leituras particulares, tópicas: a Tópica do meu Desejo → Como num encontro amoroso: o que define o Encontro? A Esperança. Do encontro com alguns textos lidos, nasce a Esperança de escrever.

Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 11-13.

[35]

32. Una literatura difiere de otra

“Una literatura difiere de otra, ulterior o anterior, menos por el texto que por la manera de ser leída [...]”

Jorge Luis Borges, *Otras inquisiciones*, 2012, p. 342.

[60]

33. Um teto não basta

*Similar class, ethnic, and sexual identity is a strong component of the bond between writer and reader. This intimate interactive relation-ship I have with readers has to do with a colored queer feminist mestiza identity. Not all writers experience this interaction. This interaction comes with the realization that writing is a collaborative, communal activity not done in a room of one's own. It is an act informed and supported by the books the author reads, the people she interacts with, and the centuries of cultural history that seethe under her skin. The idea of shared writing is not yet part of the consensual reality of most writers. **

A similaridade de classe, etnia e identidade sexual é um componente forte no laço entre escritor/a e leitor/a. Essa relação íntima interativa que tenho com leitoras/es tem a ver com uma identidade de cor queer feminista mestiza. Nem toda/o escritor/a vivencia essa interação. Essa interação vem com a percepção de que escrever é uma atividade colaborativa, comunal, não feita sob um teto todo seu. É um ato informado e sustentado pelos livros que a/o autor/a lê, as pessoas com quem interage, e os séculos de história cultural que fervem sob a pele dela. A ideia de escrita compartilhada não faz parte ainda da realidade consensual de muitas/os escritoras/es.**

* Gloria Anzaldúa, *To(o) Queer the Writer – Loca, escritora y chicana*, 2009, p. 12.

** Tradução de Tatiana Nascimento, 2016.

34. Lugar de fala

Audre Lorde conta que em um evento, em 1981, sobre mulheres negras e brancas, perguntou “O que esta semana deu a vocês?” [...] A mulher branca mais franca diz: 'Acho que recebi muito. Eu sinto que mulheres negras realmente me entendem bem melhor agora; elas têm uma ideia melhor de onde partem minhas ideias'. Como se entendê-la fosse o centro do problema racista”¹. Qualquer semelhança com algumas discussões que presenciamos em algumas aulas e grupos de debate não me parece mera coincidência, como não me parece coincidência algumas refutações sobre a utilização da ideia de lugar de fala para tratar dos assuntos de nossas pesquisas. Os saberes produzidos em uma pesquisa são sempre *saberes situados*, embora uma certa tradição masculinista e branca tenha, historicamente, silenciado a respeito disso e promovido uma falsa ideia de objetividade científica. Como bem explica Donna Haraway, apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva² e, por isso, é passível de ser discutida com outras perspectivas, já que não se coloca como universal e neutra.

Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular. A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada³.

¹ Audre Lorde, *O uso da raiva: mulheres respondendo ao racismo*, 2013, p. 156.

² Donna Haraway, *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, 1995, p. 21.

³ *Ibid.*, p. 33.

A implicação do pesquisador, especialmente nas Ciências Humanas, é inevitável; ela se mostra pela escolha do tema, do referencial adotado, pela forma de escrita, pelos procedimentos metodológicos, mas, me parece, que estratégica e politicamente é também importante explicitar e especificar o lugar de onde o pesquisador aborda o tema. Essa localização ajuda a compreender a perspectiva adotada, ajuda a empreender uma crítica e uma discussão produtivas – e é isso que importa, ou não?

O lugar de fala está intimamente ligado às relações de poder estabelecidas socialmente. Ele surge como uma resposta à ideia de universalidade do discurso de grupos hegemônicos. Ele solicita ou exige um posicionamento, uma marcação dentro das categorias de gênero, raça, classe social, geração, sexualidade e/ou qualquer outra que seja importante para o assunto a ser discutido. O lugar de fala não pretende determinar “quem” pode falar sobre determinado assunto, mas ajuda a explicar qual perspectiva está sendo adotada. Não é à toa que nas redes sociais há grupos e páginas que satirizam os chamados “homens feministas”, que são, em geral, homens que têm um discurso elaborado sobre o feminismo, mas, na prática, são evidentemente machistas e, quando confrontados e/ou questionados, muitas vezes querem explicar para mulheres feministas como elas devem agir e como estão erradas em não compreenderem as suas afirmações e/ou até mesmo suas boas intenções. A ideia de lugar de fala chama a atenção para isso, homens podem (e devem) falar sobre machismo e feminismo, mas pela perspectiva de um homem, sem querer ser o protagonista em uma discussão com mulheres; eles devem falar especialmente a outros homens, fazendo, quem sabe, uma mediação, já que é muito difícil para certas masculinidades prestarem atenção e respeitarem a fala de uma mulher. Da mesma forma, pessoas brancas podem e devem falar sobre racismo, mas fazendo crítica à branquitude – entendida como posição de

poder e privilégios –, respeitando o protagonismo de quem sofre preconceito e vem há muito mais tempo discutindo o problema.

Como afirma Grada Kilomba, “se minhas palavras parecem preocupadas demais em narrar posições e subjetividade como parte do discurso, vale a pena lembrar que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história”⁴. Assim, me parece importante que estejamos sempre atentos a essa perspectiva, que nossos enunciados evidenciem o ponto de vista de onde fazemos nossas análises e nossa produção de dados de pesquisa.

[47]

⁴ Grada Kilomba, *Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba*, 2016.

35. Como começar pelo início

Esta história será o resultado de uma visão gradual – há anos venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da eminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lida. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes¹. **E pensar sobre eles.** O trabalho de escrita de pesquisa é como se fosse tudo novo de novo². **Apesar de.** Apesar de sempre se ter que retomar algumas coisas para seguir³. Antes da pré-história havia a pré-história da pré-história [...]. Como começar pelo início se as coisas acontecem antes de acontecer?⁴

[50]

¹ Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1998, p. 12.

² Comentário de Adriana Cardoso Lessa, amiga e colega de curso, em “sessão de desabafo” sobre a necessidade de mudanças no projeto de tese.

³ Ibid.

⁴ Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1998, p. 11.

36. A descoberta do outro

Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.

Tzvetan Todorov, *A conquista da américa: a questão do outro*, 2019, p. 3-4.

[8]

37. Clarice no quarto de despejo

No meio do dia
Clarice entreabre o quarto de despejo
pela fresta percebe uma mulher.
Onde estivestes de noite, Carolina?
Macabeando minhas agonias, Clarice.
Um amargor pra além da fome e do frio,
da bica e da boca em sua secura.
De mim, escrevo não só a penúria do pão,
cravo no lixo da vida, o desespero,
uma gastura de não caber no peito,
e nem no papel.
Mas ninguém me lê, Clarice,
para além do resto.
Ninguém decifra em mim
a única escassez da qual não padeço,
– a solidão.
[...]

Conceição Evaristo, *Clarice no quarto de despejo*, 2017b, p. 94

38. Os narradores da literatura brasileira contemporânea

Em extensa pesquisa, a Prof.^a Regina Dalcastagnè, da UnB, e sua equipe realizaram o mapeamento de personagens e autores da literatura brasileira contemporânea entre os períodos de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Foram analisados 692 romances escritos por 383 autores e publicados nas três editoras com maior alcance ao público do Brasil. Somente os resultados referentes ao período de 1990-2004 estão publicados na íntegra e disponíveis para consulta¹; em outubro de 2020, o grupo de pesquisa ainda estava trabalhando com o recorte de 2005-2014². Alguns dados referentes ao período anterior a 1990 e posterior a 2004 foram publicados em revistas e blogs, e não diferem muito dos dados coletados no primeiro estudo, porém indicam que nos últimos anos há um crescimento de publicações oriundas das “margens” do sistema literário. Apesar de bastante homogêneos, os dados [de 2005-2014] mostram um aumento de 12 pontos percentuais na publicação de romances escritos por mulheres – fato que, por sua vez, não produziu um crescimento significativo na quantidade de personagens femininas.³

O perfil do romancista brasileiro publicado por grandes editoras se manteve o mesmo por pelo menos 43 anos. Ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Seus narradores, protagonistas e coadjuvantes são em

¹ O estudo foi publicado na Revista *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, 2005, e no livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, 2012.

² Conforme entrevista da Prof.^a Regina Dalcastagnè ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

³ Regina Dalcastagnè, em entrevista à Amanda Massuela, *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro*, 2018, s/p.

sua maioria homens, também brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades.⁴

De acordo com Regina Dalcastagnè, os estudos literários e outros fenômenos sociais são avessos a métodos quantitativos, porém é preciso considerar que o tratamento estatístico permite iluminar regularidades e proporciona dados mais rigorosos, evitando o impressionismo que, facilmente contestável por um impressionismo em direção contrária, impede que se estabeleçam bases sólidas para a discussão. Assim, se alguém diz que os negros estão ausentes do romance brasileiro contemporâneo, outra pessoa pode enumerar dezenas de exemplos que contradizem a afirmação. Mas verificar que 80% das personagens são brancas mostra um viés que, no mínimo, merece investigação⁵, sobretudo em um país em que a população branca não chega a cinquenta por cento⁶.

Em *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)*, Regina Zilberman parte da premissa de que Prêmios literários também sinalizam tendências, e talvez constituam um termômetro bastante adequado para se medir o estado atual de uma literatura⁷. As relações de finalistas ou de vencedores de premiações sugerem que as obras carregam consigo algum valor artístico, independentemente da fama de seu autor, do local onde tenham sido editadas, do número de volumes comercializados. Por isso, tais listas estão habilitadas a fornecer informações sobre o estado atual de

⁴ Ibid.

⁵ Regina Dalcastagnè, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, 2012.

⁶ De acordo com os Censo demográfico de 2010, a população branca no Brasil, correspondia a 47,7 da população total do país. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua do IBGE, implantada em 2011, mostra que essa população, no quarto semestre de 2014, era de 47 %, e no terceiro semestre de 2020, soma 44%.

⁷ Regina Zilberman, *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)*, 2017, p. 425.

uma literatura – ou de um gênero literário – e sobre os aspectos julgados mais significativos pelos formadores da opinião no campo cultural, para a aferição de suas virtudes estéticas⁸.

O fato de que os principais prêmios brasileiros confirmam primazia ao romance é antecipadamente um sintoma do prestígio desse gênero entre editoras e público leitor, fenômeno que pode ser equiparado à notoriedade do conto nos anos 1970, no Brasil⁹.

A partir de sua investigação, chega a resultados semelhantes aos da pesquisa da UnB. Da sua parte, os concursos brasileiros permitem, em um exercício de especulação, desenhar o romance ideal para os jurados nacionais. Certamente, não se aplica a todos os casos vencedores, mas, à primeira vista, foi válido durante o quinquênio entre 2010 e 2014. Esse romance ideal poderia ser assim descrito: seu autor pertenceria ao sexo masculino; teria nascido ou residiria atualmente em São Paulo ou no Rio de Janeiro; enquadrar-se-ia à etnia caucasiana; sua idade oscilaria entre 35 e 45 anos, um pouco para mais ou para menos¹⁰. **O narrador, nesses romances**, pertence ao sexo masculino, integraria a etnia caucasiana e compartilharia a idade do autor do romance. Como este, residiria em uma grande metrópole, provavelmente Rio de Janeiro ou São Paulo; tanto melhor se a trama puder inseri-lo em um cenário estrangeiro, de preferência distante. E teria aspirações a escritor, ou já exerceria essa profissão de alguma maneira, na condição de ficcionista ou poeta, jornalista ou homem de letras, professor ou intelectual. Como faria parte da classe média, poderia não ser muito abastado, mas, como também não teria familiares, não necessitaria preocupar-se com questões econômicas, o que facilitaria sua mobilidade social ou profissional. A solidão do protagonista, ou pelo menos o enfraquecimento

⁸ Ibid., p. 439.

⁹ Ibid., p. 425.

¹⁰ Ibid., p. 440.

das relações domésticas e, às vezes, até afetivo-amorosas, facultaria à intriga dispensar outras personagens fortes ou relevantes; também não seria imprescindível introduzir tramas paralelas, alargando o escopo do enredo. Como também é próprio à maioria dos romances vencedores a ausência de contraponto de personagens, reduzindo a margem dos conflitos, o enredo seria deixado por conta dos vagares interiores e exteriores do protagonista¹¹.

Nos últimos anos, o mercado editorial tem publicado e dado maior visibilidade a autoras e autores diversos desse padrão hegemônico. Vagner Amaro, fundador da Editora Malê¹², considera que esse movimento de pequenas e grandes editoras tem relação com a ampliação de um debate que percorre toda a história da literatura brasileira, pelo menos, no que se refere à literatura produzida por pessoas negras. Lima Barreto já falava sobre isso. É um debate dentro da literatura brasileira que de quando em quando ganha mais vigor. Esteve associado ao movimento abolicionista, do século XIX; à imprensa negra, no século XX; ao Teatro Experimental do Negro e as edições dos Cadernos Negros, na década de 1970. De 2009 para cá, com o surgimento de pequenas editoras – chamadas de quilombos editoriais – se reforçou novamente o debate, e essas editoras ofereceram livros, pois não basta o debate, e preciso que haja livros e que eles circulem¹³.

O editor destaca a Flip¹⁴ de 2016 como um dos catalisadores desse momento de efervescência da discussão sobre a literatura de autoria negra.

¹¹ *Ibid.*, p. 440

¹² Fundada em 2015, a editora funciona também como produtora cultural e tem se destacado na ampliação da visibilidade autoras e autores negros contemporâneos.

¹³ Síntese de um trecho da fala de Vagner Amaro em mesa de debate promovida pela Editora Carambaia, em junho de 2020.

¹⁴ A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) é um dos principais festivais literários do Brasil e da América Latina, ocorre anualmente – no mês de agosto – desde 2003. Conforme o site oficial do evento: “Cada edição presta homenagem a um autor brasileiro e reúne um vigoroso time de escritores, de diferentes origens e perspectivas, para se encontrar com o público em Paraty. É a dimensão do encontro

Naquela edição a escritora homenageada foi Ana Cristina César, expoente da geração da Poesia Marginal, que nos anos 1970 se firmou distribuindo edições caseiras no Rio de Janeiro, ao largo do mercado editorial e sob o peso da ditadura militar¹⁵ – a segunda mulher a ser homenageada desde a criação do evento, em 2003. Uma das propostas do evento era também dar visibilidade à literatura produzida por mulheres, e foi chamada pela imprensa de “Flip das mulheres” – embora elas não fossem maioria nas mesas de debate do evento. De acordo com o curador daquela edição, Paulo Werneck, a Flip é um reflexo da sociedade, “A presença de mulheres em editoras de livros, por exemplo, é baixa. Esse patamar de 48% da Flip é muito superior ao que tem nas editoras, ao que tem na cobertura de livros nos jornais... Está acima do padrão brasileiro. E isso é um problema mundial.”¹⁶

A grande crítica ao evento e que produziu os resultados a que Vagner Amaro se refere foi em razão da ausência de escritoras negras, questionada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras/UFRJ na “Carta aberta à Festa Literária Internacional de Parati – Cadê as Nossas Escritoras Negras na FLIP 2016?”¹⁷ e reproduzido por participantes do evento em manifestações durante as mesas e por Conceição Evaristo diretamente ao curador. A autora estava participando de um encontro de escritoras¹⁸ na programação paralela promovida pelo Itaú Cultural, quando um jornalista perguntou a opinião das palestrantes sobre as recentes críticas à nominata de convidados da Flip, sem a

que norteia as muitas linguagens empenhadas na construção de cada Flip: arquitetura, design, cenografia, urbanismo”.

¹⁵ Trecho da apresentação da autora no site do evento.

¹⁶ Entrevista dada ao Canal G1, publicada em 29/06/2016.

¹⁷ A carta pode ser lida em: <https://conversadehistoriadoras.com/2016/06/27/carta-aberta-a-feira-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016/>

¹⁸ Participavam do debate: Ana Maria Gonçalves, Andréa Del Fuego, Conceição Evaristo e Maria Valéria Rezende.

presença de nenhum autor negro. Cada uma levantou um aspecto da situação reforçando a crítica. A determinado momento, o próprio curador da Flip, Paulo Werneck, que estava presente assistindo ao evento, levantou, declarou que a Flip aceitava a crítica como relevante e que o evento pretendia dialogar para consertar questões como aquelas.

– Fizemos convites sinceros e persistentes, chegamos a aporrinhar mesmo algumas pessoas que não puderam comparecer. Então queria ouvir de vocês como tomar contato com essa bibliografia que vocês dominam – disse o curador.

– Pena que vocês não me aporrinharam – comentou Conceição Evaristo, provocando risos na plateia.

Werneck comentou que se a sugestão do nome de Evaristo e de outros autores chegou em abril, já não havia mais como fazer mudanças porque o processo de curadoria já estava fechado. Evaristo, então, disse que talvez aí estivesse o problema, na necessidade de ir buscar pessoas que tivessem conhecimento sobre os autores negros do Brasil já no momento da seleção.

– Você tem, na UFMG e na UFRJ, nos cursos de letras, centros acadêmicos que trabalham com autores afrodescendentes e com autores africanos contemporâneos. Talvez ter alguém na sua equipe de curadoria que tivesse acesso na recolha já dos nomes fosse uma alternativa¹⁹.

Foi o que aconteceu no ano seguinte. A nova curadora, Josélia Aguiar, fez uma pesquisa cuidadosa e produziu a edição mais diversa da história do evento. Colocando no centro o escritor Lima Barreto, o evento literário agregou 22 mesas de discussão com 46 autores, entre eles, 24 mulheres. A literatura

¹⁹ Trechos da reportagem de Carlos André Moreira, *A Flip começa com críticas... à Flip*, 2016, s/p.

negra também obteve uma melhor representação: entre os autores convidados, 30% eram negros.

Para a historiadora Giovana Xavier, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras na UFRJ e uma das autoras da carta aberta de 2016, trata-se de uma grande vitória para os movimentos sociais, em especial, os movimentos de afirmação das mulheres negras. “É uma mudança significativa e que merece comemoração, pois mostra a nossa força e a nossa capacidade de organização. Ao mesmo tempo, isso não pode ser visto como um ponto final, mas como um começo. Para a filósofa Djamila Ribeiro, a mudança na programação mostrou justamente a força da pressão dos movimentos sociais, em especial, daqueles ligados à questão da mulher e dos direitos da população negra: “Até a inclusão de Lima Barreto, que é um escritor que por ser negro não tem o reconhecimento devido, mostra a força dessa cobrança, de movimentos que não vão mais aceitar ser representados de forma que não seja digna”²⁰.

Fazendo referência ao trabalho de pesquisa coordenado por Regina Dalcastagnè, as organizadoras do dossiê Literatura LGBTQ+, Amara Moira e Tatiana Nascimento, comentam que ainda que de lá para cá o mercado literário continue bastante conservador, é preciso comemorar que, nos últimos anos, houve um crescimento exponencial de escritos de autoria LGBTQIA+, que vêm ocupando espaço, sobretudo, por meio de editoras independentes. Em suas múltiplas intersecções com raça/etnia, gênero e classe social, essas vozes/narrativas dissidentes se avolumam nas páginas de nossa literatura, contrariando a ortodoxia heterocêntrica e cisnormativa que historicamente a constituiu, embora a autoria/temática em evidência ainda seja eminentemente branca, oriunda do Sul/Sudeste, das classes médias brasileiras e pouco íntima

²⁰ Carta Capital, *Após críticas e protestos, uma FLIP mais diversa*, 2017.

dos debates sobre questões tanto raciais quanto trans, revelando que, mesmo com a complexificação das representações, o que se vê é ainda uma fatia limitada das narrativas e existências LGBTQIA+, diante da ausência de outros marcadores identitários, tais como raça/etnia e regionalidade²¹.

Essa discussão tem gerado também um movimento dentro das grandes editoras. A Companhia das Letras, por exemplo, tem implementado algumas ações no sentido de promover maior diversificação de autores em suas publicações. Atendendo ao chamado da indústria editorial mundial para ações contra o racismo em 2020, e especialmente da Penguin Random House, o segundo conglomerado editorial do mundo voltado para livros de interesse geral, do qual a Companhia das Letras é sócia. Uma dessas iniciativas foi a de criar o cargo de editor de diversidade, transversal a todos os selos, e contratar Fernando Baldraia, que se identifica como cria da capoeira, do rap e da quebrada²² e é doutor em história pela Universidade Livre de Berlim, com pós-doutorado pela mesma universidade no Mecila/Cebrap. Em entrevista, o editor avalia que a sua contratação e a contratação dos outros dois editores convidados, assim como a série de publicações que a vão produzir é algo muito pequeno diante do resultado de quase 400 anos de escravidão, de genocídio da população indígena, que recebe não inclusão em várias camadas na sociedade²³. Essas ações, como todas as que envolvem grupos não hegemônicos são importantes se forem continuadas e ampliadas, pois seus resultados são irrisórios a curto prazo. “Estamos fazendo um censo das obras e censo dos funcionários, mas estamos esperando resultados muito ruins. Quantos autores negros vão estar entre as milhares de publicações do catálogo da Companhia

²¹ Amara Moira e Tatiana Nascimento, *Apresentação: Literatura LGBTQIA+*, 2020, p. 2.

²² Blog da Companhia, *Diversidade na Companhia das Letras*, 2020.

²³ Folha de Pernambuco. Entrevista: *Fernando Baldraia comenta os desafios na edição de diversidade na Cia das Letras*, 2020, s/p.

das Letras? 3%? 5%? A gente não vai chegar a dois dígitos, no máximo, a 7 ou 8%, e vamos estar no céu. O que é ridículo você comemorar no Brasil, um país plural, ter 7% de autores negros numa editora do porte da Companhia”²⁴, comentou Fernando Baldraia.

Essas iniciativas, até o momento, são exceções no grande mercado editorial – o que chega à maioria da população leitora do país. Como questiona a Prof.^a Regina Dalcastagnè, por quanto tempo mais vamos nos contentar com exceções?

Não há como imaginar a democratização da literatura sem um investimento maciço na educação pública – da alfabetização ao ensino superior. O Brasil exclui milhões de pessoas do universo da leitura, da escrita, retira delas uma ferramenta para a participação ativa na interpretação e na transformação de nossa sociedade. Bastaram uns poucos movimentos, como as cotas para negros, indígenas, pobres e pessoas com deficiências, o ensino noturno, que acolhe jovens trabalhadores, as bolsas para estudantes carentes, para que o perfil das universidades federais se transformasse, abrindo espaço para outras perspectivas sobre a realidade brasileira. Muita gente se formou nesses poucos anos, ampliando o universo de leitores, o que fez com que se expandisse, também, a produção literária e intelectual de autores/as oriundos/as da classe da trabalhadora e das periferias, de negros/as e indígenas. Por isso, é tarefa de todos os agentes do campo literário – escritores/as, editores/as, bibliotecários/as, jornalistas, gestores/as, tradutores/as – lutar, ao lado de professores e professoras, pela educação pública no Brasil²⁵. Assim como é tarefa dos professores e professoras, da gestão de escolas, departamentos, faculdades, universidades – formadores de docentes – buscarem referências

²⁴ Ibid.

²⁵ Regina Dalcastagnè, Sobre lacunas e silêncios, 2020. s/p.

literárias e teóricas para além do que se apresenta “espontaneamente” nas mídias do mercado editorial. Questiono: até quando vamos deixar essas discussões para grupos e pesquisas temáticas específicos? Até quando vamos tratar as e os intelectuais negras e negros como específicos somente para tratar de relações raciais?

[10]

39. Leitura de homens e leitura de mulheres

“[...] a leitura das mulheres e a leitura dos homens é completamente diferente. Tem homens que dizem assim: ‘não convence muito... por que uma mulher, uma leitora, uma mulher com uma formação universitária, duas aposentadorias, um apartamento bem montado vai passar quarenta dias na rua...’. E as mulheres todas entendem e dizem assim [interrompida pelo entrevistador]. Não... Eu lembro da minha mãe, que era uma mulher feliz com seus seis filhos que ela... Mas quantas vezes eu ouvi minha mãe dizer assim: ‘a vontade que eu tinha era de sair por aquele portão afora e desaparecer... Eu queria só ver.’ Todas as mães falam isso. Todas as mulheres que trabalham e são donas de casa, tem um dia que ela tem vontade de sair por aquela porta afora e sumir. E ficar invisível [...]”

*Maria Valéria Rezende, em entrevista a Marcelino Freire
sobre o livro Quarenta Dias, 2015a.*

[71]

40. Sair de sob teto que nos protege

Sair de casa, do seu teto, do que protege, é o que permite o encontro e a experiência com o outro. Ainda que essa saída seja limitada, amplia a percepção do limite, de até onde se consegue ir, de até onde se pode ir. Porque, sim, há limites. Viver é perigoso, escrever é perigoso – alguém já disse. E é. Até onde me permito ir? Até onde me permitem ir? Que autoridade tenho e/ou que autorização preciso para ir mais um pouco? Romper a cerca de arame ou quebrar o vidro ou encontrar uma brecha já feita e passar por ali como quem não quer nada? Onde isso vai me levar? “Quem sabe mais tarde saberei...”¹, dizia a Clarice.

Em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Umberto Eco utiliza a metáfora criada por Jorge Luis Borges em *O jardim dos caminhos que se bifurcam* (do livro *Ficções*): um texto narrativo é um bosque. Diz Umberto Eco: “há duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar à casa da avó, do Pequeno Polegar ou de Joãozinho e Maria); a segunda é andar para ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não. Há igualmente duas maneiras de percorrer um texto narrativo.”²

Esta tese-livro é um convite a um passeio pelos *matos* da ficção, uma ficção mui particular, com uma guia que não sabe bem aonde vai, que arrisca a si e aos leitores a não encontrarem nem uma saída nem um arroio para se refrescarem nem um abrigo do frio iminente. Ela só sabe mostrar os caminhos

¹ Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1998, p. 12.

² Umberto Eco, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, p. 33.

por onde já passou, mostrar as marcas e sinais deixados por outros nesses caminhos. Mas aonde vai? A noite chegando (o fim do prazo, o governo atual anunciando cortes nas universidades) e eu, aqui, querendo cumplicidade em uma aventura talvez fadada a nada, a nenhuma descoberta interessante. Paciência, diz o Barthes, paciência é uma das “provas” da escrita. Aquele momento que quem *quer escrever* se põe a escrever, a *práxis*, diz ele.

[36]

41. Sobre o método

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia
num
barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira, *Poema tirado de uma notícia de jornal*, 1977, p.73.

[12]

42. Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado, *Com licença poética*, 2014, p. 19.

43. Porta de vidro 1

Bater contra uma porta de vidro aparentemente inexistente é um impacto fortíssimo e, depois do susto e da dor, a surpresa de não ter percebido o contorno do vidro, a fechadura, os gonzos de metal que mantinham a porta de vidro. Isto resume, em parte, o descobrir-se racializado, quando tudo o que se fez, leu ou informou (e formou) atitudes e comportamentos diante das experiências sociais, públicas e principalmente privadas, não inclui explicitamente nem a mínima parcela da própria racialidade, diante da imensa racialidade atribuída ao outro. Tudo parece acessível, mas, na realidade, há uma fronteira invisível que se impõe entre o muito que se sabe sobre o outro e o quase nada que se sabe sobre si mesmo.

Edith Piza, *Porta de vidro: entrada para a branquitude*, 2014, p. 61.

[56]

44. Deslocamentos

Esse deslocamento da personagem é também o deslocamento da pesquisadora que se inventa como personagem, como persona, que sai de um mundo já conhecido e busca construir sua autoria como pesquisadora pela linguagem literária.

A personagem-autora, apresentada nos dois primeiros capítulos, cria, seria melhor dizer, desloca uma personagem da literatura para contar sobre algumas leituras que foram encontros vivos com personagens ficcionais e também encontros com pessoas que foram ficcionalizadas nessas histórias. Foram esses encontros que lhe possibilitaram reler o mundo, o mundo da ficção, o mundo acadêmico, o mundo real.

[59]

45. Há tempos diferentes embora paralelos

Erro de postular um tempo histórico absoluto: há tempos diferentes embora paralelos¹. O tempo histórico também é localizado geograficamente. O desenvolvimento e popularização dos meios de comunicação aproximaram os tempos, mas nem tanto e nem em todos os lugares e nem para toda a gente. E isso foi sempre. E isso é agora.

O que é a forma como são tratadas e narradas e apresentadas as personagens femininas de *O jogo da amarelinha*? Das personagens principais às personagens secundárias são todas expostas ao ridículo de serem bengalas para os personagens masculinos cheios de dilemas existenciais. Aff, Cortázar, francamente... E o que é a expressão “leitor fêmea” para definir “aquele senhor (ou senhora) que compra os livros com a mesma atitude com que contrata um serviçal ou se senta na plateia de um teatro: para que o divirtam ou para que o sirvam”². Por que “fêmea”, Cortázar? Por que para ridicularizar algo é preciso atacar o feminino? Bem vês, sou uma leitora com “lápiz na mão, brigando com o autor, mandando-o para o inferno ou abraçando-o...”³, como tu. Não sei se essa história de leitor-fêmea é ironia, mas é exasperante. De mau gosto até. É bem verdade que mostras o absurdo de algumas situações que as personagens masculinas se colocam ao desprezarem suas companheiras, mostras o quanto aquele tipo de masculinidade é desprezível, mas segues colocando as

¹ Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2019, p. 564.

² Julio Cortázar, *De uma carta a Jean Barnabé, 3 de junho de 1963*. Em: Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2019, p. 667.

³ *Ibid.*, p. 667.

personagens femininas como coadjuvantes, estereotipadas. Sim, eu sei, os dias eram assim. Mais assim para um tipo argentino afrancesado, não?

Para não dizer que não citei uma passagem em que a crítica a essas masculinidades me ficou mais evidente: “Sim, talvez o amor, mas a *otherness* dura para nós o que dura uma mulher, e além disso somente no que se refere a essa mulher. No fundo não existe *otherness*, apenas a agradável *togetherness*”⁴. Em um lapso de lucidez a personagem principal, o reflexivo Horácio Oliveira, entende que não reconhece equidade nas suas relações com as mulheres, elas não chegam a ser alguém por si, elas só são alguém junto com ele. Pena que a lucidez não dura. É, ter lucidez, saber das coisas, não significa mudar a forma de agir. Quanta diferença das personagens femininas de *Cem anos de solidão*, publicado somente alguns anos depois de *O jogo da amarelinha*. Mesmo que assumam estereótipos de gênero, cada uma delas tem uma personalidade que vai muito além de ser a acompanhante de uma personagem masculina (a mãe, a filha, a namorada, a esposa). São mulheres de descobrem caminhos sozinhas (Úrsula), que não se deixam conduzir pela conveniência social moralista (Rebeca, Amaranta, Petra Cortes, Remédios), são também mulheres que sofrem violências (vítimas de pedofilia, meninas prostituídas), mas ainda, mesmo assim, o tratamento dado a elas e a seus violadores mantém o que a Conceição chamou de dignidade humana, porque não se é uma coisa, simplesmente. Talvez eu nem devesse fazer essa comparação, mas é que ela grita. Também a tua Maga foi vítima de um estupro, mas quem era e como é apresentado esse homem violador? Um homem negro – o único marcadamente negro no romance. Este homem é retratado na infância como uma criança que coloca uma larva de lagarta na proximidade de um formigueiro e observa, divertido e sádico, as formigas cravando nela suas pinças e a carregando para dentro do formigueiro;

⁴ Ibid., p. 120.

quando adulto, espia Maga sendo surrada pelo pai e, finalmente, a estupra. Onde a dignidade humana de Ireneo, do negro Ireneo? Onde a dignidade de um escritor que, em um romance - ou anti-romance como querias - reconhecidamente transformador, atribui ao único personagem negro a marca de sádico e estuprador? Ah... Cortázar, Julio, querido meu, que falta fez um debate sobre racismo, não?

[74]

46. Importar

Rebeca sai de Macondo e vai morar em Satolep – cidade “inventada” por Vitor Ramil e presente em várias obras do autor. A viagem de Macondo a Satolep faz uma transposição espaço-temporal, a personagem chega a Satolep e à contemporaneidade, e também sofre uma “transformação”. Quando é encontrada pelo sobrinho, em Macondo, sua imagem é assim descrita: “a esquelética mulher ainda vestida com roupas do século anterior, com umas poucas fibras amarelas no crânio pelado e com uns olhos grandes”¹. Quando chega a Satolep, seu corpo recuperou o vigor, já não é um corpo que definha.

No livro *Satolep*, o fotógrafo Selbor tem vários encontros com personagens ficcionais baseados em personagens reais ou não: o Cubano (fazedor de mosaicos), o escritor (Simões Lopes Neto), o Compositor, etc. Selbor encontra o Cubano no trem que chega à cidade. O Cubano faz um comentário ao olhar a paisagem a partir da ponte do Canal São Gonçalo, “o frio geometriza as coisas”². A ideia contida nessa frase vai sendo explorada e desdobrada ao longo da narrativa.

Rebeca encontra uma senhora no trem que lhe diz “As histórias são importantes. É importante saber as muitas histórias”. Essa frase foi retirada da palestra *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, traduzida e lançada como livro no Brasil em 2019. A tradução registrada no

¹ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [?], p. 211.

² Vitor Ramil, *Satolep*, 2008, p. 20.

livro é: “As histórias importam. Muitas histórias importam”³ (no original: *Stories matter. Many stories matter*), mas essa tradução – a frase em si – não me parece que faça parte da fala de pessoas de fora do meio acadêmico no Brasil, por isso fiz a minha “tradução própria” e este é um dos fios condutores deste trabalho. O acesso a histórias contadas por narradores a partir de sua experiência vivida, de seu lugar social, nos dá a possibilidade de conhecer vários pontos de vista, de duvidar de histórias contadas sobre o outro. Afinal, quem é o outro? O outro de quem? Ao mesmo tempo, o olhar “estrangeiro”, importado, possibilita que o estranhamento de situações e lugares naturalizados seja cotejado, ampliando suas perspectivas. E isso vale para a Literatura, para a História, para as Ciências Humanas em geral. E também para a Educação.

Essa “senhora do trem” é a imagem da D. Sirley Amaro, mestre griô que acompanhou o trabalho do GIPNALS desde que o grupo se formou, mesmo antes, quando era o NALS. As histórias contadas por D. Sirley – em suas vivências griôs ou no convívio cotidiano – destacam a importância das muitas histórias e das muitas perspectivas para abordar um tema. A frase “é interessante” ou “é muito interessante” é recorrente nas falas de D. Sirley, especialmente quando ela vai fazer uma crítica. Dificilmente ela faz uma abordagem direta ao assunto. Primeiro, ela chama a atenção para um fato ou situação e, depois, conta uma história relacionada àquilo por uma perspectiva não centralizada. Cabe ao ouvinte perceber que o ponto de vista das narrativas hegemônicas desconsidera ou omite essas outras perspectivas.

[28]

³ Chimamanda Ngozi Adichie, *O perigo de uma história única*, 2019, Edição do Kindle, posição 145.

47. Lugar social de escrita

Quando vamos criar a imagem de uma empregada como a Ditinha que aparece em *Becos da Memória*, o lugar social que escrevemos é como se estivéssemos lá dentro do quarto dela olhando para a patroa cá fora. Essa “escrevivência” é profundamente marcada pelo lugar social que nós escolhemos para compor. Enquanto, para outra escritora – que não tem nada a ver com a história de vida da empregada, nem com a história da coletividade dela – é como se, para compor, ela parasse na porta do quarto da empregada, olhasse lá dentro e fizesse o texto sobre ela.

Conceição Evaristo, *Nasci rodeada de palavras*, 2017c, s/p.

[33]

48. Ai, palavras... Branquitude

A utilização do referencial teórico dos *critical whiteness studies* foi introduzida no Brasil pela pesquisadora Edith Piza em seus estudos junto a um projeto desenvolvido no Instituto de Psicologia da USP, entre 1992 e 1996, a partir da produção norte-americana de Ruth Frankenberg e Janet Helms. A expressão *critical whiteness studies* foi traduzida como “estudos críticos da branquitude” e consolidada entre as pesquisadoras e os pesquisadores do Brasil, apesar de, em 2004, uma obra de referência desses estudos ter sido traduzida para o português e lançada no país com o título de *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*¹. A própria pesquisadora Edith Piza, assim como Maria Aparecida Silva Bento e Yrai Carone, organizadoras do livro *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil*, publicado em 2002², utilizavam a expressão “branquitude”.

Em 2005, Edith Piza faz uma diferenciação entre as expressões, recorrendo a comparação com as expressões “negritude” e “negridade”:

Negridade foi um termo utilizado pelo movimento negro das décadas entre 20 e 30, que reivindica a inclusão do negro na sociedade branca através da negação de sua origem e por um comportamento ditado e aprovado por brancos. Negridade refere-se a “parecer” branco para ser aceito entre brancos. Opõe-se ao movimento negro contemporâneo que busca compor uma identidade negra – negritude – como um conjunto de valores positivos

¹ Organizada por Vron Ware, 2004.

² Neste trabalho, utilizo a terceira reimpressão (2018) da sexta edição (2014) desse livro.

existentes tanto nos indivíduos, quanto na cultura quanto na sociedade, a partir de um ponto de vista negro e de combate à discriminação e ao racismo³.

Assim, sugere que *branquitude* seja pensada como uma identidade branca negativa, ou seja, um movimento de negação da supremacia branca enquanto expressão de humanidade⁴, como uma consciência branca desalienada, em prol de uma ação política antirracista. “Branquitude” seria, ao contrário, uma identidade racial branca indiferente ao racismo.

Branquitude não diz respeito aos discursos ingênuos que afirmam: “somos todos iguais perante Deus, ou perante as leis”; ao contrário, reconhece que “alguns são mais iguais do que os outros” e reverte o processo de se situar no espaço dos mais iguais para reivindicar a igualdade plena e de fato, para todos. É primeiramente o esforço de compreender os processos de constituição da branquitude para estabelecer uma ação consciente para fora do comportamento hegemônico e para o interior de uma postura política antirracista e, a partir daí, uma ação que se expressa em discursos sobre as desigualdades e sobre os privilégios de ser branco, em espaços brancos e para brancos; e em ações de apoio à plena igualdade⁵.

A maioria das pesquisadoras e pesquisadores brasileiros seguem utilizando a expressão “branquitude”, embora o argumento de Edith Piza tenha sido retomado e aprofundado em discussões posteriores por outras pesquisadoras, como Joyce Souza Lopes⁶, Camila Moreira de Jesus⁷ e também

³ Edith Piza, *Adolescência e racismo: uma breve reflexão*, 2005, s/p – nota de rodapé 6.

⁴ *Ibid.*, s/p.

⁵ *Ibid.*, s/p.

⁶ Joyce Souza Lopes, *Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos Estudos Críticos da Branquitude*, 2013.

⁷ Camila Moreira de Jesus, *Branquitude x branquidade: análise conceitual do ser branco*, 2012.

Id., *O privilégio da brancura na escola pública: uma etnografia no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia em, Cachoeira – BA*, 2014a.

rebatido, por exemplo, por Lourenço Cardoso⁸ e a própria Joyce Souza Lopes⁹ em trabalhos posteriores.

Assim, embora concorde com Edith Piza e Camila Moreira de Jesus, para não entrar em conflito com a maioria dos referenciais teóricos, utilizo a expressão *branquitude* para nomear o conceito definido por Lia Vainer Schucmann como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade¹⁰.

É importante destacar que, no Brasil, geralmente, os sujeitos da branquitude são europeus ou descendentes de europeus, porém, dependendo do contexto, essa classificação pode variar. Por exemplo, no Brasil, um descendente de árabes ou até mesmo de orientais pode ser classificado como branco, assim como um mesmo indivíduo pode ser definido de formas diversas em diferentes regiões do país, através de identificações que dizem respeito ao fenótipo, mas também a outras categorias, como classe social.

No Brasil, ser branco, não exclui “ter sangue negro”. Quanto ao elemento indígena, ele aparece de vez em quando, discursivamente, como fator de complexidade que toca a história e a identidade nacional na mesma medida em

Id., *Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro*, 2014b.

Id., *A persistência do privilégio da brancura: notas sobre os desafios na construção da luta antirracista*, 2017.

⁸ Lourenço Cardoso, *A branquitude acrítica revisitada e as críticas*, 2017.

⁹ Joyce Souza Lopes, *Lugar de branca/o e a/o “branca/o fora do lugar”: representações sobre a branquitude e suas possibilidades de antirracismo*, 2016.

entre negra/os e branca/os do/no Movimento Negro em Salvador-BA

¹⁰ Lia Vainer Schucman, *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, 2012, p. 23.

que afeta a herança genética brasileira – quase nunca a cultural – de brancos e também de negros¹¹.

Majoritariamente, as pesquisas que tratam das relações étnico-raciais no Brasil, tratam das relações entre brancos e negros, inclusive as pesquisas a respeito da branquitude. Maria Aparecida Silva Bento considera que branquitude se refere a traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento, um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro¹².

[57]

¹¹ Liv Sovik, *Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e média no Brasil*, 2004, p. 366.

¹² Maria Aparecida Silva Bento, *Branqueamento e branquitude no Brasil*, 2014, p. 25.

49. A personagem autora e a pesquisadora empírica

Essa personagem-autora que se mostra no primeiro capítulo pretende dizer um pouco da autora-pesquisadora-empírica, mas não quer se confundir com ela. Essa personagem informa posicionamentos e características comuns a muitas mulheres que tem uma certa estabilidade econômica, alguma formação intelectualizada, consciência das desigualdades sociais e da sobrecarga impingida a mulheres na sociedade, pelo trabalho doméstico, pelos cuidados às pessoas próximas. Ela é o retrato de muitas mulheres que abrem mão de protagonismos em suas próprias vidas e em suas carreiras de trabalho pelo tanto de interdições que precisam enfrentar; elas precisam ser desdobráveis, ainda que não tenham sido educadas exclusivamente para o casamento e para os cuidados com a casa e a família. Ainda que tenham independência financeira, precisam de subterfúgios para agir e fazer valer suas vontades, para serem *para-si*, pois que a estrutura social exige que cumpram um papel de gênero fixado para elas.

[42]

50. A pré-história da pré-história

“A luz negra deixa o branco mais branco”.

(Arnaldo Antunes, *As coisas*)

Em 2013, esta que lhes escreve defendia sua dissertação. A escrita da dissertação seguiu um traçado parecido com o deste trabalho, por conta de uma banca de qualificação que pedia mais implicação no processo, que pedia mais autoria na escrita. Este trabalho é uma reverberação daquele.

Na dissertação, criei um personagem com quem debati ao longo do texto. Chamei-o de Ângelo, em alusão à Ângela, personagem que discute com um escritor no livro *Um sopro de vida*, da Clarice Lispector. Naquele momento, achei que era “pertinente perguntar que expedientes pode utilizar um jovem marcado socialmente como negro, pobre e homossexual para criar um outro território de existência, para vir a ser um professor universitário”¹, em uma sociedade em que “a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão [...] (LOURO, 2003, p. 15)”². Embora tenha tratado de como essa norma se estabelece e como aquele sujeito se movia *com e apesar* dela, não me ocorreu que estivesse tratando o sujeito negro como objeto. O que me motivou a abordar a racialidade na formação daquele sujeito foi tentar compreender algumas questões que surgiam a todo momento, quando um amigo – um dos que inspirou a pesquisa

¹ Eliana Peter Braz, *Processos de subjetivação de um professor universitário interpelado pelas marcas identitárias de raça, classe e sexualidade*, 2013, p. 10.

² *Ibid.*, p. 10.

– se deparava com situações de preconceito racial que ele nem sempre percebia. Questionei a “sociedade que tenta fixar espaços, comportamentos, posições de sujeito hierarquizadas, através de normas que privilegiam uns em detrimento de outros”, pontuei que “a heteronormatividade e a *branconormatividade*³ exigem dos que não são a referência um comportamento submisso”, que nesses regimes de verdade “eles podem ser *tolerados*, mas não devem ousar transpor os limites estabelecidos pela hierarquia naturalizada”⁴. Eram questionamentos compartilhados por um grupo de amigos, “quase todos professores, a maioria não muito ortodoxa quanto a uma orientação sexual, [...] quase todos *quase brancos, quase pobres como pretos*”⁵, nessa mistura tão brasileira que borra algumas fronteiras, aproximando, mas também encobrindo a falsidade de uma pretensa democracia racial. Ângelo se tornou, de certa forma, um companheiro de discussão e escrita que me acompanhou por um bom tempo. Ele seguiu condensando as conversas que tive com vários amigos e colegas; na impossibilidade de reproduzi-las literalmente e nomear quem disse o quê, continuei outorgando a Ângelo a reprodução aproximada dessas falas. Alguns anos depois de finalizada a dissertação, Ângelo também entrou no doutorado, e, vejam só, viu-se negro, cada vez mais negro. E eu, clara-clarice-clarissimamente, empalideci ainda mais. Embora, no mestrado tenha feito algumas leituras sobre a existência das ideias de crítica à branquitude⁶, foram

³ Termo que “criei” na dissertação, em analogia à composição da palavra e do conceito de “heteronormatividade” para nomear o regime de verdade que coloca a identidade racial branca como padrão.

⁴ Eliana Peter Braz, op. cit., p. 58.

⁵ Ibid., p. 9.

⁶ Os chamados “estudos críticos da branquitude” (*critical whiteness studies*) têm ascendido no Brasil, desde 2014, embora já existissem trabalhos utilizando este referencial teórico nos anos de 1990. No capítulo 48, abordarei esse referencial teórico e a discussão sobre a tradução do termo “whiteness”.

leituras feitas às pressas⁷ que não me deram a dimensão do que significava uma pessoa branca pesquisar sobre o que Guerreiro Ramos chamava, saberia disso depois, de *negro-tema*. Ângelo me disse que tenho privilégios por ser branca. Tenho? Tenho, óbvio que tenho, sei disso há muito tempo, embora muitas vezes esqueça. É fácil esquecer quando a marca que se tem é considerada “o” padrão universal. Como comentou Deivison Mendes Faustino, “é possível pensar em música indígena, cabelo afro, cosmovisão africana, cultura negra, mas nunca em música branca, cultura branca. O branco, a cultura branca, ou ocidental, ganham *status* de universalidade e não precisam ser especificadas”⁸. Pois foi com o branco francês Michel Foucault que aprendi que o heterossexual só foi nomeado quando se inventou o homossexual, que o normal só foi nomeado quando se inventou o louco. O branco francês Michel Foucault não me falou das relações de colonialidade que permearam a nomeação do branco e do não-branco. O negro britânico Paul Gilroy foi quem me falou da racialização, do fascínio da raça; e naquele momento eu entendi melhor como e por que a nossa sociedade racializa e marca os negros, mas não pensei nas implicações de eu ter a marca de ser branca.

Ângelo: – A minha nudez parada te denuncia e te espelha. Eu me delato, tu me relatas. Eu nos acuso e confesso por nós, assim me livro das palavras com as quais você me veste⁹.

Eu: – Ângelo, olha para mim e me ama¹⁰.

⁷ No projeto original de dissertação, não havia a categoria “raça”. Após a qualificação do projeto, ela surgiu como necessária porque um dos entrevistados era negro e tinha sua experiência marcada pelo racismo. Não é “sintomático” que se não fosse pela presença de um sujeito negro a racialidade não seria marcada?

⁸ Deivison Mendes Faustino, *Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Franz Fanon*, 2013, p. 220-221.

⁹ Texto de Fauzi Arap, dito por Maria Bethânia no álbum “Pássaro da manhã”, de 1977.

¹⁰ Clarice Lispector, *Água Viva*, 1998, p. 95.

Ângelo: – Não. Tu olhas para ti e te amas. É o que está certo¹¹.

Mais ou menos assim ele me convidou a criar uma história para poder chamar de minha, a história de uma mulher com todas as categorias de pertença que eu quisesse, sem esquecer minha racialidade, com suas dificuldades e com seus privilégios, com suas contradições, possibilidades e impossibilidades.

A história, ou melhor, as histórias que vou lhes contar são histórias verdadeiras, embora inventadas¹². Não são exatamente histórias de uma vida, mas (re)leituras de vidas vividas em um mundo em que não se pensava a racialidade de pessoas brancas. Elas dizem também da ambiguidade que é ter dificuldade de se colocar como protagonista e ao mesmo tempo abrir mão de protagonismos nessas e em muitas histórias.

[43]

¹¹ Ibid., p. 95.

¹² Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1998, p. 12.

51. Expansão

Nos anos 1980 e 1990, as políticas públicas de educação superior foram caracterizadas por um crescimento pouco significativo da expansão do ensino superior; havendo inclusive momentos de retração no número de Instituições de Ensino Superior no país. A forma de acesso ao Ensino Superior privilegiada pelas políticas públicas após a redemocratização do Brasil, até o ano de 2008, foi o ensino privado. O atendimento da demanda reprimida ao ensino superior e da pressão estabelecida pelo mercado em consequência das constantes inovações tecnológicas por mão de obra qualificada no governo FHC e no primeiro governo Lula se deu através da expansão no número de vagas ofertadas pelas Instituições de Ensino, sobretudo, privado¹. Durante os oito anos dos governos FHC, apesar da diminuição do número de instituições públicas, o número de vagas foi aumentado em 117.209 vagas públicas, ou seja, ocorreu um aumento de 65,8%. Enquanto que nas instituições privadas, acompanhando o crescimento do número de instituições, as vagas aumentaram em 235%, ou seja, 1.015.523 vagas a mais de 1995 a 2002. Já no governo Lula, enquanto nas instituições públicas foi percebido um aumento de vagas de 22,3%, nas instituições privadas as vagas aumentaram em 53,4%, em seis anos de governo. Houve um menor aumento nas vagas ofertadas pelas instituições privadas e públicas no governo Lula, até 2008².

¹ Andria Caroline Angelo Santin, *O Desenvolvimento Local e a relação com as Políticas Públicas REUNI e SISU: O Estudo de caso da Universidade Federal de Pelotas*, 2014, p. 172.

² *Ibid.*, p. 97.

O quadro desenhado para as políticas públicas de Ensino Superior começa a sofrer alteração em 2008 com a implantação das políticas de expansão do acesso Reuni e Sisu³⁴. Em linha com proposta da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), feita em 1997, o Reuni, mediante investimento maciço na educação superior, pretendia melhorar os indicadores das instituições federais de educação superior, projetando alcançar um milhão de matrículas de graduação. O Reuni permitiu uma expansão democrática do acesso ao ensino superior, o que aumentou expressivamente o contingente de estudantes de camadas sociais de menor renda na universidade pública⁵. Sem dúvida, o Reuni foi um impulso decisivo para restabelecer o papel do Estado de indutor da expansão do ensino superior pela rede pública, que contribuiu para reverter a característica do ensino superior brasileiro, de predominância de matrículas no setor privado. A expansão ocorrida com as universidades federais, foi uma das mais importantes políticas públicas do governo federal para o país⁶. O maior crescimento da expansão de vagas nos cursos de graduação presencial nas instituições federais de ensino, ocorreu no período de 2007 a 2011, período de concepção e implementação do Reuni, quando a oferta de vagas passou de 139.875 vagas, para 231.530 vagas em 2011, apresentando um crescimento de 65,5%. De acordo com a MEC, no que diz respeito ao número de matrículas na graduação

³ Reuni: Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Sisu: Sistema de Seleção Unificada.

⁴ Andria Caroline Angelo Santin, *op. cit.*, p. 173.

⁵ Fernando Haddad, *O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas*, 2008, p. 16.

⁶ Maria da Graça Gomes Ramos, Tania Elisa Morales Garcia e Maria da Graça Saraiva Nogueira, *A gestão do Reuni na UFPel: um olhar sobre a qualidade da expansão*, 2013, p. 7.

presencial nas universidades federais, observou-se um aumento de 45,6%, partindo de 578.536 em 2007 para 842.606 em 2011⁷. .

Na UFPel, o número de alunos de graduação em regime presencial, em 2012 era em torno de 15 mil, enquanto que no ano de 2007 abrangia aproximadamente 8 mil alunos (UFPel, 2012)⁸.

Gabriela Machado Ribeiro, em sua tese defendida em 2016, constata, a partir de estudos que tomaram o Reuni como objeto de investigação em diferentes universidades, que a maioria dos pesquisadores referendou que os efeitos do programa repercutiria na qualidade da educação superior nas universidades federais seja como aspecto positivo criando maiores oportunidades às pessoas e promovendo crescimento das instituições, seja como fator negativo ocasionando, principalmente, a intensificação e precarização do trabalho docente e a massificação do ensino⁹.

Na UFPel, ao ser proposto, o Reuni foi saudado pelos docentes como uma possibilidade de avanços tanto no que se refere ao crescimento da Instituição quanto no avanço da UFPel em direção ao cumprimento de sua função social enquanto universidade pública compromissada com a sociedade. Todavia, ao observarem os direcionamentos da adesão e implantação deste Programa, os docentes foram unânimes em sinalizar as controvérsias que caracterizaram o processo na UFPel visto que não garantiu, em âmbito institucional, que houvesse participação efetiva dos diferentes segmentos da comunidade universitária tanto na formulação quanto no acompanhamento operacional do projeto Reuni¹⁰.

⁷ Ibid., p. 6.

⁸ Ibid., p. 10.

⁹ Gabriela Machado Ribeiro, *As repercussões do Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais-Reuni no fazer docente de professores universitários*, 2016, p. 179.

¹⁰Ibid., p. 180.

No que tange as mudanças institucionais mais evidentes na percepção dos docentes, destacaram-se as relacionadas à cultura institucional, à infraestrutura, à composição do corpo docente e do corpo discente¹¹. A cultura institucional, outrora arraigada em áreas tradicionais como Ciências Agrárias e Ciências da Saúde vem sofrendo modificações com a chegada de novos docentes e estudantes.¹² A comunidade interna da UFPel (professores, técnicos administrativos e estudantes) aumentou de 51.570, em 2008, para 88.256, em 2012¹³ – 71,14%. No que se refere aos técnicos administrativos, nota-se o não acompanhamento de todo o crescimento demográfico universitário, enquanto os segmentos docentes e discentes dobraram sua representatividade, o número de servidores técnicos administrativos em educação segue, basicamente, o mesmo (de 1.113 em 2004, a 1.245 em 2012), apresentando um crescimento de 29%, quando comparadas as médias dos períodos antes e depois do Reuni¹⁴. A heterogeneidade em relação a origem da morada ou origem da formação escolar manifesta-se em maior ou menor grau dependendo do curso. Os cursos mais concorridos e com poucas opções pelo país agregam um número maior de estudantes vindos de outras regiões. Aqueles cursos que estão presentes na maioria das IES e não tem a média de corte tão alta, o corpo discente compõe-se, prioritariamente, por estudantes da região sul do Rio Grande do Sul¹⁵.

Outras iniciativas do governo federal visando à expansão do ensino superior – como o Programa Universidade para Todos (Prouni), criado em 2004, o Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), criado em 1999

¹¹ Ibid., p. 180.

¹² Ibid., p. 180.

¹³ Andria Caroline Angelo Santin, *O Desenvolvimento Local e a relação com as Políticas Públicas REUNI e SISU: O Estudo de caso da Universidade Federal de Pelotas*, 2014, p.

155 - quadro elaborado pela autora, a partir da prestação de contas da UFPel e registros de docentes e técnicos da Universidade.

¹⁴ Ibid., p. 156.

¹⁵ Gabriela Machado Ribeiro, op. cit., p. 181.

e ampliado e remodelado em 2010, e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) – também colaboraram para ampliar a diversidade de pessoas que circulam pela UFPel e pela cidade de Pelotas.

[25]

52. Culpa branca

Tatiana Nascimento escreve e diz coisas desconcertantes, especialmente para pessoas brancas. Escreveu, por exemplo, “leve sua culpa branca pra terapia”. Antes mesmo de ler o texto, eu ri. Não exatamente ri, sorri. Sorriso amarelo, porque imaginei que era exatamente isso que alguns amigos e conhecidos devem pensar e querer dizer em algumas situações em que pessoas brancas querem demonstrar o quanto sofrem com a percepção de sua branquitude e dos atos e pensamentos racistas que tiveram e têm ao longo da vida. Eu já fiz isso, lembro bem. Era um sentimento genuíno, assim como a vontade de ser compreendida, de que o meu amigo soubesse do tanto que eu sentia... E ele, sim, passou a mão na minha cabeça, me “deu um biscoito”, como a gente diz. Não sei se naquela época ele tinha essa vontade ou essa percepção de “culpa branca”. Acho que foi mais um gesto, um acolhimento, comum entre amigos. Acho. Essa discussão para mim e para as pessoas próximas a mim é um tanto recente, coisa de alguns anos. Agora, quando presencio essas situações, não há como não perceber o ar de saturação, de cansaço de tanto *me, me, me*¹ – como diz a Tatiana Nascimento.

A culpa, diz ela, parece congelar a pessoa branca em dois frames: primeiro, um daquele expurgo / expiação – como se quem sente culpa por ser branca expressasse com aquela culpa seu desejo por uma liberação, um livramento de seu próprio racismo. “não sou tão racista assim. sei que o racismo é tão cabuloso que me sinto culpada por ser branca. não é como se eu tivesse

¹ Tatiana Nascimento, *leve sua culpa branca pra terapia*, 2020a, s/p.

orgulho, entende? isso deve valer de alguma coisa nesse tabuleiro, não?”. o segundo frame em que culpa branca define paralisação é no lugar de mártir que parece dar à pessoa branca. aí, mesmo que afirme não sentir orgulho por ser branca, há algum brio no sentir dessa específica culpa (“*mea, mea, maxima*”), um certo viço, alguma expectativa de reconhecimento da dor vinda do sentir culpa por ser pessoa branca – eu sei, parece um exagero. mas vi isso muito recorrentemente a ponto de poder esboçar essa reflexão –, levando-a a um tipo de protagonismo, ou desejo de protagonismo, branco, no plano geral de seu empenho antirracista (que também poderia vir entre aspas)².

Audre Lorde também diz que é muito comum que “culpa” seja outro nome para “impotência”, para uma atitude defensiva que destrói a comunicação; ela se torna um instrumento usado para proteger a ignorância e manter as coisas como estão, a proteção mais sofisticada da inércia³.

Gosto de acompanhar as discussões que surgem a partir dos textos da Tatiana Nascimento nas redes sociais, pois além de gostar da sua escrita, ela diz dessas coisas que pessoas negras próximas talvez pensem mas não digam para mim ou para outras pessoas brancas também próximas. Algumas vezes me identifico com as pessoas brancas que se contrapõem aos seus argumentos; em outras, penso “eu não sou assim, não penso assim, não ajo assim – ainda bem”; em outras, demoro a entender o que ela está mostrando e, quando entendo, entendo também que aquela seria uma situação que eu passaria, viveria e não ia perceber o racismo embutido ali.

Tatiana nos lembra que antirracismo é um fazendo, é processual, não é um objetivo, um lugar a que se chega y do qual não se sai mais. não fica pronto em algum momento. não termina, enquanto houver racismo. y enquanto o

² Tatiana Nascimento, *leve sua culpa branca pra terapia*, 2020a, s/p.

³ Audre Lorde, *Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo*, 2019, p. 162.

desejo por fazer ação antirracista seja pronunciado desde a colonialidade, nenhuma libertação é possível⁴.

Muitas vezes me pergunto de onde vem minha pronúncia, até onde consigo descolonizar um modo de pensar tão arraigado na minha/nossa própria formação. Como ela diz, mapear, reconhecer, refletir sobre a própria branquitude não é ser nem estar antirracista. é: refletir sobre, reconhecer, mapear a própria branquitude. um processo, também. um fazendo. que pode ser, talvez, sipá, quiçá, um passo inicial numa caminhada cujos rumos são igualmente incertos. pessoas brancas terão que entender isso por elas mesmas, inclusive avaliando em que medida um alegado desconforto com seus privilégios brancos resulta em desejos coloniais de protagonismo numa utopia que chamam de luta antirracista y em nome da qual mascaram de solidariedade um anseio antigo por dominação⁵. Não acho que esse seja o meu caso, não acho que tenha esse anseio por dominação nem desejo de protagonismo, mas quem, depois de entender um pouco como funciona o racismo estrutural⁶, consegue se isentar de ter esses desejos ao menos inconscientemente?

Embora concorde que pessoas brancas devem buscar entender sua implicação no racismo por elas mesmas, entendo que ainda nos é muito difícil isso – não sei mesmo se é possível. Se não estivermos muito atentos, o pacto narcísico⁷ que tanto nos privilegia sabota nossa compreensão.

Em uma palestra recente, Joyce Lopes alertou que é preciso ter em mente que não existe um passo a passo: trata-se de um processo de olhar para

⁴ Tatiana Nascimento, *a branquitude é um lugar de fala sobre o racismo*, 2019, s/p.

⁵ Ibid., s/p.

⁶ “Para as visões que consideram o racismo como fenômeno institucional e/ou estrutural, mais do que a *consciência*, o racismo como ideologia *molda o inconsciente*. [...] a vida ‘normal’, os afetos e as ‘verdades’ são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir”. Sílvio de Almeida, *O que é racismo estrutural?*, 2018, p. 50.

⁷ Abordado no capítulo *Retrato da branquitude brasileira* (capítulo 72).

si, refletir sobre o mundo e se perceber em uma relação de tentativa e erro, que inclusive pode ser apontada e criticada pelas pessoas negras. É se colocar em um lugar de vulnerabilidade psicológica que as pessoas brancas não querem estar, no sentido de dizer que não sabem para onde ir, de não ter ideia de por onde começar. Mas é urgente que se comece, mesmo com medo, mesmo sabendo que será tolhido ou não por pessoas negras”⁸.

De minha parte, posso dizer que é o que tenho tentado fazer, mas é difícil encontrar interlocução produtiva com pessoas brancas que não pensam sobre essas questões. Ainda são muito poucas as que se empenham em olhar a fundo a branquitude, a sua própria implicação mesmo no racismo cotidiano. Muitas, talvez a maioria das que eu conheço, pensa que é garantia de antirracismo ser pessoa branca envolvida, adepta, praticante de manifestações culturais negras: seja ela candomblecista, umbandista, jongueira, no maracatu, no cavalo marinho, nascida e criada em salvador bahia, casada com ativista negrx, melhor amiga de pessoa negra, pesquisadora desde a graduação até o pós-doc da obra de autorx negrx, tendo morado vinte anos “na áfrica”...⁹ Mas, **isso eu já aprendi**, nada disso redime nenhuma pessoa branca de sua própria branquitude. não a isenta do racismo. não a salvaguarda de parecer branca, viver como branca, ser tratada como branca num país que ainda mata, prende, violenta, desumaniza pessoas por serem negras. muito menos dá salvo-conduto pra pessoa branca alguma dizer – porque é de tal religião ou grupo cultural ou estudou tanto tal obra ou visitou tantos países ou nasceu no samba ou sempre conviveu entre negrxs ou foi a maior testemunha de todo sofrimento racista que sua avó, babá, namorado ou ídola passou ou tem uma filha negra – que “se sente como negra”¹⁰.

⁸ Joyce Lopes, em palestra na Defensoria Pública do Estado da Bahia, 2020.

⁹ Tatiana Nascimento, *não sou sua preta de estimação*, 2020b, s/p.

¹⁰ Tatiana Nascimento, *não sou sua preta de estimação*, 2020b, s/p.

Ainda que eu entenda que algumas pessoas não fazem isso por mal, isso me parece uma certa preguiça de pensar, de querer aprender – mais ainda de querer desaprender o que sempre lhe foi tido como certo. Orgulho, falsa ideia de infalibilidade? A partir da minha experiência de pessoa branca e dos estudos que venho fazendo, entendo que as pessoas que assim agem ou quando assim agem, talvez acreditem que estão a fazer uma espécie de homenagem, de reverência à negritude ou à cultura negra – geralmente relacionada à música, à dança e aos esportes. Não podemos esquecer que fomos/somos formados no mito da democracia racial. Aprendemos, entre outras formas, ouvindo Maria Bethania, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes se pronunciando como se negros fossem. Como disse Abdias Nascimento, muitos brancos íntegros são ofuscados pela maligna fosforescência da "democracia racial" e se comportam diante da população negra da maneira tradicional do racista brasileiro: com postura paternalista¹¹.

Ora, se os “homenageados” vêm, não é de hoje, dizendo que esse dizer-se negro é ofensivo – pois é impossível se afirmar uma pessoa negra quando se desconhece – ou se ignora solenemente – o sentimento de impotência frente a todas as injustiças e barbáries cometidas contra o povo negro¹² – não seria melhor simplesmente ouvi-los? Por que a insistência?

Essa “transracialidade” é conveniente, pois no que a branquitude entende que negros são melhores do que os brancos, o indivíduo branco se considera igual, tão bom quanto. E ele sabe que está protegido por sua branquitude, mesmo quando, orgulhosamente, tenta se colocar como alvo ou como escudo para sofrer e rebater as discriminações das quais seria alvo, caso fosse realmente negro. Em uma analogia classista, talvez fique mais evidente: nessas

¹¹ Abdias Nascimento, *O quilombismo*, 2019, p. 270.

¹² Leopoldo Duarte, *Sobre o termo “raça” e o que aprendi com Dolezal*, 2015, s/p.

situações, o indivíduo branco age como aquele patrão de estância que se mistura à “peonada”. Ele às vezes come a mesma comida, até dorme no galpão – mas sabe que logo ali está a casa grande, que ele pode acessar ou se refugiar quando quiser.

Talvez esse “sentir-se negro” seja uma tentativa de se livrar do peso da branquitude, de se diferenciar de brancos racistas – em uma atitude que mesmo inconscientemente está mais próxima da soberba do que da solidariedade, porque não escuta e não vê o que não lhe convém. Daí que algumas respostas ao racismo vêm cheias de impaciência, de raiva mesmo. A raiva é uma reação apropriada a atitudes racistas, assim como a fúria quando as ações decorrentes dessas atitudes não mudam¹³.

[22]

¹³ Audre Lorde, *op. cit.*, p. 162.

53. Heranças

Os estudos decoloniais pontuam que as universidades ocidentalizadas privilegiam um referencial teórico-metodológico produzido por cinco países europeus (França, Itália, Inglaterra, EUA e Alemanha) como se fossem saberes “uni-versais” e não saberes situados – ou provincianos, diria Grosfoguel¹, pois são saberes produzidos naquelas “províncias” e bastante eloquentes para aquelas realidades, mas nem sempre para as nossas. Colocamos as lentes desses países para olhar os nossos temas de pesquisa, como se quiséssemos traduzir a nossa realidade, as nossas vivências para um leitor europeu ou norteamericano, como *informantes nativos*², na mesma dinâmica colonial de entregar nossa “matéria-prima” e importar produtos acabados, só que, como acadêmicos, entregamos uma matéria-prima já processada de alguma forma, a partir das indicações da metrópole, com o maquinário importado de lá. Eu gostaria muito de romper com essa lógica e produzir um conhecimento todo novo, a partir dos saberes locais, mas – ai, de mim! – para estar aqui, escrevendo uma tese, tive de aprender essa linguagem dos intelectuais aprendida dos intelectuais daqueles cinco países. E tenho que concordar com eles, a linguagem nos forma.

Por mais que eu quisesse descolonizar meu referencial teórico, não pude e não posso *desler* o que já li, o que posso é re-ler, com outras lentes, mas sabendo de antemão que não me é possível perceber tudo o que me ficou

¹ Ramón Grosfoguel, *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*, 2016.

marcado pelas leituras de livros, de vida, de mundo. Aceito provisoriamente essa herança teórica eurocentrada. Acato o conselho de Jacques Derrida: “pensar a vida a partir da herança, e não o contrário [...] partir dessa contradição formal e aparente entre a passividade da recepção e a decisão de dizer ‘sim’, depois selecionar, filtrar, interpretar, portanto transformar, não deixar intacto, incólume, não deixar *salvo* aquilo mesmo que se diz respeitar antes de tudo. E depois de tudo. Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final”². Entendo que algumas ferramentas teóricas eurocentradas funcionam muito bem e/ou são bastante adaptáveis às nossas demandas. Roland Barthes, Jacques Derrida, Nicolas Bourriaud me dão algum suporte para pensar a escrita de pesquisa – como escritura, como prazer do texto, como apropriação –; os estudos pós-coloniais, influenciados pelos pós-estruturalistas e pós-modernistas, me ajudam a questionar as grandes narrativas, a própria ideia de universalidade; mas foram os estudos anti-coloniais – Franz Fanon e Albert Memmi, principalmente – que me ajudaram a situar com palavras meu lugar social nessas grandes e pequenas narrativas consumidas e produzidas. Foram os feminismos – ainda que de maneira bem abrangente e sem contornos definidos – que me ajudaram a compreender desde cedo que algumas interdições não eram “pessoais”, mas faziam parte de um sistema que vai além da condição de classe social e ou de meritocracia. Essas lentes anti-pós-des-decoloniais e feministas me possibilitaram ver de outra forma as tantas histórias oferecidas, a encontrar detalhes que me passavam despercebidos e também a procurar histórias que não me eram oferecidas. Não que antes não percebesse e/ou não fosse crítica a certos textos de literatura, a certas referências culturais e até a certos referenciais teóricos e aos modos de usá-los. Como pontuou o Jacques Derrida: “o que caracteriza a herança é

² Jacques Derrida e Elisabeth Roudinesco, *De que amanhã: diálogo*, 2004, p. 13.

primeiramente que [ela] não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente”³, mas “é preciso saber e saber *reafirmar* o que vem ‘antes de nós’, e que portanto recebemos antes mesmo de escolhê-lo, e nos comportar sob esse aspecto como sujeito livre”⁴. Concordo com a afirmação de que a herança nos elege (violentamente), que é preciso saber o que vem “antes de nós”, mas questiono se é possível para sujeitos subalternizados, imersos na lógica da colonialidade, comportarem-se como sujeitos livres em relação à herança teórica eurocêntrica. Somos herdeiros também do epistemicídio produzido na e pela colonização e pela colonialidade, e faz bem pouco tempo que temos acesso à produção intelectual diferente daquela preconizada pelos cinco países a que Ramón Grosfoguel se refere, sobretudo em universidades periféricas.

Concordo com Suely Aldir Messeder ao dizer que para sairmos da episteme colonizada, possivelmente teremos que investir em nossos olhares epistêmicos eurocêtricos e nos compreendermos como seres no mundo marcados, em nossa pele e sangue, por uma política do conhecimento racializada, classista e heterossexista que nos invade com seus tentáculos tirando-nos a possibilidade de nos situarmos em saberes localizados, também comprometidos com a dignidade humana⁵. Ainda que nos apoiemos em teóricos eurocentrados, os conceitos que utilizamos, as análises que fazemos não podem perder de vista que vivemos em um país marcado pela colonialidade e seus pressupostos, como o sexismo e o racismo.

[61]

³ Jacques Derrida e Elisabeth Roudinesco, op. cit., p. 12.

⁴ Ibid., p. 12.

⁵ Suely Aldir Messeder, *A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico*, 2020, p. 194.

54. Um avesso

A cidade tem um avesso. Toda cidade tem uma parte que ela quer esquecer, que ela quer esconder. Onde vivem as pessoas que são invisíveis.

Maria Valéria Rezende, em entrevista à Revista Malembe, 2017

[6]

55. Os outros: inferno e paraíso

“O inferno são os outros” é a conclusão que chegam os personagens da peça *Entre quatro paredes* (1944), de Jean-Paul Sartre. Um homem e duas mulheres vão para o inferno, que é um quarto com alguns objetos (poltronas, um objeto de bronze, um abridor de cartas) e sem janelas, há somente uma porta só abre e fecha por fora. Não há espelhos, cada um só pode se ver pelos olhos dos outros. A luz fica sempre acesa, eles não conseguem fechar os olhos, estão sempre observando os outros e sendo observados. Todos querem sair dali, mas quando um consegue abrir a porta, todos desistem de sair.

Em *A desumanização* (2013), Valter Hugo Mãe faz uma espécie de inversão da lógica da relação apontada por Sartre: “O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer”¹.

[2]

¹ O ano indicado entre parênteses se refere à primeira publicação das obras. A edições consultadas são respectivamente:

Jean-Paul Sartre, *Entre quatro paredes*, 2001.

Valter Hugo Mãe, *A desumanização*, 2014, p. 15.

56. Encaixe

O encaixe é o procedimento de contar uma história dentro de outra. De acordo com Tzvetan Todorov, a aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama encaixe¹. Um dos exemplos mais conhecidos é *As mil e uma noites*, em que as muitas histórias narradas por Sherazade ao sultão Shahriar tomadas em conjunto contam a própria história que está sendo contada. Jorge Luis Borges, grande admirador dessa obra, teria comentado a respeito: “Nenhuma [interpolação] é mais perturbadora que a da seiscentésima segunda noite, noite mágica entre as noites. Essa noite, o rei ouve da boca da rainha sua própria história. Ouve a história inicial, que abrange todas as outras, que — monstruosamente — abrange a si mesma... Se a rainha continuar, o rei imóvel ouvirá para sempre a história truncada das Mil e Uma Noites, daí por diante infinita e circular...”².

Tzvetan Todorov mostra que a estrutura formal do encaixe coincide com a de uma forma sintática, caso particular da subordinação, à qual a linguística moderna dá precisamente o nome de encaixe (*embedding*)³ e utiliza

¹ Tzvetan Todorov, *As estruturas narrativas*, 2006, p. 123.

² Ibid., p. 126. Nos textos “originais” de Jorge Luis Borges, aos quais tive acesso, a citação não é exatamente assim. Refiro-me a duas edições em português (1999 e 2010) e uma em espanhol (sem data específica de publicação; o texto original é de 1936 e tem como título: *Os tradutores da Mil e Uma Noites*, publicado no livro *História da eternidade*).

³ Tzvetan Todorov, op. cit., p. 124.

como exemplo a sequência: “Aquele que indicar a pessoa que derrubou o poste que se ergue sobre a ponte que se encontra no caminho que leva a Worms receberá uma recompensa⁴. [...] Na frase, a aparição de um nome provoca imediatamente uma oração subordinada que, por assim dizer, conta sua história; mas como essa segunda oração contém também um nome, pede por sua vez uma oração subordinada, e assim por diante, até uma interrupção arbitrária, a partir da qual se retorna, uma por vez, cada uma das orações interrompidas. A narrativa de encaixe tem exatamente a mesma estrutura, sendo o papel do nome representado pela personagem: cada nova personagem ocasiona uma nova história”⁵.

As narrativas contadas aqui seguem essa lógica, com algumas adaptações. A personagem-autora da primeira seção será a narradora da segunda seção, que reúne personagens ficcionais e ficcionalizadas para construir a preparação da escrita das narrativas da terceira seção, as quais tratam de situações vividas pela personagem-autora da primeira, que se confunde com a personagem da segunda seção. Parece que eu estou explicando para confundir⁶, mas não é essa a intenção. Vejamos de uma forma mais esquemática:

Seção 1: apresentação da personagem-autora;

Seção 2: texto escrito pela personagem-autora; personagem principal: Rebeca;

Seção 3: texto escrito por Rebeca;

Seção 4: Rebeca se funde à personagem-autora da primeira seção.

[0]

⁴ Ibid., p. 124.

⁵ Ibid., p. 124.

⁶ Tom Zé, *Tô*, 1976.

57. Ai, palavras... Democracia racial

O processo de miscigenação é muito característico das relações raciais no Brasil¹. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, houve uma mudança importante da significação da *mestiçagem* para intelectuais, artistas e para o próprio Estado. De problema relacionado à degeneração da espécie humana, o *mestiço* passaria a ser a “salvação” para a “evolução” do país e sua inscrição no mundo civilizado ocidental. A solução para parte da elite intelectual e para o governo da época seria o embranquecimento da população através da *mestiçagem* geração após geração. Para tanto, houve forte investimento em políticas de imigração de pessoas brancas. A partir da década de 1930, a miscigenação passará a ser compreendida com uma nova base conceitual, a cultura, e será valorada como um aspecto positivo da formação da sociedade brasileira.

Sueli Carneiro destaca que a miscigenação vem se prestando a diferentes usos políticos e ideológicos. Em primeiro lugar, a miscigenação vem dando suporte ao mito da democracia racial na medida em que o intercuro sexual entre brancos, indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador em mulheres negras e indígenas, cuja extensão está sendo revelada pelas novas pesquisas genéticas.

Em segundo lugar, a miscigenação tem-se constituído num instrumento eficaz de embranquecimento do país, por meio da instituição de uma hierarquia

¹ Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*, 1993.

cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “branco da terra” oferecendo, aos intermediários, o benefício simbólico de estarem mais próximos do ideal humano, o branco².

A partir dessas leituras, penso que seja procedente a ideia de *branconormatividade* que defendi em minha dissertação: um tipo de racionalidade que coloca o “ser branco” e tudo o que isso significa como um ideal – já anunciado por Guerreiro Ramos, em 1957: No plano ideológico, é dominante ainda a brancura como critério de estética social. No plano dos fatos, é dominante na sociedade brasileira uma camada de origem negra, nela distribuída de alto a baixo³. Esse “ideal de brancura” permanece como desejo de “europeização” ou “norte-americanização”⁴ até mesmo para os “brancos da terra” em suas hierarquias internas. Há quem diga, inclusive, que a loirização é a etapa superior do processo de embranquecimento⁵. Ironias à parte, é inegável que a principal referência estética, intelectual e epistemológica no Brasil permanece sendo a branquitude, europeia, norte ou mesmo latino-americana ou brasileira.

Sueli Carneiro comenta que em 1988, data da celebração do Centenário da Abolição da Escravidão, uma comissão de notáveis intelectuais e pesquisadores brasileiros especializados na temática racial foi formada sem a presença de um negro sequer⁶ e que a justificativa do coordenador dessa comissão foi de que não encontraram um único negro que fosse doutor em História, apesar, argumenta Sueli Carneiro, da vasta produção historiográfica

² Aparecida Sueli Carneiro, *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*, 2005, p. 64

³ Guerreiro Ramos, *A patologia social do “branco” brasileiro*, 1995, p. 216.

⁴ Conforme Maria Aparecida Silva Bento, 2014; e Lourenço Cardoso, 2008.

⁵ Otávio Frias Filho, *Sociologia das loiras*, 2018. O artigo foi publicado originalmente na Folha de São Paulo, em dezembro de 1999, e é citado por Sueli Carneiro (2005, p. 65).

⁶ Aparecida Sueli Carneiro, *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*, 2005, p. 60.

de, por exemplo, um Joel Rufino, um Clóvis Moura ou Milton Santos, entre outros, já tinham àquela época⁷.

Em 2020, uma das maiores emissoras de televisão do país repetiu o erro ao propor uma discussão sobre o racismo e não convidar nenhum jornalista negro do seu quadro profissional, apesar de em momento anterior ter se posicionado em defesa de uma de suas jornalistas quando esta sofreu ataques racistas nas redes sociais. Foi preciso que nessas mesmas redes sociais o erro fosse apontado para que a empresa se retratasse e propusesse um debate com jornalistas negros. Cabe ressaltar que o primeiro debate foi motivado pela repercussão de protestos contra o racismo nos Estados Unidos, após o assassinato de um homem negro pela polícia. Não é preciso nem dizer que os numerosos assassinatos do mesmo tipo que acontecem diariamente no Brasil não têm a mesma atenção da mídia nem da sociedade.

Liv Sovik avalia que os brancos, de modo geral, mas, principalmente quanto tratam de relações raciais, resistem a acatar a liderança negra, ficar na sombra, quando participam de um grupo racial misto, e entender que não detêm o principal poder de reflexão e mobilização política nesse tema⁸.

Embora o mito da democracia racial tenha sido desmascarado, ainda na década de 1950, pelas pesquisas realizadas por Florestan Fernandes e Roger Bastide no projeto UNESCO, para alguns autores contemporâneos, de acordo com Lia Schucman – ela cita Peter Fry (2005), Yvonne Maggie (2004), Livio Sansone (2003), Ali Kamel (2006) –, a democracia racial não é um mito, mas uma ideologia que produz uma realidade a-racista e produz de fato, democracias e uma identidade nacional brasileira⁹. A autora destaca que esses

⁷ Ibid., p. 60.

⁸ Liv Sovik, *Por que tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica*, 2005, p. 172.

⁹ Lia Vainer Schucman, *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, 2012, p. 38.

autores não negam o racismo no Brasil e que são engajados há muito tempo na luta antirracista¹⁰.

Essa ideia de democracia racial se atualiza nos discursos da cultura e das relações pessoais como desejo de realização de uma convivência pacífica, porém, a realidade concreta demonstra que, em geral, não há equidade nas relações. Essa convivência “pacífica” até existe, mas a custo de muito silenciamento e conformismo, como ocorre nas relações entre homens e mulheres, em geral, pois só poderia ser verdadeira se não houvesse privilégios para uns em detrimento do direito de outros, direitos que deveriam ser de todos.

[Z]

¹⁰ Ibid., p. 39.

58. Paciência

Supomos então que **a mulher** cuja história que estamos contando escolheu, decidiu a Forma da obra que ela vai construir. Em princípio, agora ela está apta a responder a: “O que a senhora está preparando para nós agora?” Mas ela encontra, então, uma obrigação de clandestinidade → Prova assustadora: ela vai passar da fantasia – em dado momento, é preciso fazê-lo – à sua realização, isto é, a uma *prática (práxis)*; ela terá de lutar, agora, não mais com uma indecisão (posição quase obsessiva), mas com o Tempo, com uma duração: a duração da fabricação da Obra. Essa duração é longa: a) por um lado, ela cola à própria duração existencial, da vida – e a vida, mesmo a um escritor, não é feita apenas de escrita: há um conflito entre a duração existencial e a duração da escrita; b) por outro lado, a própria práxis, mesmo supondo idealmente que se conseguirá purificá-la de qualquer outro tempo, comporta dificuldades internas, obstáculos, contratempos -> a segunda prova é, pois, a da *paciência* (de escrever). Essa paciência comporta dois “campos”: a paciência externa (com relação ao mundo, ao “mundano”) e a paciência interna (com relação à própria tarefa).

Nessa segunda prova, teremos portanto duas partes:

A) A organização material da vida de escrita, o que se poderia chamar de vida metódica. [...].

B) A *práxis* de escrita: seus obstáculos, suas resistências, suas ameaças internas, sua *lentidão* (já que se trata de paciência).

Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 150-151.

[68]

59. Rebeca

Rebeca é personagem do livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Destaco aqui algumas informações retiradas da narrativa original e que são mencionadas nesta. Quando criança, ao ser entregue à família Buendía (os pais biológicos haviam morrido), só comia terra e reboco das paredes. Quando adulta, casou-se com o irmão e foi renegada pela família. Depois que o marido morreu, se fechou em casa. O povo se esqueceu dela¹. Muitos anos depois, um dos filhos de outro irmão teve um rápido contato com ela. Depois disso, ela não aparece na narrativa, a não ser em lembranças da mãe e da irmã ou em uma e outra alusões que marcam a passagem do tempo. Já mais para o final do livro, sabe-se de sua morte: “Rebeca morreu no final desse ano. [...] a encontraram na cama solitária, enroscada como um camarão, com a cabeça pelada pela calvície e o polegar metido na boca”¹.

[4]

¹ Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, [?], p. 327.

60. Releituras

A releitura (no sentido de interpretar de forma diferente) de textos canônicos é característica dos estudos literários pós-coloniais e dos estudos feministas, em suas diversas vertentes. Essa nova leitura, parte de uma perspectiva que questiona as representações hegemônicas e destaca posicionamentos contra-hegemônicos em textos de diversas ordens (literários, filosóficos, científicos, jornalísticos, religiosos, etc.).

Alguns exemplos já clássicos, ajudam a demonstrar os efeitos dessas releituras na compreensão de obras canônicas e geram possibilidade de se pensar a importância do ponto de vista do leitor, ou da leitora. Talvez o exemplo mais conhecido seja o caso de *A Tempestade*, de William Shakespeare (1611). Conforme Thomas Bonicci, até a década de 1960, a peça era considerada como drama romântico, comédia pastoral, alegoria ou drama de reconciliação¹. Foram as releituras pós-coloniais que a desvendaram como paradigma da relação metrópole-colônia e como *locus* de assentamento de argumentos e de preparação na formação ideológica de dominação mundial². Resumidamente, a peça trata da chegada e permanência temporária de um nobre europeu (Próspero) à ilha de Calibã e de sua mãe, Sícórax, aos quais o nobre impõe subalternidade com auxílio de um espírito da ilha (Ariel). Nas releituras pós-coloniais, Calibã figura como principal foco de atenção, a sua revolta contra Próspero passa a ser ícone de rebeldia e resistência contra a invasão colonial;

¹ Thomas Bonicci, *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, 2012, p. 80-81.

² *Ibid.*, p, 81.

Ariel, por sua vez é identificado com os intelectuais latino-americanos que se aliam ao colonizador. Heloísa Toller Gomes lembra que entre o uruguaio José Enrique Rodó (1872-1917), celebrado por seu livro *Ariel*, de 1900, e o cubano Roberto Fernández Retamar (1930-2019), autor de ensaios como *Caliban en esta hora de nuestra América* e *Caliban quinientos años más tarde* (1991 e 1992, respectivamente) processa-se a grande virada da literatura e da crítica latino-americanas, às quais não mais basta o requeentamento sucessivo do banquete cultural eurocêntrico³.

Outro exemplo marcante de releitura é o realizado pela feminista estadunidense Helen Caldwell, aficionada por Machado de Assis. Ao traduzir o romance *Dom Casmurro* (1899) para o inglês (1950-1960) ela destaca que Bentinho induz o leitor a acreditar na traição de Capitu, mas não a comprova. Até então, os críticos brasileiros não tinham sequer aventado essa possibilidade, pois se dedicavam a aspectos formais da obra. A crítica apontada pela estadunidense, publicada em 1960, com o título *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, foi rechaçada pelos críticos brasileiros, porém, é interessante verificar – como fez Hélio de Seixas Guimarães (2019) – que os principais críticos literários brasileiros se dedicaram a refutar a análise de Helen Caldwell, apesar de não a citarem diretamente: Em 1999, ao recompor a polêmica recepção de *Dom Casmurro*, no que diz respeito especificamente à consumação ou não do adultério, a Folha de S. Paulo reuniu trechos de José Veríssimo, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Antonio Candido, Silviano Santiago, Antonio Callado, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, John Gledson e Roberto Schwarz.

³ Heloísa Toller Gomes, *Quando os outros somos nós: o lugar da crítica Pós-Colonial na universidade brasileira*, 2007, p. 100.

Sintomaticamente, o nome de Helen Caldwell não aparecia em parte alguma, ainda que ela fosse a grande referência implícita⁴.

Somente a partir da década de 1990, mais de trinta anos depois da crítica de Helen Caldwell e de sessenta anos de publicação da obra de Machado de Assis, começaria a se estabelecer uma linhagem crítica brasileira que se baseia na não confiabilidade do narrador. Outro dado interessante é que o livro de Helen Caldwell só foi traduzido para o português em 2002 – quando os críticos brasileiros já haviam se apropriado e ampliado a sua tese original.

[92]

⁴ Hélio de Seixas Guimarães, *Helen Caldwell, Cecil Hemley e os julgamentos de Dom Casmurro*, 2019, p. 126-127.

61. Ai, palavras... Feminismo

A noção de feminismo foi inventada em 1871 pelo jovem médico francês Ferdinand-Valerè Fanneau de La Cour em sua tese de doutorado “Do feminismo e do infantilismo nos tuberculosos”. Segundo a hipótese científica de Ferdinand-Valerè Fanneau de La Cour, o ‘feminismo’ era uma patologia que afetava aos homens tuberculosos, produzindo, como sintoma secundário, uma ‘feminização’ do corpo masculino. [...] Feminizado, sem ‘potência de geração e faculdade de concepção’, o homem tuberculoso perde sua condição de cidadão viril e torna-se um agente comunicador que deve ser colocado sob a tutela da medicina pública.

Um ano depois da publicação da tese de Ferdinand-Valerè Fanneau de La Cour, Alexandre Dumas Filho retoma, em um dos seus panfletos, a noção médica de feminismo para qualificar aos homens solidários da causa das “sufragistas”, movimento de mulheres que lutavam pelo direito ao voto e à igualdade política. Assim, pois, os primeiros feministas foram homens: homens que o discurso médico considerou anormais por haver perdido seus ‘atributos viris’: mas, também, homens acusados de feminizar-se em razão de sua proximidade com o movimento político das sufragistas. Haverá que esperar alguns anos para que as sufragistas se reapropriem desta denominação patológica e a transformem num lugar de identificação e ação política.

Beatriz Preciado, *Liberar o feminismo das políticas identitárias*, 2014, s/p.

[48]

62. A branquitude e a terreira

Estou trabalhando com uma perspectiva de releitura de lembranças de uma criança que viveu há mais de quarenta anos, querendo encontrar vestígios de algo que não era percebido pela maioria das pessoas com quem convivia, mas que, agora, creio ser importante pontuar. Havia uma divisão do trabalho na terreira baseado em gênero e raça? Atualmente não sou frequentadora de casa de religião, acredito que algumas coisas tenham mudado, e também sei que cada casa funciona a seu modo. O que busco nessas lembranças – falhas, certamente – é como funcionavam as relações de gênero e as relações raciais, como as pessoas brancas se comportavam e como funcionava a branquitude em um espaço de religiosidade de matriz afro-ameríndia. Como sugere Jonas França, a presença de pessoas brancas nos terreiros não significa necessariamente a intromissão da branquitude, muito embora os corpos brancos estejam sujeitos a constantes incentivos e pressões para perpetuar relações viciadas do contexto histórico e racial brasileiro, a branquitude é um fenômeno que transcende a cor da pele de quem a instrumentaliza e opera com mecanismos variados de comportamento, discurso, filosofia e prática¹.

Certamente o convívio e as relações de afeto possibilitam que se estabeleçam relações mais igualitárias entre pessoas brancas e pessoas não brancas, mas a sofisticação com que às vezes o racismo opera não permite sua percepção pontual – menos ainda de pessoas brancas. Por isso, faço esse exercício de lembrar como se davam essas relações nos ambientes em que o

¹ Jonas França, *Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no Candomblé: espaços e responsabilidades*, 2018, p. 64.

convívio e as relações de afeto estavam presentes. Ainda com Jonas França, acredito que seja importante observar, no cotidiano dos trabalhos de um terreiro, *onde* se encontram os corpos negros e *onde* se encontram os corpos brancos, estabelecendo uma metodologia básica. Torna-se imprescindível analisar estas questões a partir da divisão hierárquica dos terreiros, ou seja, dividir sua comunidade nos graus de hierarquia – não iniciados (*abian/ndumbi*), filhos de santo (*iaôs, azenza, vodunsi*), *ogans/kambonos, ekedjis/makotas, egbomis/kotas*, etc – e observar, dentro de cada categoria, como se divide o trabalho entre negros e brancos. Assim, poder-se-ia indagar se os filhos de santo de pele negra desempenham funções braçais enquanto os de pele branca assumem tarefas mais brandas; ou se, entre os cargos, são as negras que permanecem na cozinha e servem a comunidade e as brancas se resguardam de funções que, na sociedade externa ao terreiro, correspondem a status sociais marginalizados².

Não tenho condições de fazer uma análise mais aprofundada sobre essa hierarquia, mas naquela casa de religião, a cacique era uma mulher branca, assim como as cambonas – ambas funções de prestígio. E pelas minhas lembranças, a maioria das atividades ligadas a tarefas domésticas nos preparativos de rituais e festas eram realizadas por mulheres, a função de cuidar de crianças era delegada a uma mulher negra. Não posso afirmar que só a ela, mas se a recordação mais marcada em relação a isso é esta, isso pode ser um indício de que esta divisão estava, sim, delimitada. Ainda que saiba que a tradição religiosa afro-ameríndia não imputa diferentes status para as funções de manutenção dos terreiros. No pensamento candomblecista, por excelência, não existe desonra alguma em lavar os banheiros ou limpar galinhas. A valoração destas funções como indesejáveis ou evitáveis vem do pensamento

² Ibid., p. 72.

externo à tradição afro-ameríndia brasileira; vem, indubitavelmente, de uma sociedade capitalista e racista que definiu estes trabalhos como inferiores na dinâmica social. Esta prática advém de uma tradição escravagista que, mesmo após a abolição, instituiu os trabalhadores do setor de serviços como os que possuem menor remuneração e menor prestígio social – dos quais a maioria é, até os dias atuais, negra e periférica. O encargo negativo dado a funções de manutenção de um terreiro pode ser, neste sentido, um indicativo importante da colonização das casas de axé pelas lógicas e estruturas discriminatórias, segregacionistas e racistas da branquitude. Ele significa uma forma regenerada do pensamento fundante da divisão racial do trabalho e suas vertentes no Brasil contemporâneo³.

Ari Pedro Oro chega a conclusões semelhantes ao observar a preparação e realização de “um complexo ritualístico” em 1995, em uma casa de religião de Porto Alegre, situada entre um bairro de classe média-baixa e uma vila popular, e tendo como líder um homem branco:

“[...] as mulheres negras cumpriram papel semelhante ao de empregadas domésticas, embora somente duas delas o fossem na vida real. Foi, assim, trazido para dentro do terreiro uma certa experiência de classe no desempenho daquelas tarefas. E este fato foi considerado ‘normal’ por alguns dos presentes e passou ‘desapercebido’ por outros. Ninguém esboçou algum estranhamento. [...] nas duas noites de rituais foi trazido para dentro do terreiro o mesmo modelo de relações sociais e raciais que ocorre no cotidiano da sociedade. Ou seja, de um lado, foram reproduzidas as relações parentais e de amizade, associadas à raça e à situação social, mesmo na relação com as

³ Ibid., p. 72.

entidades espirituais e, de outro lado, a situação de raça se conjugou à de classe, ou seja, ao preconceito de cor uniu-se o preconceito de classe”⁴.

O pesquisador faz considerações a respeito das diferenças entre casas coordenadas por pessoas brancas e por pessoas não brancas. Diz ele que, apesar de não haver consenso nas informações disponíveis à época, cerca de 70% dos terreiros gaúchos seriam multirraciais, independentemente da sua linha religiosa [Umbanda, Nação/Batuque, Linha Cruzada] e de que nos terreiros liderados por brancos, independentemente da sua situação social e orientação religiosa, também seriam majoritariamente brancos os filhos e os frequentadores, o contrário ocorrendo nos terreiros liderados por não-brancos, isto é, sendo negro o pai-de-santo também o são majoritariamente os filhos e frequentadores, menos nos poucos terreiros chefiados por pais-de-santo negros de classe média, de qualquer orientação religiosa, cujos filhos e frequentadores tendem a ser majoritariamente não-negros⁵.

De qualquer forma e apesar dessas possíveis discriminações – digo possíveis, porque não posso afirmar peremptoriamente que aconteciam e só agora, adulta, depois de me debruçar sobre a perspectiva dos estudos críticos sobre a branquitude, posso pensar sobre elas – creio que o convívio na terreira, com a pessoas que frequentavam a terreira, possibilitou que tivéssemos relações próximas com pessoas negras sem que a diferença racial fosse evidentemente marcada. Se não fizesse essa tentativa de releitura crítica, acho que diria que não havia racismo lá, que compartilhávamos o espaço, as brincadeiras, as dificuldades comuns a pessoas de classe média-baixa ou classe baixa, em interações livres de discriminação racial. Porém, sei, se sabe, a não

⁴ Ari Pedro Oro, *As relações raciais nos terreiros do Rio Grande do Sul*, 1996, p. 12.

⁵ *Ibid.*, p. 7-8.

percepção do racismo em sociedades hierarquicamente racializadas é também uma característica das pessoas brancas que vivem nessas sociedades.

[15]

63. Porta de vidro 2

Maria Valéria Rezende é uma autora importante na minha história recente de leitora de literatura. Foi a partir dela – da pessoa, ou melhor, da persona dela como escritora, em reportagens e entrevistas – que conheci um grupo de mulheres escritoras de literatura contemporânea e percebi o quanto ignorava as histórias contadas por outras perspectivas que não as que se oferecem no mercado editorial mais conhecido. Além disso, é excelente escritora e constrói narrativas que dialogam com temas contemporâneos por uma perspectiva feminista.

Conto tudo isso para registrar as várias portas de vidro com que tenho me deparado nos últimos anos e que, penso, não é algo que aconteça só comigo. Em 2017, um grupo de mulheres ligadas à literatura criou um grupo no *Facebook* e depois um evento presencial em João Pessoa, o Mulherio das Letras. A motivação da iniciativa foi criar um espaço de visibilidade para as produções literárias produzidas por mulheres, com protagonismo de mulheres. Uma das organizadoras do grupo do *Facebook* e do evento era justamente Maria Valéria Rezende, que dizia, em um tom entre divertido e categórico: “Nas mesas do evento, os rapazes podem assistir as falas; bem quietinhos”. Naquele mesmo período, tive contato com alguns clubes de leitura virtuais, também clamando pelo protagonismo de mulheres. As primeiras chamadas eram em torno de “Quantas autoras vivas você leu no último ano?”, “Quantos livros escritos por mulheres há na sua estante?”. Eu só tinha lido uma autora viva no último ano, a Fernanda Torres, que nem tem a profissão de escritora como primeira! E, é claro, contava com uma estrutura de divulgação do seu trabalho muito poderosa, uma das maiores redes de comunicação do país. Talvez nem dez por cento dos livros da minha estante fossem escritos por mulheres... Nem tentei

me justificar a mim mesma. Mentira, tentei. Talvez tenha menos produção [Mulheres escrevendo menos do que homens? Onde? Quando?]. Talvez não haja tantas publicações [tem menos mesmo, mas tem, e eu não as conheço]. Talvez os livros escritos por mulheres não sejam tão divulgados [não são tanto quanto os livros escritos por homens, é certo, mas nem os muito divulgados eu conheço]... Diante das evidências, tentei recuperar a dignidade com as sugestões dos clubes de leitura: Elvira Vigna, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, a própria Maria Valéria Rezende, que, por essas conexões do *Facebook*, me levou ao Mulherio das Letras, onde conheci também Jarid Arraes, Rosângela Vieira, Cidinha da Silva, entre tantas outras.

Neste mesmo grupo, o Mulherio das Letras, em determinado momento houve uma intensa discussão sobre preconceito racial. Não sei quem nem como começou a discussão, mas, o embate foi violento, resultando na saída de algumas participantes e a criação de um novo grupo, chamado Mulherio das Letras Pretas. Muitas mulheres brancas, em grande parte autodeclaradas feministas, expressavam muita ignorância a respeito das discussões sobre raça e privilégios, não conseguiam, muitas vezes, nem perceber o quanto estavam sendo racistas em suas colocações. Foi a partir dessas discussões, pela fala das mulheres negras, que conheci o trabalho de Djamila Ribeiro a respeito de lugar de fala¹ – um livro bem pequeno em número de páginas, mas muito importante pelo conteúdo em si e pela generosidade da autora em explicar, traduzir e indicar muitas referências que até então eu não conhecia. Um livro de divulgação científica que, acredito, corresponde ao que Magda Soares sugeria ao questionar *para quem pesquisamos e para quem escrevemos?*¹. Foi com a Djamila Ribeiro que compreendi que tenho um lugar de fala marcado, o de uma mulher branca, para começar.

[34]

¹ Magda Soares, *Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos?*, 2001, p. 65-90.

64. Sapiens homo

O que me inquieta é comprovar cotidianamente os efeitos desse desequilíbrio resultante de um “humanismo” de raiz grega, que definitivamente põe em relevo o *sapiens* mais que o *homo*.

Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2019, p. 673.

[37]

65. Racializar o branco

Em pesquisa sobre as memórias de mulheres brancas a respeito de mulheres negras, em uma cidade no interior de São Paulo, entre 1960 e 1970 – período que, segundo a pesquisadora, abalou as relações sociais e geracionais de modo muito profundo – Edith Piza destaca que um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo. Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que é ele o modelo paradigmático de aparência e de condição humana¹.

Porém, nos últimos dez anos, os estudos sobre a branquitude no Brasil têm se ampliado e produzido alguns efeitos sobre a visibilidade da cor de pessoas brancas. Recentemente, foi destaque nas mídias digitais a crítica de uma reconhecidíssima pesquisadora branca das relações raciais no Brasil sobre uma obra de uma reconhecidíssima artista negra internacional. Não vou entrar no mérito da crítica da pesquisadora, o que me chamou a atenção foi o destaque que as respostas à crítica deram à racialidade branca da pesquisadora, e como a crítica a essas respostas se posicionou em relação à branquitude. Sobre isso, a Prof.^a Lia Schucman fez uma ponderação que mostra as transformações em curso a partir da marcação da racialidade branca:

¹ Edith Piza, *Porta de vidro: entrada para a branquitude*, 2012, p. 72.

“Pude observar reações e sentimentos opostos (que também me acometem) por parte dos brancos com quem eu converso. A primeira e mais comum é um sentimento de solidariedade com [a pesquisadora branca], medo de ser o próximo a ser questionado. A outra reação é uma tentativa de se distanciar para afirmar uma branquitude mais crítica, ou seja: o medo de ser ‘igual’.

As duas reações fazem parte de um sentimento novo para nós brancos brasileiros. Significa que nossa racialidade está sendo marcada, algo que acontece há alguns séculos com negros e indígenas no Brasil, ou seja: é quando o grupo antecede o indivíduo (o que nomeamos de processo de racialização)”².

[66]

² Lia Vainer Schucman, *O que o 'medo branco' tem a dizer sobre lugar de fala, raça, Beyoncé e cancelamento*, 2018, s/p.

66. A dignidade humana das personagens

Talvez eu não consiga me distanciar o bastante das personagens, ser crítica o suficiente, porque gosto muito delas. Uma escritora profissional conseguiria. Ter um distanciamento maior, não se ver na personagem, não ser parte dela, ter o cinismo que os escritores têm. Mover-se em relação à personagem com raiva, com desprezo pelo que ela é e representa, pela sua atitude, como quando se está muito puta com uma pessoa e qualquer suspiro que ela dê gera uma revolta gigante, como se cada movimento ou expressão ou palavra sua fosse para nos irritar. A pessoa nem está pensando na gente, nem lembra da nossa existência, mas a gente se sente afetada pelo que ela diz ou faz ou parece dizer ou fazer. Quem nunca?

Mas não é essa a relação que tenho com as personagens que estou inventando, deslocando. Tenho tanto carinho por elas, talvez esteja sendo muito permissiva. Uma escritora de verdade não é tão condescendente. Acho que estou pensando isso porque estou lendo o Julio Cortázar (*O jogo da amarelinha*, de novo). A Clarice Lispector faz esse distanciamento ao apresentar a Macabea, em *A hora da estrela*. É, ela criou um narrador para falar daquele jeito sobre a guria, para dizer como um escritor (homem) escreveria sobre uma nordestina (sim, mas não esqueço que as outras personagens dela – mulheres brancas de classe média – são tratadas de outra forma¹). A Patrícia Melo também debocha das personagens e de sua *persona* escritora mesmo. No conto *Cecília*, por exemplo, a narradora começa debochando dos escritores que dizem

¹ Sobre isso, há um artigo da Prof.^a Regina Dalcastagné: *Contas a prestar: O intelectual e a massa em "A hora da estrela," de Clarice Lispector*, 2015.

que os personagens têm vida própria; ela não: “sou o vórtice que leva os personagens ao seu destino. Sou responsável por cada gesto e cada fala. Quando minha tropa de fodidos abre a boca, o grito é meu. Eu decido. Eu digo ataquem. Destruam, e eles destroem”², para em seguida se debater com uma personagem sua que não aceita o suicídio. E não se mata (pelo menos não naquele momento), apesar da revolta da narradora.

A Maria Valéria e a Conceição Evaristo, me parece, são amorosas com suas personagens. Mesmo a faxineira racista que aparece em *Quarenta Dias* é apresentada com certa delicadeza. É de uma sutileza a forma como a Maria Valéria mostra a situação que teve professor de literatura que parece que não entendeu o que acontecia ali³. A diarista era uma “alemoa”. É claro que a autora não a descreveu assim, como “alemoa”, a gente reconhece o tipo físico, o jeito, porque vive aqui no sul do Rio Grande do Sul (inclusive porque tem umas parentes assim): “uma mulher alourada, bem mais nova, mais corpulenta e mais alta do que eu, que respondeu ao meu Boa-tarde com um resmungo, enquanto me olhava de cima a baixo. Então, tudo bem?, eu sou Alice, e você, como é seu nome?, entre, por favor. Ela disse É Sabina, mas não se moveu do lugar. Insisti, Entre. O olhar azul-acizentado percorrendo-me de novo. Não precisa, não, senhora. Fiquei ali, meio sem jeito, à porta, ela parada do lado de fora, eu sem querer insistir mais, deve ser o costume daqui ou está apressada, pensei.[...]”⁴.

² Patrícia Melo, *Escrevendo no escuro*, 2011, p. 18.

³ Em 2015, o romance ganhou o 1º lugar do Prêmio Jabuti e foi indicado como leitura obrigatória para os concursos vestibulares de algumas universidades (UFSC, UFRGS, etc.). Por isso, surgiram muitas “aulas” sobre o livro, com o intuito de preparar os estudantes para as provas. Algumas leituras são bastante interessantes, pelo que chama a atenção ou não do leitor. “[...] Aí é uma coisa meio curiosa, como vai ali, pra uma proposta e no meio do caminho diz que não tem tempo . Ela sai sem explicação a mais, enfim, aí não dá certo essa Sabina [...]” (22’00”- 22’11” <https://www.youtube.com/watch?v=qM2LppjFnqw&t=2224s>).

⁴ Maria Valéria Rezende, *Quarenta Dias*, 2014, p. 61-62.

No decorrer da narrativa, fica mais explícito o que se passou, principalmente quando chega a personagem Milena, que trabalhará na casa de Alice, e o porteiro que indicou tanto Sabina quanto Milena comenta: “Dona Alice, estou mandando aí pra senhora uma diarista, essa sim, a senhora vai gostar demais e tenho certeza de que ela vai ter tempo e querer lhe servir, vão se dar bem, ela é brasileira, assim como a senhora”⁵.

(Quantas vezes não ouvi lá fora as tias comentando que Fulana se casou com um brasileiro para se referir a alguém que não era descendente de alemães ou de italianos...)

Em *Ponciá Vicêncio*, a Conceição Evaristo derrama aquele olhar amoroso em todas as personagens. Como comenta Maria José Somerlate Barbosa no prefácio, “ao descrever o relacionamento de Ponciá com seu marido, jamais a descreve como uma heroína trágica ou o marido como um vilão. Ainda que Evaristo retrate com pinceladas bem reais o comportamento violento do marido, também busca explicar as razões que o levam a proceder assim”⁶. Como não se identificar com o alheamento de Ponciá, como não sentir tão próximo aquele ir se afastando, ir se prostrando, ir entrando num mundo próprio que exteriormente se diz loucura. A própria Conceição diz em entrevistas que não pode, em nome da liberdade do processo de criação, ferir a dignidade humana da personagem.

No *O jogo da amarelinha*, o escritor Morelli (que é como um *alter ego* do Julio Cortázar) faz uma anotação: “Negar-se a fazer psicologias e ousar ao mesmo tempo pôr um leitor – um certo leitor, é verdade – em contato com um mundo pessoal, como uma vivência e uma reflexão pessoais... [...] No que me diz respeito, eu me pergunto se algum dia conseguirei dar a saber que o verdadeiro e único personagem que me interessa é o leitor, na medida em que algo do que

⁵ Ibid., p. 66.

⁶ Maria José Somerlate Barbosa, *Prefácio de Ponciá Vicêncio*, p. 7.

escrevo deveria contribuir para mudá-lo, deslocá-lo, causar-lhe estranhamento, alheá-lo”⁷. Não posso negar que esse é também o meu desejo quando penso nas histórias que quero contar, quero que o leitor ou a leitora se identifique com as personagens, que se veja nelas, que as tenha próximas de si para pensar sobre as formas como lemos o mundo. Talvez a estratégia que estou usando não seja a melhor. Que digo? Estratégia... nem estratégia é. É só o meu possível, o que consigo.

Em outra passagem, outra anotação de Morelli: “Como *contar* sem cozinha, sem maquiagem, sem piscadelas para o leitor? Talvez renunciando à suposição de que uma narração é uma obra de arte. Senti-la como sentiríamos o gesso que derramamos sobre um rosto para fazer uma máscara. Mas o rosto deveria ser o nosso”⁸. Sim, não. Não penso que as narrativas que estou construindo, contando são “obras de arte”, longe disso, nem como literatura as classificaria. Mas a discussão aqui não é sobre o que é e o que não é literatura. Sim, as narrativas que conto mostram a máscara do meu rosto, o meu ponto de vista situado, como consigo. Com o afeto que tenho pelas personagens, com tudo. Sim, não afetaré da mesma forma os possíveis leitores. Talvez alguns não se afetem de forma alguma (serão condescendentes com uma aprendiz de escritora-autora ou pularão as páginas ou fecharão a tese-livro e...?). Talvez alguns não gostem da condescendência, mas é o meu possível no momento. É que o relato de minha própria experiência pode ser útil a outros, para que eles fixem a sua atenção nessas desatenções. Para que, paradoxalmente, concentrem a sua capacidade de distração; para despertar uma permeabilidade que a inteligência racional, a vida diária e suas rotinas bloqueiam, implacavelmente⁹.

[45]

⁷ Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2019, p. 510.

⁸ *Ibid.*, p. 563.

⁹ Julio Cortázar, em entrevista a Ernesto Gonzáles Bermejo, 2002, p. 75.

67. Conversa entre amigas

Conto as nossas histórias, as minhas que também são tuas. Te peço permissão e me dás autorização para falar sobre essas coisas que vivemos juntas e ou paralelamente porque é preciso não esquecer. Porque a gente não deve esquecer, mas esquece. Quantas vezes me respondes com respostas que te dei e quantas vezes te respondo com respostas que me deste em outros momentos? A gente esquece mesmo. Ou tenta esquecer. Porque a vida é corrida e sempre tem alguma coisa para fazer e resolver e atender e a gente não consegue pensar em tudo o tempo todo. E se pensar muito, paralisa. Então a gente esquece, deslembra. E que bom que tem uma amiga, um amigo, que faz lembrar. Às vezes de um jeito meio torto, sem paciência para falar o que parece óbvio. Às vezes, só com um olhar e um abraço (no tempo em que podíamos nos abraçar, parece que faz um século). Tem coisas que me ensinaste e que eu não entendi muito bem na hora, talvez nem tu, mas que passei anos contando e tiveram proveito para outros amigos que chegaram depois e não sabiam dessas coisas, porque chegaram novos em um mundo novo, mas ao mesmo tempo tão velho, tão igual nas suas pequenezas. Eu contei, uma, duas, dez, cinquenta vezes a mesma história, porque queria que soubessem que o problema não era eles, era o mundo, eram as pessoas que não paravam para pensar no que estavam fazendo. Conte também para reafirmar um compromisso comigo mesma de não perpetuar esse tipo de coisa. Falhei, obviamente, falhei muitas vezes; em outras muitas vezes foi a tua voz de menina, a tua raiva diante da minha falta de noção que me salvaram de não ser uma idiota.

[70]

68. O livro de Rebeca

Na terceira seção começa o livro de Rebeca, o livro escrito por Rebeca, em que mescla suas memórias às memórias de muitas moças que só sabem chover. O formato dessas pequenas histórias se modifica. Nas seções anteriores, havia uma certa propensão ao romance. Nesta seção, as histórias ficam mais próximas do conto, mais fechadas em si mesmas.

Julio Cortázar diz que o romance se desenvolve no papel, e, portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romaneada; por sua vez, o conto parte da noção de limite. O romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma "ordem aberta", romanesca, enquanto que uma fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. O fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura¹. Não posso afirmar que eu esteja escrevendo um romance ou mesmo contos – penso nessas histórias como pequenas narrativas que se unem e formam uma história maior. É como uma montagem de fotografias, um álbum dividido em seções. Em algumas, o período e a passagem do tempo é menor, é possível identificar a pessoa retratada mais facilmente; em outras, o tempo se alarga e não se pode

¹ Julio Cortázar, *Alguns aspectos do conto*, p. 2006, 151-152.

ter certeza de que a pessoa que estava na primeira ou segunda fotografia seja a mesma que está nas últimas, embora elas tenham muitas semelhanças.

A proposta desta seção é fazer uma releitura de narrativas guardadas *de e na* memória, re-ler momentos fundamentais da infância, da adolescência, da mocidade² e também da maturidade.

Ao ir escrevendo este texto, fui “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que se movem essas mulheres; depois, a leitura da palavra que nem sempre foi a leitura da “palavramundo”³. É como caminhar ao passado para ver as coisas outra vez⁴. Tenho à mão livros que dizem da experiência, das vivências de mulheres brancas, mas bem poucos marcam a racialidade dessas mulheres. Tampouco a palavramundo marcava a racialidade de pessoas brancas até pouco tempo. Ao reler alguns momentos dessas vidas, o livro de Rebeca conta uma trajetória possível da personagem-autora da primeira seção, aquela mulher que se viu *querendo escrever*, que se viu *em condições de escrever*, aquela mulher que se viu branca.

Gloria Anzaldúa diz que o perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. *Nenhum assunto é muito trivial*.

² Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, p. 16.

³ *Ibid.*, p. 12.

⁴ Julio Cortázar, em entrevista a Ernesto Gonzáles Bermejo, 2002, p. 103.

O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico⁵.

Nenhum assunto é muito trivial, mas quero oferecer o íntimo e não o privado⁶. O que deixo de contar será mais pelo prazer da provocação. Às vezes, a palavra subentende-se nas entrelinhas. Basta um olho mais profundo na superficialidade e a compreensão mostra-se íntegra, completa⁷. Assim espero.

[terceira seção]

⁵ Gloria Anzaldúa, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, 2000, p. 233.

⁶ Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 67.

⁷ Maria Helena Vargas da Silveira, *O sol de fevereiro*, 1991, p. 7-8.

69. Alteridade ou outremização?

O encontro de Rebeca com a catadora de lixo é um encontro que temos cotidianamente com esses outros que não correspondem a nossas expectativas. É o encontro que tive com uma catadora a quem entreguei alguns objetos e ela me respondeu: “deixa aí”, e eu saí pensando “poxa, nem agradeceu”.

A descrição desse encontro foi escrita sobre (por cima) de uma narrativa em que Toni Morrison relata um encontro seu com uma senhora pescadora, para discutir sobre a produção do Outro, do estrangeiro, o que deve ser apartado para que se construa o si mesmo. No episódio – um tanto já descrito no encontro de Rebeca com a catadora – Toni Morrison considera:

“Foi preciso algum tempo para que eu entendesse minha apropriação irracional daquela pescadora. Para entender que eu estava desejando e sentindo falta de algum aspecto de mim mesma, e que não existem estrangeiros. Existem apenas versões de nós mesmos; muitas delas nós não abraçamos, e da maioria desejamos nos proteger. Pois o estrangeiro não é desconhecido, e sim aleatório; não é alienígena, e sim lembrado; e é o caráter aleatório do encontro com nossos eus já conhecidos, ainda que não admitidos, que causa um sinal de alarme. Que nos faz rejeitar a figura e a emoção que ela provoca, principalmente quando essas emoções são profundas. É também o que nos faz querer possuir, governar e administrar o Outro. Romantizá-lo, se pudermos, e assim trazê-lo de volta para dentro de nossos próprios espelhos. Em qualquer dos casos (seja no

alarme, seja na falsa reverência], nós lhe negamos a realidade como pessoa, a individualidade específica que insistimos manter para nós mesmos”¹.

Ao iniciar a história, Toni Morrison afirma querer mostrar como estamos suscetíveis a nos distanciarmos e impormos nossa própria imagem aos outros, bem como a nos tornarmos os estrangeiros que talvez abominemos². Seu relato é um exemplo de que admitir nossa condição privilegiada de posição social é um princípio para reflexão.

Maria Aparecida Silva Bento destaca que na psicologia, esses dois processos, ter a si próprio como modelo universal e projetar sobre o outro dimensões humanas tidas como negativas, são processos que sob certos aspectos podem ser tidos como absolutamente normais no desenvolvimento dos indivíduos até certa idade. O primeiro está associado ao narcisismo, e o segundo, à projeção. No entanto, no contexto das relações raciais, eles revelam uma faceta mais complexa porque visam justificar, legitimar a ideia de superioridade de um grupo sobre o outro e, conseqüentemente, as desigualdades, a apropriação indébita de bens concretos e simbólicos e a manutenção de privilégios³.

No Brasil, o mito da democracia racial, que nos ensinou a pensar “somos todos iguais independente da raça” mascara o processo de outremização que desenvolvemos ao nos relacionarmos com pessoas não brancas. Há, inconscientemente, uma hierarquia que se traduz muitas vezes em atitudes paternalistas, como relata Lia Vainer Schucman:

“Criada nessa condição [descendente de judeus] e em uma família de tradição de democracia de esquerda, obviamente minha constituição como

¹ Toni Morrison, *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*, 2017, s/p.

² Ibid.

³ Maria Aparecida Silva Bento, *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, 2002, p. 34-35.

branca não foi daquela que se opunha aos negros como os ‘outros’ de que se tem ódio, ou então ‘outros’ de que se tem medo. Entretanto, o racismo em que fui criada não se dava pelo ódio aos negros, mas também racista, foi a forma como os brancos de minhas relações sociais e eu representávamos os ‘outros’ negros: com pena, com dó, com ausência. Quer dizer: nosso racismo nunca impediu que convivêssemos com os negros ou que tivéssemos relações de amizade e/ou amorosas com eles. No entanto, muitas vezes essas eram relações em que os brancos se sentiam quase como fazendo ‘caridade’ ou ‘favor’ de relacionar-se com os negros, como se com nossa branquitude fizéssemos um favor de agregar valor a eles, porque, afinal, estávamos permitindo aos negros compartilhar o mundo de ‘superioridade’ branca. Ou seja, mesmo tendo crescido em um ambiente onde a luta contra opressão, discriminação e desigualdade era a pauta de discussões na família, na escola e nas relações de amizade, fui socializada e constituída como branca com um sentimento de ‘superioridade’ racial tão maléfico quanto o racismo daqueles que acham que os negros são inferiores biológica e moralmente”⁴.

A ideia de “outremização”, em relação com a de alteridade, foi proposta por Gayatri Spivak⁵ para definir a forma como o discurso colonial produz os seus outros. De acordo com Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin⁶: “Na explicação de Spivak, a outremização é um processo dialético porque o Outro colonizador é estabelecido ao mesmo tempo em que os outros colonizados são produzidos como sujeitos. É importante notar que, enquanto Spivak adere

⁴ Lia Vainer Schucman, *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, 2012, p. 12-13.

⁵ Gayatri Chakravorty Spivak. *The Rani of Sirmur: na essay in Reading the archives*. Apresentado em 1984 na Conferência de Essex, *Europe and Its Others*, e publicado pela Universidade de Essex, em outubro de 1985.

⁶ Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, *Post colonial studies : the key concepts*, 2007, p. 156.

fielmente à distinção lacaniana entre 'Outro' e 'outro', muitos críticos usam as grafias de forma intercambiável, de modo que a construção do Império de seus 'outros' é frequentemente referida como a construção de 'o Outro' (talvez para conotar uma representação abstrata e generalizada, mas mais simbólica, dos "outros" do império). Mas, em ambos os casos, a construção do O/outro é fundamental para a construção do Eu”⁷.

A questão que se coloca é o quanto há de outremização quando julgamos estar tratando de alteridade. Na universidade, me parece, admitimos, de certa forma, que esses outros não brancos sejam assimilados a uma cultura intelectual branca – repetindo a lógica colonial e de branqueamento – mas não nos permitimos reconhecer uma intelectualidade não branca. Talvez por isso, nossa dificuldade de utilizar um referencial teórico não eurocentrado.

[9]

⁷ In Spivak's explanation, othering is a dialectical process because the colonizing Other is established at the same time as its colonized others are produced as subjects. It is important to note that, while Spivak adheres faithfully to the Lacanian distinction between 'Other' and 'other', many critics use the spellings interchangeably, so that the Empire's construction of its 'others' is often referred to as the construction of 'the Other' (perhaps to connote an abstract and generalized but more symbolic representation of empire's 'others'). But in either case, the construction of the O/other is fundamental to the construction of the Self. [tradução minha].

70. Alguém consegue se acostumar com isso?

“Alguém consegue se acostumar com isso/ Aprender a viver com isso assim como as pessoas que vivem na cidade de Oświęcim (que abrigou Auschwitz) ou Hiroshima sem pensar jamais no que aconteceu lá no passado. Elas simplesmente vivem suas vidas”¹.

Li isso horas depois da nossa conversa, quando perguntei se podia utilizar aquelas histórias da infância para compor uma fabulação para a tese. Mesmo que sejam histórias inventadas a partir de um fato que aconteceu, nem tudo é tal e qual, e a pessoa se identificar e se desidentificar em uma história contada por outrem pode ser bastante desagradável. Tinha/tenho também a preocupação com os gatilhos que essas histórias poderiam disparar. De novo, novamente pessoas negras sofrendo preconceito. Mas como falar de uma coisa sem falar em outra? Como falar da responsabilidade das pessoas brancas se não falar, flagrar a situação? O Deivison Faustino² diz que a história humana enquanto processo de desenvolvimento do ser humano em seu fazer-se no tempo é um processo dialético, contraditório e articulado de fazeres individuais envolvidos no tempo... este processo é tão intenso e objetivo que se torna impossível a existência de “histórias” individualmente isoladas... cada pessoa tem a sua história individual mas o seu desenvolvimento está profundamente marcado pelos limites e possibilidades de seu tempo, bem como a sua relação com os outros indivíduos... o nosso eu se faz na relação com o outro de tal forma que não pode haver “eu” sem os “outros”. Falar em histórias portanto é sempre

¹ Olga Tokarczuk, *Sobre os ossos dos mortos*, 2009, p. 58-59.

² Ele também se assina como Deivison Nkosi.

delicado, porque exige pensarmos nas influências recíprocas de uma “história” com outra, da história do meu grupo com a minha história “individual”, da história do meu grupo com outros grupos.³ Não, não há – pelo menos eu ainda não sei – como falar em uma coisa sem falar em outra. Mas quando esse *outro*, mais do que a possibilidade de representar tantos *outros*, é uma pessoa real, próxima, não há como não se preocupar com o que ela pensa sobre isso. Porque o que ela pensa não é sobre *eu* como possibilidade de representação de um grupo, o que ela pensa é sobre *eu* pessoa real, indivíduo. Que ela pense que pessoas brancas, genericamente, se apropriam de histórias de pessoas negras e façam suas versões é uma coisa; ela pensar que eu me apropriei de uma história que a envolve e fiz a minha versão sem pensar seus efeitos é outra coisa. Eu preciso da sua aprovação, eu preciso da sua interlocução.

A resposta ao meu questionamento foi que essas histórias não a machucavam mais, depois de tantas outras, aquelas eram “café pequeno”, disse ela. Me lembrou de detalhes que eu não lembrava, contou outros que eu não sabia.

– É vida que segue, Kris, a gente não tem a opção de ficar lambendo as feridas a vida toda, embora elas nunca sejam curadas de todo. Acho bom que tu contes, pode ser que uma branca falando as outras escutem e deixem de ser ridículas. Quando eu conto essas histórias aqui no Norte, as pessoas ficam me olhando como se eu fosse de outro mundo, até porque aqui eu não sou neguinha.

[79]

³ Deivison Nkosi, *Reflexões sobre o Perigo de uma única história*, 2018, s/p.

71. Quem tem um teto todo seu

Em *Um teto todo seu*, Virgínia Woolf tratou de algumas condições básicas para que as mulheres pudessem escrever com autonomia: uma renda própria, um espaço onde não fossem interrompidas a todo momento e acesso a bibliotecas – requisitos historicamente negados às mulheres. A autora faz uma analogia com a fala de um professor de literatura sobre “o que contribui para a feitura de um poeta”:

“Ninguém teria dito melhor. ‘O poeta pobre não tem hoje em dia, nem teve durante duzentos anos, a mais remota chance [...] uma criança pobre na Inglaterra tem tanta esperança quanto o filho de um escravo ateniense de ser emancipado na liberdade intelectual da qual os grandes escritos se originam.’ É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio”¹.

Virgínia Woolf escreveu isso em 1928 (publicou em 1929), no Reino Unido. Em 2017, no Brasil, a situação não é muito diferente, mesmo para uma escritora premiada:

“[...]como eu não tenho as condições que eu ouço, ou que eu vejo e leio nas entrevistas dos “escritores” [ênfase]... Então, aquele caso típico do sujeito

¹ Virgínia Woolf, *Um teto todo seu*, 2017, p. 151.

que diz: ‘não, como é a sua rotina de escritor?’. Todo jornalista me pergunta isso. ‘Mas que rotina?’. Eu acredito que mulher nenhuma tenha rotina de escritora. Não existe rotina de escritora pra gente. A gente tem muito mais tarefas. Quando alguém tá doente, não vai telefonar prum rapaz pra dizer: ‘olha, o que que eu faço?’. Telefona pra gente, não é? As mulheres é que têm que resolver essas coisas. Vamos ser verdadeiros. Não é uma questão de vitimismo, de mimimi, como muitos têm nos acusado. Não, é fato, meu filho! Use instrumentos científicos pra medir isso, que você vai ver. Então, veja, eu levo muitos anos pensando num romance. Enquanto isso, eu tô fazendo tradução. Porque a tradução é serviço prestado, me pagam na hora. Quando eu recebo uma coisa extra, dá pra eu me dedicar a terminar o meu romance. Então, é por momentos assim. O último romance que eu tinha publicado foi *O voo da guará vermelha*, que eu publiquei em 2005. E eu só fui publicar outro romance em 2014. Isso porque eu já tinha ganho uma bolsa da Petrobrás. E aí, vai, eu ganho o Jabuti [...]”².

Pelo mesmo motivo, o número de artigos submetidos e publicados por mulheres durante a pandemia de Covid-19, em 2020, diminuiu drasticamente, de acordo com estudo do *Parent in Science*, grupo que estuda a maternidade e a paternidade no universo da ciência no Brasil³.

[30]

² Entrevista de Maria Valéria Rezende à Revista Malembe, 2017.

³ Parent in Science, *Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade*, 2020, s/p.

72. Retrato da branquitude brasileira

Albert Memmi e Frantz Fanon, nos anos 50-60, abordam aspectos psicossociais do colonizador e do colonizado, em um contexto específico de colonização francesa na África do Norte e na América Central. Como Paulo Freire, no Brasil dos anos 70-80, eles fazem alusões à *consciência senhoril* e à *consciência servil* de Hegel, para tratar de relações entre metrópole-colônia, opressores-oprimidos, entre os complexos e/ou sentimentos de superioridade e inferioridade de grupos e sujeitos. Em sociedades hierarquicamente racializadas como o Brasil, a branquitude – entendida como posição social de privilégios materiais e simbólicos – tem lado nessa relação, e é o do opressor. Ainda que involuntariamente, somos privilegiados e, mais ou menos conscientemente, reproduzimos – individualmente ou como grupo social – o que esses autores destacam como processos de desumanização do outro, o não branco.

O exercício a que me proponho neste capítulo é o de traçar, seguindo o texto de Albert Memmi, o retrato do brasileiro autodefinido como branco – essa autodefinição é importante, visto que, no Brasil, a pertença a uma determinada raça é variável, sendo, muitas vezes a autoclassificação e a heteroclassificação divergentes. Os dados para esse retrato foram colhidos em pesquisas que tratam do tema branquitude no Brasil nos últimos anos.

Vejamos algumas semelhanças entre o retrato do colonizador e o retrato do branco brasileiro, a partir de três aspectos pinçados do texto de Albert Memmi e que são frequentes nos trabalhos selecionados: 1) Pseudo-

cegueira quanto a privilégios; 2) Relações entre classe social e raça; 3) Posicionamento político em relação ao racismo e suas decorrências.

1) Pseudo-cegueira quanto a privilégios

No retrato do colonizador, Albert Memmi observa que:

“[...] ainda que se quisesse cego e surdo ao funcionamento de toda a máquina, bastaria que reconhecesse os resultados: ora, é ele [o colonizador] o beneficiário de toda empreitada.

[...]

Sabe também que os colonizados mais favorecidos jamais deixarão de ser colonizados, isto é, que alguns diretos lhes serão eternamente recusados, que algumas vantagens lhes serão estritamente reservadas”¹.

Essa pseudo-cegueira está relacionada tanto à autorracialização de pessoas brancas quanto a não percepção de seus privilégios. Há uma ambiguidade em relação a isso. Ao mesmo tempo que grande parte das pessoas brancas entrevistadas nas pesquisas relata “nunca ter pensado” em ser racializada – quem tem raça é o outro, o não branco – e não entende como privilégios certas “vantagens”, percebe que negros têm mais dificuldades de acesso a bens materiais e simbólicos. Vejamos alguns exemplos retirados de trabalhos realizados em programas de pós-graduação²:

“Hoje tem a questão de emprego, se prioriza o branco. O empregador ainda tem muito receio de contratar o negro, porque ele ainda está muito

¹ Albert Memmi, *Retrato do colonizador precedido de Retrato do colonizado*, 2007, p. 42 e p. 43.

² Optei por transcrever diretamente a fala de pessoas entrevistadas e não as análises dos pesquisadores.

associado com aquele que assalta, rouba. O privilégio do ser branco ainda está muito forte, muito enraizado” [professor]³.

“Mais o pessoal negro, tem muito vitimismo aí. A oportunidade está aí, daí vem um que consegue e dizem que é exceção, pô, mas se é exceção, é porque ele quis ser uma exceção, ele correu atrás da oportunidade, ele se fez [...]” [o mesmo professor]⁴.

“Tinha poucos colegas negros, tanto na escola particular como na USP. Pude estudar sem precisar trabalhar, realmente nunca parei para analisar o porquê” [executiva de uma empresa]⁵.

“Nessa nova sede eu me sinto muito bem, lidero 7 pessoas, uma delas é negra, acredito que fica no emprego quem é proativo, portanto a cor não decide. [...] A empresa trabalha com diversidade e plano de carreira, porém eu não conheço nenhuma diretora ou gerente preta ou parda, na verdade existem poucas mulheres negras na empresa, poucas se candidatam, acho que elas acham que não são capazes. Nunca senti preconceito por ser mulher, sinto por ser jovem” [a mesma executiva]⁶.

“Antes massacravam as pessoas da pele escura de forma abertamente, nos dias de hoje houve algumas mudanças, mas não o suficiente para deixar as pessoas negras totalmente livres do preconceito e das nuances de preferirem mais a cor branca como padrão. Não passei por nenhuma experiência de

³ Joice Mari Ferreira da Cruz, *“Limpeza, poder e privilégios”: marcas da branquitude entre docentes da educação básica*, 2018, p. 66.

⁴ Ibid., p. 74.

⁵ Edilene Machado Pereira. *A vivência de mulheres em cargos em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça*, 2015, p. 192.

⁶ Ibid., p. 198.

privilégios, tudo que alcancei e que almejo são através de esforços de ter foco e dedicação” [rapper]⁷.

“[...] sempre concorri, em concursos que eu prestei, eu concorri com negros, pardos, brancos. Eu acho que a questão da inclusão que se tem, principalmente, dos afrodescendentes... concordo que a educação pública tem que ser de qualidade pra todos, indiferente de raça, de cor. Eu nunca tive privilégios por ser branca” [professora]⁸.

Há um aspecto importante que me foi questionado por uma colega e que aparece também na fala de uma entrevistada:

“Eu não diria ‘privilégio’ ou vantagem, mas de fato já vivenciei situações onde eu não fui constrangida ou maltratada por ser branca. Não acho que a ausência do constrangimento ou de maltrato seja um privilégio, entende? Não podemos achar que ser mal-tratado é normal e ser tratado com respeito é um privilégio”⁹.

Afinal, o que é privilégio? Ser tratada com respeito é privilégio ou é direito? Acho que aqui está o cerne da discussão. Quando se fala em privilégio, está se falando que algumas restrições são normalizadas, tomadas como padrão e, portanto, poder exercer um direito ou ter algumas oportunidades acabam sendo privilégios de grupos específicos. Por exemplo, o medo do abuso sexual impede as mulheres do direito de ir e vir, de simplesmente andarem sozinhas na rua sem medo. Então, o privilégio dos homens em relação a isso é não sentirem esse medo, principalmente os que aparentam ser cis e heterossexuais. Eles podem ter outros medos, mas dificilmente terão medo de serem assediados

⁷ Jorge Hilton de Assis Miranda. *Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude*, 2015, p. 137.

⁸ Eliana Sambo Machado, *Branquitude, gênero e performatividade no discurso de mulheres brancas acadêmicas*, 2016, p. 119.

⁹ Jorge Hilton de Assis Miranda. *Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude*, 2015, p. 138.

sexualmente – e isso não os impedirá de transitarem nas ruas sozinhos. Quando se chama a atenção dos homens dizendo que isso é um privilégio, estamos dizendo que é um privilégio poder exercer seu direito. Quando dizemos que as pessoas brancas têm o privilégio de não serem racializadas, de não precisarem pensar em si e em seus atos, oportunidades e restrições a partir da sua raça¹⁰, estamos dizendo que pessoas negras não têm podido exercer esse direito, pois, mesmo que não queiram, sempre são racializadas, e isso tem efeitos.

2 Relações entre classe social e raça

2.1 O pequeno colonizador – ou *o branco pobre*

O branco pobre teria condições de vida que não seriam superiores às do negro de categoria econômica e social equivalente. Mas, novamente, é preciso dizer: os brancos sempre são privilegiados, em condições objetivas iguais, classe econômica e mérito iguais, eles estão sempre em vantagem¹¹. Exemplos: segurança (polícia), emprego, atendimento no comércio. Eles possuem de

¹⁰ Creio que não disse ainda, mas, por óbvio, quando utilizo “raça”, estou falando de “raça social”. De acordo com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, “Raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que se denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de ‘raça’ permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos –, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite”. *Racismo e antirracismo no Brasil*, 2005, p. 11.

¹¹ Albert Memmi, op. cit., p. 45.

nascença uma qualidade independente de seus méritos pessoais, de sua classe objetiva: participam como membros do grupo cujos valores reinam¹².

“Eu já consegui serviço porque eu era clara e a outra pessoa era negra. E depois descobri que a patroa era racista, que ela não gostava de negro (Lilian)”.

“Ser branco? Ah, ser branco é poder entrar no shopping para cagar (Fernando, pergunta feita para um rapaz loiro de olhos azuis morador de rua em uma conversa informal)”¹³.

Como comenta Maria Aparecida Silva Bento, mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social, que observamos tão frequentemente é uma saída permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos explicitem que, entre os explorados – os pobres – os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida: na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor: qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la¹⁴.

2.2 Outros mistificados da colonização – ou o branco classe média ou que assimilou valores de uma cultura elitista, acadêmica, eurocentrada

Sobre estes, diz Albert Memmi:

“É verdade que nem todos os europeus da colônia são potentados, desfrutam de milhares de hectares ou dirigem administrações. Muitos são eles próprios vítimas dos senhores da colonização. São economicamente explorados

¹² Ibid., p. 46.

¹³ Lia Vainer Schucman, *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, 2012, p. 76.

¹⁴ Maria Aparecida Silva Bento, *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, 2002, p. 28

por eles, politicamente utilizados, com vistas à defesa de interesses que frequentemente não coincidem com os seus¹⁵. Eles se esforçam para se assemelhar ao colonizador, na esperança declarada de que este pare de reconhecê-los como diferentes. Daí os esforços no sentido de esquecer o passado, de mudar de hábitos coletivos, sua adoção entusiasmada da língua, da cultura e dos costumes ocidentais. Mas se o colonizador nem sempre desestimula abertamente esses candidatos à sua semelhança, também jamais permitiu que a alcançassem”¹⁶.

Se na linha mais baixa da pobreza, o branco tem privilégios em relação ao não branco, conforme ascende social e economicamente, a diferença se torna cada vez mais marcada. Em geral, de acordo com as pesquisas consultadas para este trabalho, há uma tendência das pessoas entrevistadas de subestimar a influência da raça em sua ascensão social, colocando o foco em méritos pessoais. No trabalho de Eliana Sambo Machado, que tinha como sujeitos de pesquisa mulheres brancas acadêmicas, esse aspecto fica bastante evidente:

“[...] não, eu acho assim, seja o branco, o pardo, o negro afrodescendente que está no meio acadêmico, ele teve as mesmas oportunidades. Eu não cheguei aqui fácil, eu tive que ‘estudar muito’, eu te digo isso. Eu acho assim, eu estudei em escola pública, tive uma família que por mais que não tiveram a condição de estudar/ meu pai tem até a segunda série do primário, sabe mal ler e escrever o nome dele e minha mãe tem até a quinta série, mas sempre foi muito de ler. Então, eles ‘sempre’ nos incentivaram a estudar. É a maior recompensa e herança que eles podem nos dar, o estudo. [Miriam]”¹⁷.

“Agora o fato de eu ser branca ou se eu fosse amarela, ou se eu fosse negra, se eu teria dificuldade de ter acesso às coisas... não sei te dizer, porque,

¹⁵ Albert Memmi, *op. cit.*, p. 44.

¹⁶ *Ibid.*, p. 48.

¹⁷ Eliana Sambo Machado, *op. cit.*, p. 122.

como te disse, no início, eu sempre estudei em escola pública, e em escola pública ‘ruim’, ‘ruim mesmo’. Tanto que eu tinha para mim que eu não conseguia entrar pra UFMG, porque eu achava que eu não dava conta. Eu entrava no ônibus da UFMG que ia para faculdade particular que eu estudava, eu ficava olhando, o que esse povo tem que eu não tenho? [Sabrina]”¹⁸.

E até nessas situações há privilégios mais ou menos sutis. Por exemplo, uma pessoa branca pobre, que através de muito sacrifício e passando por muitas dificuldades, consegue estudar, se formar, ter, enfim, uma carreira acadêmica de sucesso; ela adquiriu, assimilou todos os códigos dessa cultura acadêmica. Ela pode, atingidos os seus objetivos, se quiser, esquecer todo o seu “passado de misérias”, ela será reconhecida por seus pares e sua presença nos espaços acadêmicos mais prestigiados não será questionada. Uma pessoa negra sempre será questionada, sendo, às vezes, mais relevante o fato de ela estar ali naquela posição de destaque do que a sua produção intelectual – como se tivesse que justificar como chegou ali.

3 Posicionamento político em relação ao racismo e suas decorrências.

Albert Memmi, considerando que, em algum momento, o colonizador questiona sua posição, pergunta: “uma vez que descobriu o sentido da colonização e tomou consciência de sua própria situação, da situação do colonizado, e de suas necessárias relações, como reagirá?”¹⁹.

Seguindo sua linha de raciocínio e de exposição, pode se pensar em duas alternativas: a) o colonizador que recusa a si mesmo ou o colonizador de boa vontade – *ou o branco que quer recusar a sua branquitude, o branco com boas*

¹⁸ Ibid., p. 125.

¹⁹ Albert Memmi, op. cit., p. 51.

intenções; b) o colonizador que aceita a si mesmo – *ou o branco que não pensa em nada disso e, se pensa, acha que as coisas são como são e como devem ser*. Obviamente, nos interessam neste trabalho os da primeira opção. Porém, como alertava Albert Memmi, ainda que o colonizador de boa vontade queira recusar sua posição, existem dificuldades para isso, pois o fato colonial não é uma pura ideia: é um conjunto de situações vividas, e recusá-lo significa ou subtrair-se fisicamente a tais situações ou permanecer ali e lutar para transformá-las²⁰.

Não sendo possível, no Brasil, subtrair-se fisicamente a tais situações (a menos que se queira – e se possa – sair do país e se tornar o colonizado, o racializado, o latino), a alternativa é lutar para transformá-las. Entretanto...

“Para dizer a verdade, o estilo de uma colonização não depende de uma ou outra pessoa generosa ou lúcida. As relações coloniais não são da ordem da boa vontade ou do gesto de um indivíduo; elas existem antes de sua chegada ou de seu nascimento; o fato de ele as aceitar ou recusar não as mudará profundamente; são elas, ao contrário, que, como toda instituição, determinam *a priori* seu lugar e o do colonizado e, definitivamente, as verdadeiras relações entre eles. Por mais que se reconforte: ‘Sempre fui assim ou assado com os colonizados’, ele desconfia, ainda que não seja culpado como indivíduo, de que participa de uma responsabilidade coletiva, enquanto membro de um grupo nacional opressor”²¹.

Não sendo possível abrir mão de seus privilégios, o que se pode fazer a não ser usar da posição que se ocupa para denunciar as desigualdades e tentar promover mudanças? Penso que esta seja a principal motivação de muitos trabalhos de pesquisa que envolvem questões raciais. Em sua tese, *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*, Lourenço

²⁰ Ibid., p. 55.

²¹ Ibid., p. 74.

Cardoso questiona a razão de o pesquisador branco pensar o outro e não pensar a si”²². As respostas de alguns entrevistados sobre os motivos que os levaram a pesquisar *o negro* corroboram essa ideia.

“No meu caso a busca de justiça social, a busca de dignidade da pessoa humana. [Nathália – estudante de Mestrado]”²³.

“Não apenas estudo o negro, vivo isso, faz parte de minha atuação intelectual e política. [Janaína – diretora pesquisadora pós-doutorada]”²⁴.

“Porque o tempo inteiro o que nós fazemos é uma questão racial voltada para o branco, ou você vai falar para mim que não? É o tempo inteiro, é a mesma coisa que você perguntar para mim, por que o dia do homem e não o da mulher? Aliás, ao contrário, por que o dia da mulher e não o do homem? Porque todo dia é dia do homem. É a mesma coisa, todo dia é dia do branco. A gente discute discriminação com relação ao branco? Você não vê isso, vai ver isso? Não vai. [Sílvia – professora pesquisadora mestre]”²⁵.

Mas, quando se põe o foco na branquitude para discutir o racismo, algumas pessoas brancas se sentem desconfortáveis, especialmente se o pesquisador for negro. Questionar a branquitude é como se fosse uma crítica pessoal, personalizada, tão pouco acostumados estamos a nos identificarmos como um grupo racializado, menos ainda a sermos objeto de estudo com foco em nossa racialidade.

“Nós ficamos ‘inquietos’ quando somos questionados, quando passamos por uma entrevista. Se o pesquisador for negro, podemos ficar até irritados com

²² Lourenço da Conceição Cardoso, *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*, 2014, p. 127

²³ *Ibid.*, p. 200.

²⁴ *Ibid.*, p. 202.

²⁵ *Ibid.*, p. 157.

os questionamentos que nos levem a pensar a respeito do nosso papel na sociedade” [Elis – professora mestre]²⁶.

“[...] ninguém gosta de ser ‘objeto’ de pesquisa. De acordo com o tipo de branco é possível que considere ‘absurdo’ ser estudado por um negro. Se ele ‘não é o problema’ como pode ser analisado pelo ‘problema’ o negro?” [Mara – professora doutora]²⁷.

“Porque, nesta entrevista, nos encontramos na ‘posição de objeto’, além disso, na minha condição de especialista fico preocupado com a maneira que vou responder às perguntas” [Clayton – professor doutorando]²⁸.

Maria Aparecida Silva Bento destaca que há uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil²⁹ e que o silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil tem um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana³⁰.

Mesmo o branco de boa vontade, o branco crítico, o branco de esquerda tem dificuldades para romper com o pacto narcísico que Maria Aparecida Bento fala, pois, em geral, as relações raciais são tratadas no nível da tolerância. Admitimos e até defendemos as cotas raciais para estudantes e trabalhadores não brancos em nossas universidades, promovemos programas que garantam a permanência desses estudantes, mas onde estão os referenciais teóricos de intelectuais negros além de nos grupos de pesquisa específicos sobre questões raciais?

²⁶ Ibid., p. 227.

²⁷ Ibid., p. 228.

²⁸ Ibid., p. 244.

²⁹ Maria Aparecida Silva Bento, *Branqueamento e branquitude no Brasil*, 2014, p. 26.

³⁰ Ibid., p. 30.

Ainda que o branco de que estamos tratando seja o branco de boa vontade, não é tão fácil romper com esse pacto. Albert Memmi já alertava, o colonizador que denuncia a colonização é considerado um traidor.

“Muitos se surpreendem com a violência dos colonizadores contra o compatriota que põe em perigo a colonização. É claro que só podem considerá-lo um traidor. Ele questiona os seus em sua própria existência, ameaça toda a pátria metropolitana. Qual seria, rigorosamente, o resultado lógico da atitude do colonizador que recusa a colonização, se não o desejo de seu próprio desaparecimento, ou seja, do desaparecimento dos colonizadores como tais?”³¹

Em um contexto em que se prega, consciente ou inconscientemente, uma ideologia de democracia racial, em que o branqueamento e o desejo de brancura são omitidos e/ou mascarados, ao se chamar a atenção para essas questões, as brancas boas intenções são postas em dúvida quanto a sua efetividade na transformação social que todos desejam. Penso que somente com o rompimento desse pacto narcísico em vários aspectos é que seja possível avançar para além das boas intenções; e os estudos sobre a branquitude me parecem uma boa contribuição para o debate, ainda que se deva ter o cuidado para não centralizar o protagonismo da luta antirracista na branquitude, retroalimentando a situação, como alerta Laura Rose Brylowski, em pesquisa junto a proeminentes pesquisadoras brasileiras dos estudos críticos da branquitude:

“A história dominante ocidental foi escrita por brancos sobre brancos—sobre sua inteligência, sua beleza, seu humor e afins. Apesar de o campo de estudo [estudos críticos da branquitude] tentar ser crítico em relação a essa

³¹ Albert Memmi, *op. cit.*, p. 57.

narrativa, e racializá-la, vale a reflexão do quanto arriscamos perpetuar o protagonismo branco nesse esforço”³².

Para tanto, é importante a interlocução com os trabalhos de pesquisadores negros a respeito da branquitude e das relações raciais, como destacou Ana Amélia Laborne, em pesquisa sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil, na qual verificou que em alguma medida, todos os entrevistados citaram momentos de desconforto provocados pelo questionamento de alguns colegas negros pelo fato de serem brancos e ocuparem lugar de destaque na produção sobre relações raciais no Brasil. Mencionam situações em que se sentiram hostilizados, ou até mesmo foram agredidos verbalmente, em debates acadêmicos sobre a questão racial³³.

Em sua avaliação, Ana Laborne considera que o questionamento (e muitas vezes o confronto) é algo com que os pesquisadores brancos que estudam as relações raciais se preocupando com a interlocução com pesquisadores negros e com o próprio Movimento Negro precisam aprender a conviver. Na verdade, evitar o encontro nos espaços acadêmicos onde a grande parte dos pesquisadores é negra pode evitar o embate direto, difícil, mas importante e necessário, dos diferentes grupos raciais na busca pela discussão da superação das desigualdades raciais³⁴.

De acordo com vários estudos que venho lendo nos últimos anos, me parece que intelectuais negros têm dado as chaves para compreender o papel do branco na luta antirracista. Não é uma resposta pronta, mas indicações de quem já trata do tema há mais tempo, pelo viés da pesquisa aliada à experiência. Acho que ainda não temos autonomia suficiente para conversarmos em termos

³² Laura Rose Brylowski, *Como a teoria da branquitude influenciou pesquisadoras brancas entre 2012 e 2016*, 2018, p. 85.

³³ Ana Amélia Laborne, *Branquitude em foco: análises sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil*, 2014, p. 135.

³⁴ *Ibid.*, p. 135.

de equidade de conhecimento, ainda precisamos muito da orientação das e dos intelectuais negras e negros, e compete a nós mais humildade e menos pretensão e prepotência. Isso não quer dizer acatar indiscriminadamente ou não questionar as proposições, mas reconhecer a autoridade intelectual dessas pesquisadoras e pesquisadores. A participação de pessoas brancas nas lutas antirracistas precisa estar atrelada à noção de lugar de fala e ao questionamento dos privilégios advindos de um racismo estrutural. Embora o conceito de branquitude – a própria expressão/palavra tem nuances discutíveis – pareça ser ofensiva e, às vezes, pareça ser utilizada nesse sentido – é preciso atentar para a complexidade de um campo de debate e investigação ainda incipiente para pessoas brancas, que há pouco tempo (menos de duas décadas no Brasil) começaram a perceber – e nem sempre e nem todas – o quão agressivas e desrespeitosas são suas intervenções e reflexões a respeito do tema, reproduzindo uma perspectiva colonizadora e hierarquizante.

[segunda seção]

73. Invisibilidades

Carolina Maria de Jesus participou da 1ª Feira do Livro de Pelotas, em 1960. No livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, ela conta um pouco de sua permanência na cidade.

“... Eu fui autografar livros na praça onde estava a Feira do Livro. Várias pessoas aguardava-me. Ouvi um jovem dizer:

- Que negra feia! Eu sorri e disse-lhe:
- Eu acho feio os indolentes e os ébrios.

Eu ia autografando os livros com todo o carinho. Eu queria olhar a praça para descrevê-la, mas não era possível devido a quantidade de livros para autografar. Vi apenas uns arvoredos verde-garrafa e algumas barraquinhas de livros espalhadas. Para mim a praça estava adornada. Tinha livros. Um pretinho circulava e dizia em voz alta:

– Sabe, Carolina, peço-te para incluir no teu diário que há preconceito aqui no Sul.

Os brancos que estavam presentes entreolharam-se, achando incômodas as queixas do pretinho. Parei para ouvi-lo. Creio que devo considerar os meus irmãos na cor.

– Está bem. Incluirei tua queixa no meu diário.

Quer dizer que há preconceito no Sul do Brasil? Será que os sulistas brasileiros estão imitando os norte-americanos? O pretinho despediu-se e saiu

contente como se tivesse realizado uma proeza. Pensei: ele confia em mim e sabe que vou inclui-lo no meu diário. Vou registrar a sua queixa.¹

Em 2013, o jornal Diário Popular publicou a crônica de uma escritora pelotense que fazia uma crítica a mudança do espaço da Feira da Praça Cel. Pedro Osório para o Mercado Público. A crônica *Saudade dos Jacarandás* confirma a persistência de vários tipos de discriminação negativa, de preconceito social, mas, especificamente, o trecho que transcrevo a seguir parece um eco da conversa de Carolina Maria de Jesus com o rapaz naquela primeira Feira do Livro de Pelotas, em 1960:

“Por favor, donos das resoluções: façam voltar a Feira do Livro para a praça! É o seu lugar específico. Lugar do povo/gente. Daquele negrinho que vai passando curioso. Pega um para olhar e recebe de presente da senhora a seu lado”².

Na perspectiva das narrativas hegemônicas, assim como sujeitos históricos são invisibilizados também o são os preconceitos, por um processo de naturalização e ambiguidade. Quando o discurso preconceituoso é flagrado, o enunciador muitas vezes tem dificuldade de compreender a crítica. Na melhor das hipóteses, a escritora que descreve a bondosa senhora presenteando um menino negro com um livro não percebe que está reafirmando o lugar de subordinação do menino e de superioridade da bondosa senhora. Isso não chega a ser uma questão para ela, em pleno ano de 2013.

[54]

¹ Carolina Maria de Jesus. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, 2020, s/p.

² Zênia de León, *Saudades dos jacarandás*, 2013.

74. Muitos não saberão

Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão.

Gloria Anzaldúa, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, Estudos feministas, 2000, p. 235.

[16]

75. Sempre se é o nortista de alguém

No prefácio do seu *Retrato do colonizador precedido de Retrato do colonizado*, Albert Memmi conta que, em parte, a emergência desses retratos foi uma forma de compreender a si mesmo e identificar seu lugar entre os outros homens¹. Ele fala de sua busca, através da escrita literária, primeiro através do romance *A estátua de sal* e depois de *Agar*, em que percebe que para compreender o fracasso da relação dos personagens seria preciso compreender o contexto em que viviam. Em *Agar*, ele tenta uma saída pelo casamento misto entre um judeu tunisiano e uma francesa católica, mas o casal não é uma célula isolada, um oásis de frescor e de esquecimento no meio do mundo, o mundo inteiro, ao contrário, estava no casal². E o mundo era o da colonização.

Albert Memmi parte de uma *inquietação* particular, da ordem das relações pessoais, afetivas, para tratar de uma situação que se mostrou não só particular, não só local, mas uma experiência comum a uma multidão de homens através do mundo³. E de mulheres, Memmi, e de mulheres. Parto também eu de inquietações particulares, da ordem das relações pessoais e afetivas, para tratar de uma situação que se mostra não só particular, não só local, mas comum a muitas pessoas em um contexto de colonialidade – entendida como expansão/extensão espaço-temporal de relações coloniais. Essas inquietações dizem respeito justamente a essas posições de colonizador e colonizado, opressor e oprimido, que se dão ao mesmo tempo e em vários

¹ Albert Memmi, *Retrato do colonizador precedido de Retrato do colonizado*, 2007, p. 13.

² *Ibid.*, p. 11.

³ *Ibid.*, p. 13.

recortes ou níveis ou circunstâncias ou aspectos: econômico, social, de gênero, de raça. Como pontua Sartre em outro prefácio do mesmo livro, “sempre se é o nortista de alguém”⁴, e Albert Memmi explica isso bem. Ao mesmo tempo que entende que, como tunisiano, é colonizado, compreende também que por não ser muçulmano se aproxima ou se distancia menos do colonizador francês, e, pelas afinidades e posições que ocupa junto aos colonizados, pode ser compreendido como colonizador. “Nossos privilégios eram irrisórios mas bastavam para nos dar um pequeno e vago orgulho e para nos fazer ter esperança de não sermos mais assimiláveis à massa dos colonizados muçulmanos que forma a base última da pirâmide”⁵, diz ele, explicando que é a noção de privilégio que diferencia, que está no cerne da relação colonial. Privilégio econômico, sem nenhuma dúvida, mas não unicamente econômico”⁶. São os privilégios também que caracterizam a branquitude, embora as pessoas brancas nem sempre os percebam; assim como os homens também nem sempre percebem seus privilégios em sociedades machistas, ainda que sejam evidentes.

Faço uma separação entre machismo e racismo mais para facilitar a compreensão de quem, como eu, há pouco começou a pensar na racialidade de pessoas brancas, embora entenda que, no marco da colonialidade, tanto o gênero é informado pela raça, quanto a raça é informada pelo gênero⁷. Como mulheres, sabemos bem onde se encontram os privilégios de ser homem cisgênero, rico ou pobre, e sabemos bem do mal que isso causa não só a nós, mas a eles também. Como mulheres brancas ou como pessoas brancas, nem sempre admitimos esses privilégios, mas sabemos que não são irrisórios,

⁴ Jean-Paul Sarte, no prefácio de *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*, de Albert Memmi, 2007, p. 25.

⁵ Albert Memmi, op. cit., p. 18.

⁶ Ibid., p. 16-17.

⁷ Camilla de Magalhães Gomes, *Gênero como categoria de análise decolonial*, 2018, p. 69.

basta ver os mapas da violência, as estatísticas em geral ou dar uma simples
olhada na sala de aula e nos espaços que frequentamos.

[72]

76. Meio intelectual, meio de esquerda

Eu sou meio intelectual, meio de esquerda, por isso frequento bares meio ruins. Não sei se você sabe, mas nós, meio intelectuais, meio de esquerda, nos julgamos a vanguarda do proletariado, há mais de cento e cinquenta anos. (Deve ter alguma coisa de errado com uma vanguarda de mais de cento e cinquenta anos, mas tudo bem.)

[...]

Nós, meio intelectuais, meio de esquerda, adoramos ficar "amigos" do garçom, com quem falamos sobre futebol enquanto nossos amigos não chegam para falarmos de literatura.

[...]

Nós, meio intelectuais, meio de esquerda, adoramos fazer parte dessa coisa linda que é o Brasil, por isso vamos a bares ruins, que têm mais a cara do Brasil que os bares bons, onde se serve petit gâteau e não tem frango à passarinho ou carne-de-sol com macaxeira, que são os pratos tradicionais da nossa cozinha. Se bem que nós, meio intelectuais, meio de esquerda, quando convidamos uma moça para sair pela primeira vez, atacamos mais de petit gâteau do que de frango à passarinho, porque a gente gosta do Brasil e tal, mas na hora do vamos ver uma europazinha bem que ajuda.

[...]

Nós gostamos dos pobres que estavam na praia antes, uns pobres que sabem subir em coqueiro e usam sandália de couro, isso a gente acha lindo, mas

a gente detesta os pobres que chegam depois, de Chevette e chinelo Rider. Esse pobre não, a gente gosta do pobre autêntico, do Brasil autêntico.

[...]

[...] Para desespero dos meio intelectuais, meio de esquerda que, como eu, por questões ideológicas, preferem frango à passarinho e carne-de-sol com macaxeira (que é a mesma coisa que mandioca, mas é como se diz lá no Nordeste, e nós, meio intelectuais, meio de esquerda, achamos que o Nordeste é muito mais autêntico que o Sudeste e preferimos esse termo, macaxeira, que é bem mais assim Câmara Cascudo, saca?).

– Ô Betão, vê uma cachaça aqui pra mim. De Salinas quais que tem?

Antonio Prata, *Bar ruim é lindo, bicho*, 2010, p. 30-32.

[21]

77. Quando não se pode falar

– Se eu quisesse escrever minhas memórias, como poderia fazer isso? – falei, bastante constrangida.

– É preciso se sentar à mesa e se forçar a escrever. A escrita virá sozinha. Não se pode censurar. É preciso escrever tudo o que vier à cabeça. Foi um conselho estranho. Não queria escrever “tudo”. Queria apenas escrever aquilo que me parecei bom e útil. Pensei que ela fosse falar mais alguma coisa, mas permaneceu calada. Fiquei decepcionada.

– Desapontada? – perguntou, então, como se estivesse lendo meus pensamentos.

– Sim.

– Quando não se pode falar, é preciso escrever – disse. – Isso ajuda muito – acrescentou e se calou. O vento começou a soprar com mais força e [...]

Olga Tokarczuk, *Sobre os ossos dos mortos*, 2019, p. 126.

78. Uma leitora que anota

Neste trabalho, me apropriei de trechos, os adaptei, fiz algumas subversões, me apropriei do formato de alguns – algumas vezes intencionalmente, outras por influências não rastreáveis de imediato. Muitas vezes os rastros das influências só foram percebidos muito tempo depois de já desenvolvida boa parte de uma ideia de escrita. Houve também aquelas situações em que encontrei soluções para impasses da escrita por intuição e, posteriormente, descobri que já havia estudos sobre o assunto, sobre o procedimento utilizado. Nesses casos, voltei ao texto e fiz as alterações necessárias, acrescentando informações, repensando o que já fora escrito. A professora, escritora, editora, crítica literária, jornalista e quantos epítetos se quiser acrescentar Cristiane Costa diz exatamente isso sobre seu livro *Sujeito oculto*¹: “Só me deparei com conceitos como *marginália*, *visual writing* e *estética de laboratório*, que deram algum sentido ao que escrevi, quando pesquisava o terceiro capítulo. [...] A maior parte das referências sobre o assunto foi descoberta em paralelo ao fim, quando optei por escrever o terceiro capítulo no formato de um texto acadêmico, é que percebi o quanto minhas leituras críticas sobre o papel do autor estavam intrinsecamente relacionadas com meu trabalho como autora”².

¹ Cristiane Costa, *Sujeito oculto*, 2014.

² Cristiane Costa, *Confissões de uma ladra*. Em: *Escrita não criativa e autoria: curadoria nas práticas literárias do século XXI*, 2018, Edição do Kindle, posição 2431-2438.

Sou uma leitora que anota, e como disse uma personagem de *Sujeito Oculto*, o crítico Juliano Paz, “anotações nas páginas de um livro são a marca típica de um leitor especial, um leitor que escreve. Para um bibliófilo, como eu, trata-se de um defeito de caráter tão grave quanto uma perversão. Mas a raça dos anotadores não é tão conservadora; eles se divertem subvertendo a relação natural entre autor e leitor – eu escrevo, você lê – que está longe de ser uma regra imutável para eles”³. Exatamente. O que rege esse procedimento de escrita, de escrever com as palavras dos outros, às vezes até distorcendo-as, é a diversão, o prazer do texto, o prazer da leitura e da escrita – uma imbricada na outra, “em movimento de troca recíproca”⁴, como queria Roland Barthes – a quem Juliano Paz não fez referência explícita, mas a gente percebe a influência.

[3]

³ Cristiane Costa, *Sujeito oculto*, 2014, p. 157.

⁴ Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 15.

79. Uma ferida que não seca nunca

Alço voo,
Transcendo à janela.
Percorro caminhos,
Os caminhos de mim.
Sou pensar e percorrer.
Vida, pensamento e trajetória.
Vida, história.
Era uma vez,
Era o final.
Era uma vez,
O início e os meios se percorre.
Era o final,
Igual, Igual...¹
Um talho fundo na carne do mapa:
Américas e África margeiam.
Um navio negreiro como faca:
mar de sal, sangue e lágrimas no meio.
Um sol bem tropical ardendo forte,
ventos alíseos no varal dos juncos
e sal e sol e vento sul no corte
de uma ferida que não seca nunca².

[82]

¹ Maria Helena Vargas da Silveira, *História da vida*, 1989, p. 9

² Oliveira Silveira, *Charqueada grande*, 2015, s/p.

80. Começar de novo

Escrever quando não se pode falar, me parece, é prerrogativa para muitas mulheres. Quantas já disseram isso? Não sei como é para homens, mas, certamente, eles podem falar bem mais do que nós, sempre puderam, até quando não deviam. Sim, escrever tudo que vier à cabeça, mas não é preciso mostrar tudo o que é escrito. Como disse a D. Sirley ao Felipe (o Martins), algumas canções não precisam ser repetidas¹. Há que se ter um censo crítico, há que se ter alguém ou alguéns em quem se confie para mostrar o que se julgou apresentável, ouvir a crítica, pensar sobre ela, reescrever muitas vezes, jogar coisas fora. Não se pode ter pena da escrita, do que já foi escrito. Dizem que o Valter Hugo Mãe recomeçou o livro *Homens imprudentemente poéticos* dezessete vezes antes de chegar à versão final. Em algumas delas, recomeçou tudo, do zero, quando já tinha ido além da página cem, ou seja, metade da obra².

[13]

¹ O amigo e colega Felipe Martins, grão aprendiz da Mestra Griô Sirley Amaro registrou essa fala de D. Sirley em seu projeto de tese, ainda em fase de elaboração.

² Laurentino Gomes conta isso no Prefácio de *Homens imprudentemente poéticos*, 2016. Edição do Kindle, posição 81.

81. Meu pai

Pobre meu pai
Quatro punhos espalhados no ar
Oito olhos vigiando o quintal
E o meu coração de vidro
Se quebrou
Doido meu pai
Sete bocas mastigando o jantar
Sete loucos entre o bem e o mal
E o meu coração de vidro
Não parou de andar
Pobre meu pai
A marca no meu rosto
É do seu beijo fatal
O que eu levo no bolso
Você não sabe mais
E eu posso dormir tranquilo
Amanhã, quem sabe?
Hoje, meu pai
Não é uma questão de ordem ou de moral
Eu sei que posso até brincar
O meu carnaval
Mas meu coração é outro

Simples, meu pai
Faça um samba enquanto o bicho não vem
Saia um pouco, ligue o rádio, meu bem
Não ligue que a morte é certa
Não chore que a morte é certa
Não brigue que a morte é certa
Não ligue que a morte é certa

Sérgio Sampaio, *Pobre meu pai*, 1972.

[17]

82. Armadilhas

No mundo há muitas armadilhas
e o que é armadilha pode ser refúgio
e o que é refúgio pode ser armadilha
[...]

Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las.

Ferreira Gullar, *No mundo há muitas armadilhas*, 2013, p. 22-23.

Com um agradecimento ao Vagner Amaro, que citou esse poema em uma
entrevista.

[81]

83. Famílias inter-raciais

No livro *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*, Lia Vainer Schucman apresenta o resultado de sua investigação sobre o tema, partindo da hipótese – já esboçada em sua tese – de que as relações afetivas poderiam ser um gatilho para processos de desidentificação, ou seja: a desconstrução do racismo em sujeitos brancos¹.

Dentro do espectro de possibilidades de atribuição de sentidos à cor da pele, à raça e ao racismo no interior da família e nas relações desta com a sociedade mais ampla, Lia mostra nas falas de seus entrevistados, com o auxílio da Psicanálise, uma série de mecanismos psíquicos em operação: a negação – uma defesa psíquica para evitar o contato com a dor e o sofrimento produzidos pelo racismo em relação a si próprio ou a um familiar querido, mas que na verdade o perpetua, ao deixá-lo intocado –; as identificações afetivas entre pais e filhos no interior das quais a cor de cada um é definida; o reconhecimento do sofrimento gerado pelo racismo e a empatia com a dor do outro como mobilizadores da tomada de consciência sobre o racismo e a necessidade de desconstruí-lo.²

Ao ler o livro de Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, que é a base do texto ficcional do capítulo 17, lembrei muito dessa pesquisa. Vários aspectos que o autor insere em sua narrativa são encontrados nas falas dos entrevistados e nas análises da pesquisadora. Também eu acreditava que o afeto é um forte catalisador para a desconstrução do racismo nos sujeitos brancos, porém nem

¹ Lia Vainer Schucman, *Família inter-raciais: tensões entre cor e amor*, 2018, p. 23

² Belinda Mandelbaum, na apresentação do livro, p. 18.

sempre é assim, e isso fica muito evidente nessa pesquisa. Das cinco famílias apresentadas no livro, somente em uma foi verificada a mobilização de atitudes antirracistas a partir do convívio afetivo. Nas demais, aparecem vários níveis de negação e até situações em que o membro branco do núcleo familiar é explicitamente racista – o que leva a autora a dizer que, no Brasil, é possível (i) ser contra o racismo; (ii) achar que o racismo é um mal que todos devem combater; (iii) casar com negros e, ao mesmo tempo; (iv) ser racista. Portanto, pode-se afirmar que, mesmo em relações com vínculos afetivos sólidos e amorosos, é possível manter e legitimar as hierarquias raciais construídas em uma sociedade racista³.

Em sua análise, Lia entende que a chave para a mudança de comportamento não está na convivência com pessoas negras, nem na convivência pacífica, mas sim na convivência não hierarquizada⁴ e destaca que o que possibilita esta vivência não é a experiência positiva com o outro, mas sim o deslocamento de si para outra posição subjetiva, a de perceber a alteridade nem como inferior nem como superior ou mesmo como qualquer conteúdo a priori. É percebê-la apenas como alteridade⁵. Para tanto, é necessário que se façam movimentos antagônicos, o que significa, ao mesmo tempo, acreditar na raça e desacreditar em seguida. Ou seja, é preciso levar em conta que a raça é componente fundamental para compreender as desigualdades entre brancos e negros, mas, ao mesmo tempo, é preciso saber que raça é um contorno no qual não há conteúdo intrínseco ou essencial: é preciso enxergar a raça para tornar-se cego a ela; identificar no outro as vivências diferentes das suas em função do

³ Ibid., p. 134.

⁴ Ibid., p. 128.

⁵ Ibid., p. 128-129.

racismo e entender que estas diferenças não são imanentes, mas resultado de uma condição de dominação⁶.

Concordo com tudo que a autora diz e, como ela, entendo que antes de tudo as pessoas brancas devem reconhecer que também têm raça. Se não se reconhece isso, muito facilmente se cai no discurso de somos todos iguais. Não somos, na concretude da vida, não somos.

Thomas Bonicci, em *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, destaca que Sartre discursa sobre a construção do ser como sujeito em relação ao outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Através da percepção do próprio ser-objeto para o Outro deve-se compreender a presença do ser-sujeito dele. Essa reciprocidade permite as relações mútuas entre o ser e o outro. Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto para o Outro. Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do sujeito e do outro, do dominador e do subalterno⁷.

Franz Fanon, de quem Thomas Bonicci é leitor, fez essa crítica em *Pele negra, máscaras brancas*: “[...] bem que existe o momento de ‘ser para-o-outro’, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung*⁸ de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que

⁶ Ibid., p. 136.

⁷ Tomas Bonicci, *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, 2012, p. 26.

⁸ “Weltanschauung. (Al.: visão de mundo, cosmovisão) 1. Concepção global, de caráter intuitivo e pré-teórico, que um indivíduo ou uma comunidade formam de sua época, de seu mundo, e da vida em geral. 2. Forma de considerar o mundo em seu sentido mais geral, pressuposta por uma teoria ou por uma escola de pensamento, artística ou política.” – Dicionário Básico de Filosofia, de Hilton Apiassu e Danilo Marcones, 2005. [nota minha]

proíbe qualquer explicação ontológica⁹, e, mais adiante, abordando o ensaio *Orfeu negro*, escrito pelo francês em 1948: “Jean-Paul Sartre esqueceu que o negro sofre em seu corpo de outro modo que o branco. Entre o branco e eu, há irremediavelmente uma ralação de transcendência”¹⁰.

Para superar essa relação, penso, não se pode pular etapas dessa dialética racial. Precisamos reconhecer as condições de existência de uns e outros, compreendendo a sutil diferença que pode haver entre alteridade e outremização, estabelecendo relações não hierarquizadas pela racialização. Talvez, assim, possa haver um futuro em que ser negro seja apenas uma característica no contexto cultural e social do personagem; que está intrínseco ao seu enredo; em que é seu cenário e sua pele, mas não o que o faz ser único em uma sala de aula, em seu trabalho, em sua própria casa¹¹ e ser branco seja também somente uma característica que não confere nenhum tipo de vantagem ou privilégio pelo simples fato de ser branco.

[85]

⁹ Franz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, 2008, p. 103.

¹⁰ Franz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, 2008, p. 124. Em um primeiro momento, fiquei em dúvida se a palavra “ralação” foi grafada propositalmente dando outro sentido à “relação de transcendência” ou se foi por equívoco (ou ato falho?) na edição publicada pela UFBA, em 2008. Em consulta a Deivison Faustino – estudioso da obra de Frantz Fanon –, que muito gentilmente conferiu o trecho em edições francesas e inglesas, obtive a resposta de que foi um equívoco na edição da UFBA. Deivison Faustino, ou Deivison Nkosi, criou e mantém um grupo de discussão aberto no Facebook e no Whatsapp sobre a obra de Franz Fanon; neste grupo, além de promover boas discussões, ele se coloca à disposição, dentro de suas possibilidades, para responder dúvidas sobre o autor e sua obra.

¹¹ Junno Sena, Prefácio da *Coletânea Afrofuturismo*, 2018, p. 5.

84. Expansão 2

Foi só já com o curso de doutorado em andamento que voltei a questionar o eurocentrismo das referências teóricas que me eram apresentadas. Cheguei mesmo a procurar “filósofos” latino-americanos nessa ferramenta utilíssima, mas também enganosa, chamada internet. Por ali, encontrei Roberto Fernández Retamar e o seu *Calibã*. Junto a isso, conheci, como já contei, o trabalho de divulgação científica da Djamila Ribeiro e, a partir dela, muitas outras mulheres negras que dizem, e vêm dizendo há muito, de outras perspectivas que me faziam e me fazem muito mais sentido. Mas foi, sem dúvida, a criação da linha *Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação*, na qual o grupo de pesquisa de que faço parte foi inserido, que me apresentou os tais filósofos latino-americanos que eu procurava, que me possibilitou estudar melhor a obra do Fanon, além de outros que foram base para os estudos descoloniais e decoloniais, como Albert Memmi, Spivak, Cesáire. Foi nesse mesmo período que pude, depois de mais de 40 anos (no longínquo ensino fundamental), estar em uma sala de aula em que a maioria dos colegas eram pessoas negras e, talvez, a primeira vez na vida que a maioria era composta por mulheres negras.

Foram elas – as colegas, as autoras – e eles – os colegas, os autores – que se propuseram a pensar e discutir a partir de referenciais teóricos não eurocentrados que me ajudaram a ler e reler textos e situações com uma perspectiva mais situada e mais atenta a outras perspectivas que não estavam no meu horizonte. Foi esse o princípio que guiou o meu projeto de doutoramento, descolonizar as referências, reaprender a ler ou aprender a reler

e compartilhar esse processo. Um processo em processo, inconcluso, diário, incerto. Em alguns momentos experimentado como um grito de indignação, em outros como um convite ao diálogo, em outros com descrédito e desânimo, em outros ainda com o entusiasmo de uma grande novidade.

[26]

85. A dos outros dói menos

Ruindade, às vezes, é só falta de imaginar a tristeza dos outros. Imaginar mesmo bem pouco adianta. Ter dor de barriga é uma coisa. Pensar na dor de barriga alheia é outra coisa muito diferente. Sempre parece que a dos outros dói menos.

Ruth Guimarães, *Água funda*, 2018, p. 24.

[18]

86. La cadena

En la narración, la cadena se rompe con frecuencia, pero los hilos cortados reaparecen, espero.

Gayatri Chakravorty Spivak. *Crítica de la razón pós-colonial: hacia una historia del presente evanescente*, 2010, p. 10

[14]

87. Leituras 2

Até aqui eu queria mostrar a quem me lê algumas leituras que fiz, alguns encontros que me levaram a repensar a respeito de algumas convicções que eu nem sabia que tinha. Essas leituras e releituras (no sentido de ler de novo o mesmo texto) se deram principalmente durante o curso do doutorado, e, talvez, como me disse o amigo e colega Ariel Salvador Roja Fagúndez, essa estada de Rebeca em Satolep seja minha estada no curso. Talvez esse condomínio fechado em que ela mora seja a própria universidade. Mesmo que se vá até os limites, mesmo que se saia, mesmo que se encontrem brechas por onde podem entrar e sair pessoas que não moram ali, é, ainda, um condomínio fechado, com portaria, com vigilância...

[58]

88. Clases de literatura

Aquellos de entre ustedes que ya conocen la práctica literaria y escriben cuentos, poemas e incluso pueden haber escrito novelas, saben muy bien que sólo más tarde – a veces mucho más tarde – , cuando uno vuelve a leer el trabajo que hizo, descubre elementos, posibles compartimentos que en el momento de escribir el libro no contaban para el autor o por lo menos no figuraban conscientemente en sus intenciones.

Julio Cortázar, *Clases de literatura*, 2013, p. 168.

[89]

89. Leituras

A narradora dessa história é uma cadeira. Percebeu? Não? Pois outras pessoas também não. A minha ideia era dizer que até uma cadeira pode perceber algumas situações de racismo que pessoas brancas não percebem e quando percebem não sabem o que fazer ou ainda não querem se envolver.

Como não sabia se isso tinha ficado evidente, pedi que uma amiga e um amigo lessem. A amiga ainda passou o texto para a esposa, que também não entendeu que a narradora seria uma cadeira. Algumas observações que fizeram:

– Enxerguei essa situação, enxerguei a cena entre pessoas brancas passando pano umas pras outras, inclusive a professora de geografia, acovardada, que pediu transferência, mas também a pessoa que assistia a cena. Ela não foi lá falar com a menina preta, vamos colocar na justiça, eu sou tua testemunha. Provavelmente é branca, né? Jogou para a professora de geografia, para a diretora, para a coordenadora, criticou, mas fez igual às outras.

– Não sei se ela é uma professora velha que está meio encostada na biblioteca ou se ela é a própria professora que está na biblioteca, como sempre fazem. Pode ser que ela seja uma pessoa da limpeza, porque ela se compara com uma escada nova, pode ser que ela seja, entre aspas, uma pessoa coadjuvante na escola, que observa, que só observa e não participa das decisões.

– Fiquei com vontade que ela levantasse dali e tomasse uma atitude. Talvez, se eu visse ou lesse uma situação dessas há uns anos atrás, eu achasse

normal a narradora ficar na dela. E mesmo a professora de geografia, eu compreenderia ela. Hoje não.

[23]

90. Cansaço

A precariedade da escola venceu, e ela estava cansada¹. Respeitava as colegas que permaneciam no magistério, aquelas que não se abatiam, que resolviam pegar o touro à unha, permanecendo na linha de frente. Anos a fio². Quando se lida com alunos durante vinte anos, uma linha muito tênue passa a separar a lógica do absurdo. As coisas perdem o sentido, a cabeça tem de aprender a lidar com isso³. Mas há um momento em que a cabeça, o corpo, um resto de dignidade pedem uma vida diferente. Ela entraria para a estatística, seria mais uma que desistia do magistério.

[24]

¹ Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, 2020, p. 126.

² *Ibid.*, p. 149.

³ *Ibid.*, p. 150

91. Voltando à pré-história

Acho que quem me lê não vai lembrar de uma nota do capítulo intitulado *A pré-história da pré-história*, por isso a retomo aqui:

“No projeto original de dissertação, não havia a categoria ‘raça’. Após a qualificação do projeto, ela surgiu como necessária porque um dos entrevistados era negro e tinha sua experiência marcada pelo racismo. Não é “sintomático” que se não fosse pela presença de um sujeito negro a racialidade não seria marcada?”

Claro que não seria. Até então, mesmo que já soubesse – como não saber? – que o racismo está entranhado no nosso modo de ser, para além das atitudes e ações conscientes, me faltavam as palavras para pensar sobre isso. Mesmo que eu quisesse não ser racista – e acreditava mesmo que não era – não percebia que a perspectiva que eu tinha das situações era muito marcada pela subalternização do outro. Fora um ou dois amigos negros, o meu convívio era com pessoas brancas; as autoras (poucas) e os autores que eu lia eram brancos e eurocentrados, e estas não tocavam no cerne do problema, do meu problema, de não conseguir pensar além do aspecto moral do racismo. Mesmo que, em alguns momentos, eu me questionasse se não haveria algum autor brasileiro ou latino-americano para tratar sobre os assuntos que eu abordava, eles não estavam ao meu alcance. Só tinha o Paulo Freire, que pretensiosamente, eu achava que já conhecia o suficiente e não me dava os caminhos que eu queria – e que eu nem sabia ao certo quais eram.

A minha dissertação foi elaborada em dois momentos muito distintos, como já disse. A partir da qualificação do projeto foi imprescindível abordar a

racialidade. Como a principal referência que eu utilizava era o Michel Foucault, eu pensava, a partir das ideias dele, quais eram as condições de emergência dos discursos que formavam a subjetividade da personagem que eu estava analisando. Foi por nessa procura que encontrei a tese da Sueli Carneiro – ela elaborou o conceito de dispositivo de racialidade a partir do conceito de dispositivo de sexualidade do Foucault – e, a partir dela, o Franz Fanon, mas não tive tempo de me dedicar a esses estudos como seria necessário. E não é que o Foucault tinha razão? A constituição da subjetividade está muito relacionada aos discursos e às condições de emergência destes. Focando bem localmente, bem pessoalmente, a emergência de referenciais teóricos não eurocentrados, surgiu para mim entre a finalização do mestrado (2012-2013) e o início do curso de doutorado (2016), quando houve a implantação do sistema de ações afirmativas, as cotas raciais, na UFPel. Se o Reuni já havia propiciado uma mudança na cultura institucional e na cultura local, as cotas impulsionaram ainda mais novas demandas e novas perspectivas da comunidade acadêmica. A UFPel, uma universidade que foi criada para receber os filhos de pecuaristas e agricultores agora teria, como parte de sua comunidade, indígenas e quilombolas¹. Esses novos integrantes da comunidade acadêmica têm construído um vasto repertório de saberes a partir da maneira como acessam elementos das suas culturas para reivindicar direitos sociais sem abrir mão de suas diferenças que, no imaginário social brasileiro, ainda estão carregadas da suposta inferioridade forjada através dos processos colonizadores vivenciados nas Américas².

¹ Rosemar Gomes Lemos, *Ubuntu: as transformações através das ações afirmativas*, 2019, p. 49.

² Georgina Helena Lima Nunes, *Universidade Federal de Pelotas e o processo afirmativo na inclusão étnico-racial no acesso e permanência ao ensino superior: primeiras reflexões*, 2016, p. 64.

Com o advento das “cotas”, particularmente das cotas raciais, a universidade começou a olhar para dentro de si e a identificar os inúmeros processos, sutis ou não, de exclusão contidos em seu funcionamento, processos que na prática passavam despercebidos pela elite econômica branca que a frequentava³.

Quando da aprovação da Lei de Cotas em 2012, havia um predomínio de cotas sociais em relação às cotas raciais nas universidades públicas brasileiras, inclusive com universidades que adotavam exclusivamente cotas sociais⁴. Isso era consequência prática da crença de que a inclusão social por si resolveria o problema da desigualdade racial – crença essa que é subproduto da ideologia da democracia racial, pois é reforçada a despeito de evidências empíricas que a corroborem e do acúmulo de evidências que apontam para conclusão contrária⁵.

Das universidades situadas no Rio Grande do Sul, a UFPel foi a única universidade pública e federal a não estabelecer nenhuma forma de ação afirmativa antes da Lei 12.711/2012 ainda que tenha sido questionada e pressionada pelos movimentos sociais negros a ponto de instituir um ativo fórum de discussão chamado Fórum Cotassim. Este grupo agregava coletivos de estudantes negros, movimento social negro, discentes e docentes ligados a

³ João Feres Júnior, Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Anna Carolina Venturini, *Ação afirmativa: conceito, história e debates*, 2018, p. 170.

⁴ As ações afirmativas ingressaram na agenda governamental no final dos anos de 1990, em razão de debates sobre o papel da educação e das diferenças entre brancos e não brancos no processo de mobilidade social. Após longos e intensos debates, em 2012, a criação de cotas raciais e sociais foi considerada constitucional pelo Supremo Tribunal Federal e, em seguida, o Congresso Nacional aprovou a lei n. 12.711/2012, que reserva vagas nas instituições federais de ensino superior e técnico. Anna Carolina Venturini, *As políticas de ação afirmativa em cursos de graduação*, 2020, s/p.

⁵ João Feres Júnior, Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Anna Carolina Venturini, *Ação afirmativa: conceito, história e debates*, 2018, p. 166-167.

grupos que desenvolvem projetos de pesquisa, ensino e extensão, atinentes à educação das relações étnico-raciais e/ou a diferentes etnicidades⁶.

O Fórum Cotassim teve uma atuação intensa nos dois anos anteriores à Lei das Cotas e também posterior a ela. Foram inúmeras reuniões, seminários e manifestações públicas que agregavam diferentes atores sociais e estratégias de ruptura com a resistência local em vislumbrar ações afirmativas. Atuou de forma propositiva na construção de estratégias e controle das/nas dificuldades inerentes à incorporação da nova modalidade que a UFPel se deparava; havia uma tensão entre um passado refratário a mudanças e uma desafiante realidade⁷.

A criação de políticas de ação afirmativa racial e social foi um dos acontecimentos de maior significado político e social das últimas décadas no nosso país. Elas revolucionaram a maneira como gestores, acadêmicos e a população em geral compreendem a questão racial, as injustiças e as soluções para combatê-las. Elas mudaram a cara do ensino superior brasileiro, particularmente das universidades públicas, que concentram a maior parte da excelência acadêmica. O ensino superior passou a representar de maneira um pouco mais justa o perfil racial e econômico de nossa sociedade⁸.

[84]

⁶ Georgina Helena Lima Nunes, *op. cit.*, p. 65.

⁷ *Ibid.*, p. 65-66.

⁸ João Feres Júnior, Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Anna Carolina Venturini, *op. cit.*, p. 170.

92. Re-escrita

Essa negra fulô

(Jorge de Lima, 1929)

[...]

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

– Vai forrar a minha cama

pentear os meus cabelos,

vem ajudar a tirar

a minha roupa, Fulô!

[...] Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá

Chamando a negra Fulô!)

Cadê meu frasco de cheiro

Que teu Sinhô me mandou?

– Ah! Foi você que roubou!

[...]

O Sinhô foi ver a negra

levar couro do feitor.

A negra tirou a roupa,

O Sinhô disse: Fulô!

(A vista se escureceu

que nem a negra Fulô).

[...] O Sinhô foi açoitar

sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia

e tirou o cabeção,

de dentro dele pulou

nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!

[...] Ó Fulô! Ó Fulô!

Cadê, cadê teu Sinhô

que Nosso Senhor me mandou?

Ah! Foi você que roubou,

foi você, negra fulô?

Essa negra Fulô!

Outra Nega Fulô

(Oliveira Silveira, 1988)

O sinhô foi açoitar
 a outra nega Fulô
 – ou será que era a mesma?
 A nega tirou a saia,
 a blusa e se pelou.
 O sinhô ficou tarado,
 largou o relho e se engraçou.
 A nega em vez de deitar
 pegou um pau e sampou
 nas guampas do sinhô.
 – Essa nega Fulô!
 Esta nossa Fulô!,
 dizia intimamente satisfeito
 o velho pai João
 pra escândalo do bom Jorge de
 Lima,
 seminegro e cristão.
 E a mãe-preta chegou bem cretina
 fingindo uma dor no coração.
 – Fulô! Fulô! Ó Fulô!
 A sinhá burra e besta perguntou
 onde é que tava o sinhô
 que o diabo lhe mandou.

– Ah, foi você que matou!
 – É sim, fui eu que matou –
 disse bem longe a Fulô
 pro seu nego, que levou
 ela pro mato, e com ele
 aí sim ela deitou.
 Essa nega Fulô!
 Esta nossa Fulô!

[11]

para terminar

Para terminar

Digo: *para terminar*, e não *para concluir*.
Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 348.

Em *A preparação do romance II*, livro publicado a partir de curso ministrado em 1979-1980, Roland Barthes “simula” a preparação de uma obra, como se fosse, de fato, escrever um livro de ficção. Para elaborar suas aulas – e a simulação da feitura da obra – recorre à Metaliteratura: os escritos em que um autor confia seus planos, seus projetos, suas preocupações quanto à obra a ser feita: correspondência, diário íntimo¹, evocando principalmente o trabalho de Chateaubriand, Flaubert, Kafka, Mallarmé, Nietzsche, Proust. Nas primeiras aulas, anuncia que aquele que *quer escrever* delibera acerca dos meios de realizar esse desejo, ou essa vontade ou ainda essa *vocação*: aquilo a que ele se convoca². São essas deliberações que conduzem o processo de escrita e é delas que se ocupará durante o curso. Elas se resumem, de acordo com o Professor Barthes em: Escrever: de onde vem a Força, a vontade de escrever em mim? 2) As provas que devo enfrentar para fazer a obra = uma iniciação³.

Foram dessas deliberações que me ocupei em grande parte deste trabalho e, embora algumas não coincidam com as do Professor, as que ele aponta serviram de guia para reflexões acerca do processo. Ainda, porque tenho necessidade de justificar a pretensão de me colocar não só *em posição*, mas

¹ Roland Barthes, *A preparação do romance II*, 2005, p. 7-8.

² Ibid., p. 94

³ Ibid., p. 94-95.

também *em situação*⁴ de quem não só *quer*, mas *vai* escrever, e escreveu, o próprio Barthes me tranquiliza quanto a essa ousadia: “O que é pretensioso: *comparar-se com*; mas eu não me comparo, *eu me identifico*: meu imaginário não é psicológico, ele é desejante, amoroso; [...] é um imaginário de trabalho, não de ser; identifico-me com uma prática, não com uma Imagem social [...]”⁵. [...] Se ousou me intercalar entre esses dois gigantes [falava de Mallarmé e Flaubert] (mas já disse, não há nenhuma pretensão em *identificar-se*, porque identificar-se não é comparar-se, e afinal eu me defino, aqui, por meu prazer, meu desejo de escrever – com eles)”⁶. Pois bem, é com esse desejo amoroso de Roland Barthes pelo trabalho de escrita de algumas escritoras e de alguns escritores que me identifico; assim como me identifico com a sua necessidade de procurar nos autores queridos algumas recorrências, algumas indicações de como fazer, como *fabricar* uma escritura.

Para Roland Barthes, em *Ensaio Crítico*, há escritores que escrevem algo (*écrivants*) e escritores que escrevem, ponto final (*écrivains*), assim como há uma diferença entre os produtos de seus trabalhos, entre uma escritura transitiva, portadora de mensagem (*écrivance* [escrevência]), e uma escritura intransitiva, produtora de sentidos (*écriture* [escritura])⁷. No mesmo texto, o autor destaca: Nossa época daria à luz um tipo bastardo: o escritor-escrevente, saído do clube dos homens de letras, o escritor-escrevente encontra um outro clube, o da *intelligentsia*⁸. Barthes fala de escritores que produzem textos teóricos ou críticos, ainda que esses textos não deixem de conter elementos de

⁴ Segundo Barthes: colocar-se *em situação* é a condição empírica do fazer, colocar-se *em posição* não implica a feitura da obra, mas uma *simulação* de feitura, que é ao que ele se propôs nesse curso. Ibid., p. 93.

⁵ Ibid., p. 95.

⁶ Ibid., p. 107.

⁷ Leyla Perrone-Moisés, *Texto, crítica, escritura*, 2005, p. 32.

⁸ Roland Barthes, *Crítica e verdade*, 2007, p. 38.

uma escritura. O escrevente, segundo ele, dispõe de uma escrita comum a todos os escreventes, espécie de *koinè*⁹ na qual se pode, certamente, distinguir dialetos (por exemplo: marxista, cristão, existencialista)⁹.

Magda Soares traça um paralelo entre as motivações e o significado de “escrever” para escritores de textos literários e para pesquisadores. Para esse trabalho de comparação, utiliza-se de depoimentos de escritores reunidos na obra *Por que escrevo?*, de José Domingos de Brito¹⁰, na sua experiência como pesquisadora-autora, no diálogo com pesquisadores-autores, em sua vivência na academia, na participação em conselhos editoriais de revistas acadêmicas e de editoras, na orientação de teses e dissertações¹¹. A autora conclui que o escritor escreve para satisfação pessoal, só secundariamente escreve para outrem¹², enquanto que para o pesquisador-autor é justamente o contrário, ele escreve por obrigação e compromisso, e essas exigências, obrigação, compromisso só se efetivam se houver leitores para o que escreve¹³. Porém, segundo ela, em geral, o pesquisador-autor escreve especificamente para os seus pares. A autora chama a atenção para a necessidade de ampliar esse público leitor de resultados de pesquisa, especialmente na área das ciências humanas e sociais, sobretudo da Educação, para que as “leis sociais”¹⁴ sejam

⁹ *koinè* - em uma determinada região, a linguagem comum adotada pelos falantes com diferentes línguas maternas [nota minha].

¹⁰ Nota do texto de Magda Soares: “[...] José Domingos de Brito, *Por que escrevo?*, coletânea das respostas de cerca de 100 escritores a essa pergunta (Brito, 1999)”, p. 67.

¹¹ Magda Soares, op. cit. p. 68.

¹² Ibid., p.74.

¹³ Ibid., p.76.

¹⁴ Nota original do texto de Magda Soares: “Segundo Bourdieu, uma ‘lei social’ não é ‘um destino, uma fatalidade inscrita na natureza social’; ‘é uma lei histórica que se perpetua durante o tempo em que se a deixa agir, isto é, durante o tempo em que aqueles aos quais ela serve (e, às vezes, à revelia deles) se encontrem em condições de perpetuar as condições de sua eficácia’. (Bourdieu, 1980/1983, p. 37).” Magda Soares, op. cit., p. 77.

reveladas não só aos que pesquisam e estudam para enunciá-las, mas também, quem sabe *sobretudo*, aos que estão submetidos às leis, compactuam com elas, por desconhecê-las, e que, por serem os “jogadores” – por estarem diretamente envolvidos no “jogo” – têm a possibilidade de, conhecendo as leis que o regem, optar por conservá-las ou por contrapor-se a elas e aos efeitos delas, desnaturalizá-las, fazer das leis identificadas e enunciadas pelo pesquisador objetos de preservação ou de transformação¹⁵. Eu ousaria dizer que algumas leis sociais não são evidentes nem mesmo para boa parte da intelectualidade acadêmica, que muitas vezes reproduz a lógica da colonialidade em suas pesquisas – tanto na forma quanto no conteúdo – sem nem mesmo questionar suas implicações; implicações da colonialidade em suas pesquisas e implicações de ser pesquisador a partir dessa ótica.

Entendo que uma escrita de pesquisa possa ser escritura, embora não possa prescindir da mensagem, da informação, da comunicação. O pesquisador-autor pode se aproximar do escritor, mas não deixará de ser um pesquisador-autor. Sua escrita procede de um movimento análogo ao da *escritura-escrevência*; é produto de um tipo também bastardo, mas, ao invés de ser o produto de um *escritor-escrevente*, é o produto de um *escrevente-escritor*, ou seja, alguém que sai de um clube de *intelligentsia* (um pesquisador-autor) e vai ao encontro do clube dos *homens de letras* (um escritor), em busca de uma escrita de pesquisa com estatuto de escrita literária, de *escruiura*. Por óbvio, isso não tem intenção de ser uma regra perseguida a qualquer custo, mas é uma possibilidade. Muito próximos de mim, colegas do grupo de pesquisa GIPNALS¹⁶, vêm, seguindo o exemplo e o estímulo de nossa orientadora, compondo escrituras para tratar de seus temas de pesquisa. Historicamente

¹⁵ Magda Soares, op. cit., p. 77-78.

¹⁶ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade, da Faculdade de Educação-UFPEL.

autores consagrados – ou nem tanto – expõem suas teorias aproximando arte e ciência, borrando essas fronteiras – traçadas em algum momento em que a ciência precisava se afirmar e se diferenciar – e até mesmo se apropriando da literatura para compor sua escrita e reflexão.

Bem sei que estudantes de pós-graduação são pesquisadores em formação, aprendizes, *educandos* nas palavras de Paulo Freire; e é nesta perspectiva que me/nos incluo neste clube de *intelligentsia*, como aprendiz – e todo aprendiz precisa de um pouco de malícia, ou *astúcia*, diria Certeau. Para compor esta escrita de pesquisa, utilizei o procedimento de apropriação do trabalho de escritores e de escreventes.

No decorrer do processo de formação como pesquisadora – que começa antes do ingresso no curso de doutorado –, passei por algumas transições ou fases de modificação como leitora e, conseqüentemente, como pesquisadora. Essas fases coincidem, de certa forma e guardadas as devidas proporções, com as etapas de formação que Julio Cortázar descreve em *Los caminos de un escritor*. Ele as resume em *estética, metafísica e histórica* – explicando, em seguida, que utiliza essas expressões *sem a gravidade que utiliza um filósofo quando fala*¹⁷. Resumidamente, a primeira fase se refere à leitura dos melhores livros a que se tem acesso, aos modelos ilustres, aos clássicos. “Era una epoca en la que los jóvenes de mi edad no nos dábamos cuenta hasta qué punto estábamos al margen y ausentes de una historia particularmente dramática que se estaba cumpliendo em torno de nosotros, porque esa historia también la captábamos desde un punto de vista de lejanía, con distanciamiento espiritual¹⁸. [...] nunca se nos ocurrió que la Segunda Guerra Mundial nos concernía también aunque la Argentina fuera un país neutral. Nunca nos dimos

¹⁷ Julio Cortázar, *Clases de literatura*, 2013, p. 13. [tradução minha]

¹⁸ *Ibid.*, p. 13.

cuenta de que la misión de un escritor que además es un hombre tenía que ir mucho más allá que el mero comentario o la mera simpatía por uno de los grupos combatientes¹⁹. [...] la actividad literaria valía para nosotros por la literatura misma, por sus productos y de ninguna manera como uno de los muchos elementos que constituyen el contorno, como hubiera dicho Ortega y Gasset ‘la circunstancia’, en que se mueve un ser humano, sea o no escritor”²⁰.

A segunda fase, que Cortázar chama de “metafísica”, o foco passa para questões existenciais do ser humano como tal, “[...] ese primer puente tendido directamente de un hombre a outro, de un hombre a un conjunto de personajes, me llevó en esos años a interesarme cada vez más por los mecanismos psicológicos que se pueden dar en los cuentos y en las novelas, por explorar y avanzar en esse territorio – que es el más fascinante de la literatura al fin y al cabo – en que se combina la inteligencia con la sensibilidad de un ser humano y determina su conducta, todos su juegos en la vida, todas sus relaciones y sus interrelaciones, sus dramas de vida, de amor, de muerte, su destino; su historia, en una palabra”²¹. Nessa fase, se sobressai o individualismo e até o egoísmo do homem comum, que “se preocupa de pensar cuál es su proprio destino en tanto destino del hombre pero todo se concentra en su propria persona, en su felicidad y su infelicidad”²².

Como leitora, em um primeiro momento, o que me interessava eram os clássicos – tanto da literatura quanto da teoria, a atividade de leitura e pesquisa valia por si mesma, por seus produtos e não como um dos muitos elementos que constituem as circunstâncias onde o ser humano se move. Interessava-me o referencial teórico europeu, desconsiderando o grau de colonialidade que

¹⁹ Ibid., p. 14.

²⁰ Ibid., p. 14.

²¹ Ibid., p. 16.

²² Ibid., p. 18.

havia nesse saber. Interessava-me a História Geral – ou seja, a História europeia, a arte europeia, os poetas, os romancistas, os filósofos que se utilizavam dessa história e dessas expressões de arte para tratar dos seus temas. Afinal, eles detinham, detêm, o monopólio do que se pode considerar universalmente humano. Tranquilamente poderia me identificar com textos de Flaubert, Kafka, Baudelaire, Proust, porque o que eles dizem, os temas que eles tratam com maestria são dilemas humanos, é algo essencialmente, existencialmente e universalmente humano... Ainda que soubesse que esse humano universal não poderia ser tão universal assim (seria um humano ocidental), ainda assim, tinha sede desse saber, era desse saber que eu queria me apropriar, era esse saber que me fazia pensar além do comezinho, que ampliava minha percepção das coisas da vida. Afinal de contas, era esse *humano* que eu almejava conhecer e ser. A “estética” e a “metafísica” eram muito próximas. Esse querer saber, esse envolvimento com um pensar acadêmico fazia parte da vida, ele se fazia necessário, não para obter um título ou reconhecimento de uma pretensa intelectualidade, mas para pensar a vida – mais individual do que coletivamente, é preciso admitir.

Na terceira fase, a “histórica”, Julio Cortázar diz que passa a “ver al prójimo no solo como el individuo o los individuos que uno conoce sino verlo como sociedades enteras, pueblos, civilizaciones, conjuntos humanos”²³. A Cortázar essa nova maneira de ver o outro se deu após sua vivência em Cuba, após a revolução de 1959: “[...] durante casi dos meses no estuve metido con grupos de amigos o con cenáculos literarios; estuve mezclándome cotidianamente con un pueblo que en ese momento se debatía frente a las peores dificultades, al que le faltaba todo, que se veía preso en un bloqueo despiadado [...]. Cuando volví a París eso hizo un lento pero seguro camino. [...]

²³ Ibid., p. 18.

una especie de brusca revelación – y la palabra no es exagerada – sentí que no sólo era argentino: era latinoamericano [...]. Me di cuenta de que ser un escritor latinoamericano significaba fundamentalmente que había que ser un latinoamericano escritor: había que invertir los términos y la condición de latinoamericano, con todo lo que comportaba de responsabilidad y deber, había que ponerla también en el trabajo literario. Creo entonces que puedo utilizar el nombre de etapa histórica, o sea de ingreso en la historia, para describir este último jalón en mi camino de escritor”²⁴.

Ao tomar conhecimento de um referencial teórico que chamava a atenção para a colonialidade desses saberes, ao prestar mais atenção no que diziam as feministas negras – saberes que estiveram presos em um bloqueio implacável –, comecei um lento e seguro caminho de reconhecimento da necessidade de escutar o que dizem aquelas e aqueles que aliam teoria e experiências mais próximas da que vivi, das que vivo. Como uma espécie de brusca revelação – e a palavra não é exagerada – senti que não era uma aprendiz de pesquisadora, que, como por acaso, também era uma mulher branca, latino-americana, brasileira do sul do Rio Grande do Sul. Era tudo isso. E era tudo isso em uma cidade, em um estado e em um país em que pelo menos a metade da população não é branca, como muitos gostariam que fosse, como muitas vezes a universidade parece acreditar e fazer acreditar que é. Dei-me conta de que antes de iniciar-me na pesquisa, eu já era uma pessoa com todas essas marcas em um país com longa tradição de apagamento, silenciamento, epistemicídio de outros saberes que não os do continente europeu e do norte da América, e havia de colocar essas posições, com tudo o que elas comportam de responsabilidade e dever, no trabalho de pesquisa, de escrita de pesquisa.

²⁴ Ibid., p. 19.

Essa inversão de termos, esse jogo de palavras revela múltiplos tensionamentos que fazem parte das possibilidades de leitura e escrita, a partir do posicionamento da leitora-escritora-pesquisadora diante da palavra mundo e da palavra escrita, e vice-versa. A transgressão à forma convencional de escrita se faz necessária pelo que a escrita quer apresentar, a tese, resultado de alguns anos de sistematização de um processo de mudanças de percepção epistemológica sobre temas que nos afetam estética, “metafísica” e historicamente. Ainda com Cortázar, a noção de jogo aplicada à escrita/escritura, a temática ou a maneira de ver o que se está contando, lhe dá uma dinâmica, uma força a expressão que a mera comunicação séria e formal – ainda que esteja muito bem escrita e muito bem proposta – não alcança ser transmitida ao leitor, porque todo leitor é um jogador de alguma maneira e então há uma dialética, um contato e uma recepção desses valores²⁵.

Para terminar, esta tese-livro não foi concebida como uma arquitetura literária precisa senão como uma espécie de aproximação desde diferentes ângulos e desde diferentes sentidos que pouco a pouco foi encontrando sua forma²⁶. As narrativas ficcionais (e também as não tão ficcionais) que contei têm algo de inventário e algo de invenção, montadas com textos dispersos e despertos em leituras e releituras, consecutivas e simultâneas ao longo dos anos, principalmente durante o curso de doutorado – quando a leitura de textos literários, sobretudo, passou a ser uma leitura mais ativa, não só coletora, mas também caçadora, na busca de elementos para a composição de minha própria escrita. Daí minha invenção. Queria quebrar, além do enigma das personagens, o enigma das coisas²⁷, dos pactos que fazemos consciente ou inconscientemente – pacto de leitura e escrita acadêmica, pacto narcísico da branquitude, pacto de

²⁵ Julio Cortázar, *Clases de literatura*, 2013, p. 144. [tradução minha]

²⁶ *Ibid.*, p. 162. [tradução minha]

²⁷ Clarice Lispector, *Um sopro de vida*, 1999, p. 19.

para terminar

colonialidade do saber – mas queria dizer, sobretudo, dos tensionamentos que surgiram nessa tentativa, melhor: nessas tentativas. O jogo perigoso que pratiquei aqui, pedindo – ou talvez mesmo exigindo – a cumplicidade de quem me lê, é uma tentativa de chamar a atenção para esses pactos que fazemos por convenção e/ou por conveniência. É também um convite a pensar junto as dificuldades e até as impossibilidades (pelo menos momentaneamente) dessas rupturas, mas também a satisfação de descobrir textos, autoras e autores – antigos ou novos – que propõem outras perspectivas de leitura da realidade, das relações entre as pessoas, da vida vivida, da sociedade, da palavra-mundo, da pesquisa em Educação.

Referências

A MÃO da limpeza. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. In: Raça Humana. Intérprete: Gilberto Gil. Kingston, Nova Iorque e Rio de Janeiro: Warner, 1984. LP, faixa 6, lado B.

ALMEIDA, Guilherme de. **Melhores poemas**. Rio de Janeiro: Global, 2013.

ALMEIDA, Sílvio de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: 2018.

AMARO, Vagner. Carambaia convida Rita Chaves e Vagner Amaro. Jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jPpktQyH06Q> . Acesso em: 30 mar. 2021.

ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**: do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. V. 6. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ANTUNES, Arnaldo. **As coisas**. Ilustrado por Rosa Moreau Antunes. 8ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, ano 8, 2000/1, , p. 229-236.

ANZALDÚA, Gloria. To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. In: KEATING, AnaLouise (Ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/too-queer-the-writer-loca-escritora-y-chicana-2nv8e3287rlk> . Acesso em 29 mar. 2021.

ANZALDÚA, Gloria. To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. Tradução: Tatiana Nascimento. In: KEATING, AnaLouise (Ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175. Disponível em: <https://brota.noblogs.org/files/2016/01/Queerizar-a-escritora-Gloria-Anzaldua.pdf> . Acesso em 29 mar. 2021.

referências

APIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

AQUARELA do Brasil. Intérprete: Gal Costa. Compositor: Ary Barroso. In: Aquarela do Brasil. Intérprete: Gal Costa. [S. l.]: Philips, 1980. LP, faixa 6, lado B.

BALDRAIA, Fernando. Entrevista à Folha de Pernambuco. Publicada em 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/entrevista-fernando-baldraia-comenta-os-desafios-na-edicao-de/149681/>. Acesso em 31 mar. 2021.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpyo, 1977.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003. p. 5-8

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance II**: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Beatriz Preciado, Liberar o feminismo das políticas identitárias. **Rede Universidade Nômade - Uninômade Brasil**, 9 maio 2014. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/liberar-o-feminismo-das-politicas-identitarias/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo, 2002.

Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, **Post colonial studies : the key concepts**. 2. ed. Taylor & Francis e-Library, 2007.

referências

- Blog da Companhia. Diversidade na Companhia das Letras, jul. 2020. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Diversidade-na-Companhia-das-Letras> . Acesso em 8 abr. 2021
- BONICCI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. História da eternidade. Tradução: Carmen Cirne Lima. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. V. 1. São Paulo: Globo, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. **História da eternidade**. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. **Historia de la eternidad**. Disponível em: www.librostauro.com.ar Acesso em 15 dez. 2019.
- BORGES, Jorge Luis. **Inquisiciones/Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção: como a arte reconfigura o mundo contemporâneo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.
- BRAZ, Eliana Peter. **Processos de subjetivação de um professor universitário interpelado pelas marcas identitárias de raça, classe e sexualidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução: Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- BROWN, Mano. Em comício no Rio, Mano Brown critica PT e é defendido por Chico e Caetano. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojQ0QuYDT9Q> . Acesso em 30 nov. 2018.
- BRUM, Eliane. **Meus desacontencimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.
- BRYLOWSKI, Laura Rose. **Como a teoria da branquitude influenciou pesquisadoras brancas entre 2012 e 2016**. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-

referências

Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2018.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Margaridas sem terra**: identidade em representação. Pelotas: UFPel, 2010.

CARDOSO, Lourenço da Conceição. **O branco diante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2014..

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrítica revisitada e as críticas. In: MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 33-52.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARTA CAPITAL. **Após críticas e protestos, uma FLIP mais diversa...** 26 jul. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/apos-criticas-e-protestos-uma-flip-mais-diversa/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CNJ – Conselho Nacional de Justiça. **Perfil sociodemográfico de magistrados brasileiros**. 2018. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br>. Acesso em 31 mar. 2021.

CORTÁZAR, Julio Cortázar. **Clases de literatura**. [S.l.]:Le Libros, 2013.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Tradução: Davi Arriguci Júnior; João Alexandre Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Tradução: Eric Nepomuceno. Companhia das Letras, 2019. Edição do Kindle.

CORTÁZAR, Julio. **Rayuella**. Montevideo: Santillana, 2013.

referências

- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Tradução: Davi Arriguci Júnior; João Alexandre Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COSTA, Cristiane. **Sujeito oculto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.
- Cristiane Costa, Confissões de uma ladra. Em: Azevedo, Luciene; Capaverde, Tatiana da Silva. **Escrita não criativa e autoria: curadoria nas práticas literárias do século XXI**, 2018, Edição do Kindle.
- CRUZ, Joice Mari Ferreira da. **“Limpeza, poder e privilégios”**: marcas da branquitude entre docentes da educação básica. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Contas a prestar**: O intelectual e a massa em "A hora da estrela," de Clarice Lispector. Revista de crítica literária latinoamericana, año XXVI, n. 51., Lima-Hanover, 1º sem. 2000, p. 83-98.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012. Edição do Kindle.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. **Cult**, 05 fev. 2018. Entrevista concedida à Amanda Massuela. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em 30 mar. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Radiografia da literatura brasileira. Entrevista. **Cândido - Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, n. 115, fev. 2021. Disponível em <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Regina-Dalcastagne#>. Acesso em 2 mar. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Sobre lacunas e silêncios**, 2020. Disponível em: <https://revistapessoa.com/artigo/3047/sobre-lacunas-e-silencios>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- DERRIDA, Jacques Derrida; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DUARTE, Leopoldo. **Sobre o termo “raça” e o que aprendi com Dolezal**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-o-termo-racae-o-que-aprendi-com-dolezal/>. Acesso em 16 abr. 2021.

referências

- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2017.
- EU te amo, meu Brasil. Intérprete: Os incríveis. Compositor: Dom (Eustáquio Gomes de Farias). In: Os incríveis. Intérprete: Os incríveis. São Paulo: RCA, 1970. CS, faixa 1, lado A.
- EU VOU te contar... Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Fauzi Arap. In: Pássaro Proibido. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Philips, 1977. LP, faixa 3.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. Nasci rodeada de palavras. Entrevista para o canal **Escrevendo o futuro**. Ago/2017. 2017c. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras> . Acesso em 16 abr. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Franz Fanon**. Anais do V Seminário Internacional de Lutas na América Latina. [S.l.]: [s.n.]. 2013. p. 216-232.
- FAUSTINO, Deivison Nkosi, **Reflexões sobre o Perigo de uma única história**. 2018. Disponível em: <https://deivisonnkosi.kilombagem.net.br/artigos/educacao/reflexoes-sobre-o-perigo-de-uma-unica-historia/#:~:text=Se%20o%20negro%20foi%20exclu%C3%ADdo,ou%20seja%2C%20CONTAR%20OUTRAS%20HIST%C3%93RIAS.&text=A%20chave%20para%20superarmos%20,ou%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20de%20fatos%20seq%C3%BCenciais> . Acesso em 31 mar. 2021.
- FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; VENTURINI, Anna Carolina Venturini. **Ação afirmativa: conceito, história e debates**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2018.

referências

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.

FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. 2016. **A poeta Ana Cristina Cesar será a próxima homenageada**. Disponível em: <http://paraty.com.br/mobile/flip2016/noticia.asp?id=6523> Acesso em: 30 mar. 2021.

FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. **Histórico**. Disponível em: <https://www.flip.org.br/historico/> Acesso em 30 mar. 2021.

FRANÇA, Jonas. **Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no Candomblé: espaços e responsabilidades**. Revista Calundu – vol.2, n.2, jul.-dez. 2018. p. 55-81.

FREIRE, Paulo Freire. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Myles Horton, Paulo Freire: organizado por Brenda Bell, John Gaventa e John Peters. Tradução: Vera Lúcia Mello Josceline. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRÓES, Jorge. **Estamos quites**. Porto Alegre: Vidrúguas: Escola de Poesia, 2015.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Tradução Eliane Zagury. [1967] 37ª edição. Rio de Janeiro: Record, [ano?].

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Como contar um conto**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Jorge, 1977.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Tradução: Eric Nepomuceno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

referências

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas - Dossiê Gênero e Sexualidade**, Pelotas, 18 n. 2, jan.-abr. 2018. 65-82.

GOMES, Heloísa Toller. Quando os outros somos nós: o lugar da crítica Pós-Colonial na universidade brasileira. **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v. 29, n. 2, p. 99-105, 2007.

GOMES, Laurentino. Prefácio. In: MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

GONZÁLES BERMEJO, Ernesto. **Conversas com Cortázar**. Tradução: Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI, 2016. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Helen Caldwell, Cecil Hemley e os julgamentos de Dom Casmurro. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 12, n. 27, p. 113-141, agosto 2019.

GUIMARÃES, Ruth. **Água funda**. São Paulo: Editora 34, 2018.

GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**: poesia. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

HADDAD, Fernando. **O Plano de Desenvolvimento da Educação**: razões, princípios e programas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, 5, 1995. 7-41. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/195/showToc>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência de notícias. Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos

referências

- brancos permanece, 2019a. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece> . Acesso em 9 abr. 2021.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados de 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado> . Dados de 2014 e 2020 – disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado> . Acesso em 31 mar. 2021.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas • Informacao Demografica e Socioeconomica, n.41, 2019. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681> . Acesso em: 9 abr. 2021.
- JESUS, Camila Moreira de. A persistência do privilégio da branca: notas sobre os desafios na construção da luta antirracista. In: MÜLLER, T. M. P.; CARDOSO, L. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 69-89.
- JESUS, Camila Moreira de. Branquitude x branquidade: análise conceitual do ser branco. **III Encontro Baiano de Estudos em Cultura**. Cachoeira, 2012.
- JESUS, Camila Moreira de. **O privilégio da branca na escola pública: uma etnografia no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia em Cachoeira – BA**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2014a.
- JESUS, Camila Moreira de. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 13, p. 73-87, mar-jun 2014b.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: Diário de uma ex-favelada. [S. l.]: Lebooks Editora, 2020. Edição do Kindle.
- JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2001.

referências

KERN, Daniela Kern. **Doze lições**. Porto Alegre: Bestiário, 2019. Edição do Kindle.

KILOMBA, G. Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba. **Instituto Goethe**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>>. Acesso em: out. 2017. Tradução: Jessica Oliveira.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LABORNE, Ana Amelia de Paula. **Branquitude em foco**: análises sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**: Madresposas, monjas, putas, presas y locas. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 2a. ed. . Edição do Kindle, 2015.

LEMOS, Rosemar Gomes. **Ubuntu**: as transformações através das ações afirmativas. Pelotas: UFPel, 2019.

LEÓN, Zenia de. Saudade dos jacarandás. **Diário Popular**, 18 nov. 2013. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opiniao/saudade-dos-jacarandas-76455/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

LETHEM, Jonathan. O êxtase da influência: um plágio. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza; Bruno Costa. In: **Revista Serrote**, n. 12. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. p. 117-147.

LIMA, Jorge de. Essa negra Fulô. In: MORRICONI, Italo. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 37-40.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOPES, Joyce Souza. **Lugar de branca/o e a/o “branca/o fora do lugar”**: representações sobre a branquitude e suas possibilidades de

referências

antirracismo. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

LOPES, Joyce Souza. Palestra no GE Pop Rua sobre branquitude e trabalho com populações vulneráveis destaca a racialização como questão fundamental nos atendimentos de saúde. **Defensoria Pública do Estado da Bahia**, 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.defensoria.ba.def.br/noticias/ge-pop-rua-sobre-branquitude-e-trabalho-com-populacoes-vulneraveis-destaca-a-racializacao-como-questao-fundamental-nos-atendimentos-de-saude/> . Acesso em 31 mar. 2021.

LOPES, Joyce Souza. **Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos Estudos Críticos da Branquitude**. Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. Londrina, 2013.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 141-153.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 141-153.

LORDE, Audre. O uso da raiva: mulheres respondendo ao racismo. **Portal Geledés**, 19 maio 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/> . Acesso em: 25 nov. 2018.

LOURINHA Bombril. Intérprete: Os paralamas do sucesso. Compositor: Diego Blanco / Bahiano (Los Pericos), versão de Herbert Vianna. In: Nove Luas. Intérprete: Os paralamas do sucesso. [S. l.]: EMI, 1996. CD, faixa 1.

MACHADO, Eliana Sambo. **Branquitude, gênero e performatividade no discurso de mulheres brancas acadêmicas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

MAE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MANDELBAUN, Belinda. Apresentação. In: SCHUCMAN, Lia Vainer. **Família inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: Edufba, 2018. p. 17-19.

referências

- MARTINS, Felipe. Projeto de tese (em elaboração). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e outros poemas**. Alfaguara, 2008. Edição do Kindle.
- MELO, Patrícia. **Escrevendo no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MESEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. **Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2015.
- MOIRA, Amara; NASCIMENTO, Tatiana. Apresentação: Literatura LGBTQ+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 61, p. 1–3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35293> . Acesso em 26nov2020.
- MORAES, Vinícius. **Antologia poética**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008712&bbm/7026#page/1/mode/2up> . Acesso em 13 out. 2020.
- MOREIRA, Carlos André. A Flip começa com críticas... à Flip. **GZH Livros**, 26 jun. 2016. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2016/06/flip-comeca-com-criticas-a-flip-6262501.html> . Acesso em 31 mar. 2021.
- MOREIRA, Thalita Ferreira. **Oquimbalaue: Negra sim! Negra sou! Escrita, teatro, resistência e educação**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) –

referências

- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2020.
- MORRISON, Toni Morrison. **A origem dos outros**. Tradução: Fernanda Abreu. Companhia das Letras. Edição do Kindle.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo** [recurso eletrônico]: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.
- NASCIMENTO, Tatiana. **A branquitude é um lugar de fala sobre o racismo**. 2019. Disponível em: <https://tatiananascimento.medium.com/a-branquitude-%C3%A9-um-lugar-de-fala-db7eae996f82> . Acesso em 16 abr. 2021.
- NASCIMENTO, Tatiana. **Leve sua culpa branca pra terapia**. 2020a. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/leve-sua-culpa-branca-pra-terapia> . Acesso em 31 mar. 2021.
- NASCIMENTO, Tatiana. **Não sou sua preta de estimação**. 2020b. Disponível em: <https://tatiananascimento.medium.com/n%C3%A3o-sou-sua-preta-de-estima%C3%A7%C3%A3o-d370fe4cdaf1> . Acesso em: 16 abr. 2021.
- NOGUEIRA, Bruno de Oliveira Santos Paiva. **Concurseiros**: Motivos e métodos para ingressar no serviço público. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- NUNES, Georgina Helena Lima. Universidade Federal de Pelotas e o processo afirmativo na inclusão étnico-racial no acesso e permanência ao ensino superior: primeiras reflexões. Em: NUNES, Georgina Helena Lima (ORG.). **Ações afirmativas nas Instituições Federais da Região Sul**: o desafio da permanência, avaliação e acompanhamento. Pelotas: UFPEL, 2016, p. 61-86.
- ORO, Ari Pedro Oro, As relações raciais nos terreiros do Rio Grande do Sul. **XX Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, 22-26 de outubro de 1996.
- PARENT IN SCIENCE. 2020. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19. Disponível em: <https://bit.ly/2ApPH10> . Acesso em: 31 mar. 2021.

referências

- PEREIRA, Edilene Machado. **A vivência de mulheres em cargos em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2015.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PINTO, Joana Plazo. Modernidade e diferença colonial nos discursos hegemônicos sobre língua no Brasil. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.2, p. 171-180, 2012.
- PIZA, Edit. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 59-90.
- PIZA, Edith. **Adolescência e racismo: uma breve reflexão**. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE. São Paulo. 2005.
- POBRE meu pai. Intérprete: Sérgio Sampaio. Compositor: Sérgio Sampaio. In: EU QUERO é botar meu bloco na rua. Gravadora Philips, 1972. LP, lado A, faixa 4.
- PRADO, Adélia. Com licença poética. In: PRADO, Adélia. Reunião de poesia: **150 poemas selecionados**. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- PRATA, Antonio. Bar ruim é lindo, bicho. In: PRATA, Antonio. **Meio intelectual, meio de esquerda**. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 30-32.
- PROUST, Marcel Proust. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. Tradução: Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- QUEIROZ, Rachel. **Pedra encantada e outras histórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. E-pub.
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

referências

RAMOS, Alberto Guerreiro Ramos. Patologia social do “branco” brasileiro. In: RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Editora da UFRJ, 1995, p. 215-240.

RAMOS, Maria da Graça Gomes; GARCIA, Tania Elisa Morales; NOGUEIRA, Maria da Graça Saraiva. A gestão do Reuni na UFPel: um olhar sobre a qualidade da expansão. **Desafio Online**, Campo Grande, v.1, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.desafioonline.com.br/wpcontent/uploads/artigo8-a-gestao-do-reuni-na-ufpel-um-olhar-sobre-a-qualidade-da-expansao.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

REZENDE, Maria Valéria Rezende. Entrevista. **Revista Malembe**. 2017. Disponível em: Disponível em: <https://senhoradaspalavrasblog.wordpress.com/2017/08/18/revista-malembe-entrevista-a-escritora-maria-valeria-rezende/>. Acesso em: 13 maio 2020

REZENDE, Maria Valéria, **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. Entrevista a Marcelino Freire. **Canal Reverbera**, em 27/02/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MMXPkadOPTk>> . Acesso em: 10 mar. 2020.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

RIBEIRO, Gabriela Machado. **As repercussões do Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais-Reuni no fazer docente de professores universitários**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SACCO, Helene Gomes. **A (re) fábrica: um lugar inventado entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SANTA CRUZ, Victoria. **Me Gritaron Negra**. Performance de Thalita Ferreira Moreira: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zdxrpmKd36s> . Acesso em 30 mar. 2021. Performance de Vitória Santa Cruz: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0> . Acesso em: 30 mar. 2021.

referências

SANTIN, Andria Caroline Angelo, **O Desenvolvimento Local e a relação com as Políticas Públicas REUNI e SISU: O Estudo de caso da Universidade Federal de Pelotas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SAPATO velho. Intérprete: Roupas Novas. Compositores: Mu Carvalho, Maurício Tapajós, Cláudio Nucci. In: Roupas Novas. Intérprete: Roupas Novas. [S. l.]: Polygram, 1981. LP, faixa 1, lado A.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Cefet-SP, 2001.

SCHUCMAN, Lia Vainer. É racismo quando um negro discrimina um branco apenas por ter nascido branco? **Catarinas – jornalismo com perspectiva de gênero**. 20 fev. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/e-racismo-quando-um-negro-discrimina-um-branco-apesas-por-ter-nascido-branco/?fbclid=IwAR2lW7NgYRWGw1NyyrYlXnPAVqsfBua-9KYeWeH1k18L9dhdXYwuxPyvmWc> Acesso em 25 fev 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Família inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: Edufba, 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer. O que o 'medo branco' tem a dizer sobre lugar de fala, raça, Beyoncé e cancelamento. **Folha de São Paulo**, 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/08/o-que-o-medo-branco-tem-a-dizer-sobre-lugar-de-fala-raca-beyonce-e-cancelamento.shtml> . Acesso em 31 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. 11ª reimpressão. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENA, Junno Sena. Prefácio. In: SENA, Junno. (org.) **Coletânea Afrofuturismo**. [S. l.]: Recorte, 2018.

referências

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. **É fogo!** Porto Alegre: M. H. da Silveira, 1987.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. História da vida. In: SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. **Meu nome pessoa:** três momentos de poesia. Porto Alegre: M.H. V. Silveira, 1989, p. 9.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. **O sol de fevereiro.** Porto Alegre: M. H. Silveira, 1991.

SILVEIRA, Oliveira. **Charqueada grande**, Disponível em: <http://ielrs.blogspot.com/2015/11/charqueada-grande-oliveira-silveira.html> . Acesso em: 31 mar. 2021.

SILVEIRA, Oliveira. **Outra Nega Fulô.** 1988. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/11-textos-dos-autores/847-oliveira-silveira> . Acesso em: 31 mar. 2021.

SOARES, Magda. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? Em: MOREIRA, Antônio Flávio [et. Al.]. **Para quem pesquisamos:** para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2001, p. 65-90.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil. In: (ORG.), V. W. **Branquidade:** identidade branca e multiculturalismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 363-386.

SOVIK, Liv. Por que tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 3, n. 2, p. 159-180, jul.-dez. 2005.

SOY LOCO por ti América. Intérprete: Caetano Veloso. Compositores: Gilberto Gil e José Carlos Capinan. In: CAETANO Veloso. Intérprete: Caetano Veloso. [S. l.]: Philips Records, 1968. LP, faixa 10, lado B.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Crítica de la razón pós-colonial:** hacia una historia del presente evanescente. Traducción: Marta Malo de Molina. Madrid: Akal, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. The Rani of Sirmur: na essay in Reading the archives. **History and Theory**, Vol. 24, N. 3 (Oct., 1985), p. 247-272. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2505169> . Acesso em: 15 out. 2020.

referências

- TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch. **Sem trama e sem final**: 99 conselhos de escrita. Tradução: Homero Freitas de Andrade. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- TÔ. Intérprete: Tom Zé. Compositores: Tom Zé e Elton Medeiros. In: Estudando o samba. Gravadora Continental, 1976. LP, lado A, faixa 4.
- TODOROV, Tzvetan Todorov. **A conquista da américa**: a questão do outro. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- TOKARCZUK, Olga Tokarczuk. **Sobre os ossos dos mortos**. Tradução: Oga Bagińska-Shinzato. São Paulo: Todavia, 2019. Edição do Kindle.
- TORRES, Fernanda. **A glória e seu cortejo de horrores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- UN CUENTO chino. Produção: Buena Vista Internacional; Pampa Films; Tornasol Films. Direção: Sebastián Borensztein. Argentina; Espanha, 2011. 93 min, 2011.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos**. Pelotas, 2019. Revisão técnica de Aline Herbstrith Batista, Dafne Silva de Freitas e Patrícia de Borba Pereira. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/normas-da-ufpel-para-trabalhos-academicos/>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- VENTURINI, Anna Carolina. As políticas de ação afirmativa em cursos de graduação. **Nexo Políticas Públicas**, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2020/As-pol%C3%ADticas-de-a%C3%A7%C3%A3o-afirmativa-em-cursos-de-gradua%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 15 jan. 2021.
- VIGNA, Elvira. **Por escrito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- VILLA-FORTE, L. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

referências

WARE, Vron (org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Tradução: Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

WERNECK, Paulo. Em: Flip terá número recorde de autoras e quer ser 'das mulheres' nesta edição. Cauê Muraro. **G1**. 29/06/2016. Entrevista. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/2016/noticia/2016/06/flip-tera-numero-recorde-de-autoras-e-quer-ser-das-mulheres-nesta-edicao.html> . Acesso em 30 mar. 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2017.

XAVIER, Giovana. Carta aberta à Festa Literária Internacional de Parati – Cadê as Nossas Escritoras Negras na FLIP 2016? **Conversas de historiadoras**, 27 jun. 2016. Disponível em: <https://conversadehistoriadoras.com/about/> Acesso em: 30 mar. 2021.

YÁ YÁ Massemba. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Roberto Mendes e Capinam. In: Brasileirinho. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Biscoito Fino, 2003. CD, faixa 2.

ZILBERMAN, Regina. O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014). **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 50, p. 424-443, jan./abr. 2017.